



LC/BRS/R.187
Outubro de 2007
Original: português

CEPAL
COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA E O CARIBE
Escritório no Brasil

Análise comparada da evolução das estruturas produtivas nos países da América do Sul

Trabalho realizado por Marcos Panariello, no âmbito do Convênio PNUD/CEPAL/NAE, para elaboração de estudos sobre os sistemas industriais na América Latina. As opiniões são de exclusiva responsabilidade do autor e não refletem, necessariamente, a posição das instituições envolvidas.

APRESENTAÇÃO

O presente Estudo procura examinar as alterações da estrutura de produção dos países da América do Sul, ocorridas a partir de meados da década dos 90, entre outros objetivos para avaliar se vem aumentando ou diminuindo o grau de heterogeneidade entre as suas economias, particularmente com relação ao Brasil, e examinar as possibilidades de complementaridade entre os parques produtivos dos países da Região, também sob o ponto de vista da economia brasileira.

O Trabalho está dividido em quatro Capítulos. No primeiro é apresentado e analisado um conjunto de indicadores que tem por objetivo retratar – para os anos de 1995, 2000 e 2005 (ou o último ano para o qual as informações estejam disponíveis) as características estruturais da produção, do emprego e da produtividade das economias da Região, bem como as possibilidades de complementaridade entre essas economias com a brasileira. No segundo é avaliada a estrutura do comércio exterior dos referidos países, inclusive para examinar a existência de disparidades entre essa estrutura e a do produto. No capítulo III compara-se o esforço tecnológico dos países entre si e *vis à vis* aos Estados Unidos da América, com o intuito de detectar se, por influência de eventuais níveis diferenciados de esforço tecnológico, poder-se-ia esperar uma atenuação das disparidades regionais de desenvolvimento. O Capítulo IV é dedicado às principais conclusões. O Trabalho inclui também dois Anexos: a) um Anexo Estatístico; b) um Anexo com indicação e pequena resenha da literatura disponível sobre o tema em exame.

A necessidade de garantir a comparabilidade de informações, nos levou a optar pela utilização de dados agregados, e elaborados com base em metodologias e classificações comuns (ex: contas nacionais dos países, informações do Programa de Análises da Dinâmica Industrial – PADI/CEPAL, e base de dados da CEPAL sobre comércio exterior, -BADECEL). No entanto, sempre que disponíveis, foram utilizados indicadores com menor agregação – mesmo que não cobrindo todos os países e períodos considerados neste Estudo – para permitir uma melhor análise das heterogeneidades produtivas na Região, incluindo informações constantes de estudos listados no Anexo II.

INDICE

1. Estrutura da Produção e do Emprego	pág. 3
2. Estrutura do Comércio Exterior	pág 24
3. Indicadores de C&T e Inovação	pág 34
4. Principais Conclusões	pág. 39
- Anexo Estatístico	
- Anexo de Estudos e Pesquisas	

I. América do Sul: Indicadores da Estrutura Produtiva, do Comércio Exterior e do Esforço Tecnológico

Neste Capítulo são apresentados indicadores agregados de tamanho, estrutura produtiva e composição do comércio exterior, bem como de esforço tecnológico dos 10 principais países da América do Sul, ou seja: Brasil, Argentina, Colômbia, Venezuela, Chile, Peru, Equador, Uruguai, Paraguai e Bolívia.

Conforme previsto nos Termos de Referência deste Estudo, os indicadores selecionados têm por objetivo permitir avaliações sobre as assimetrias e mudanças estruturais das economias dos países da Região em 2000 e 2005, em relação ao ano de 1995. Em alguns casos, são feitas também comparações com dados da economia dos Estados Unidos da América (EUA) para avaliar disparidades de desenvolvimento relativo. Foram utilizadas as seguintes principais bases de dados: a) Contas Nacionais dos países, constantes dos Relatórios Estatísticos da CEPAL; c) dados do Programa de Análisis de la Dinámica Industrial - PADI/CEPAL; d) base de dados da CEPAL sobre comércio exterior, conhecida como BADECEL; e) indicadores consolidados de Ciência e Tecnologia da Rede de Indicadores de Ciência e Tecnologia – Ibero-americana e Interamericana (RYCT), além de resultados de algumas pesquisas nacionais de inovação.

1. Estrutura da Produção e do Emprego

Para a avaliação consolidada da estrutura do produto regional, são utilizados dados do valor agregado (em dólares correntes e constantes) referentes aos anos de 1995, 2000 e 2005, cuja tabulação é apresentada nas Tabelas 1 (1.1 a 1.10) e 2 (2.1 a 2.9) do Anexo Estatístico. Os dados – apresentados para cada um dos dez países mencionados e para o total da América do Sul - estão também desagregados em 9 classes de atividades econômicas, ou seja: a) agricultura, caça, silvicultura e pesca; b) mineração; c) indústria de transformação; d) eletricidade, gás e água, e) construção civil; f) comércio atacadista, hotéis, bares e restaurantes; g) transporte, armazenagem e comunicações; h) finanças e seguros; i) serviços comunitários, sociais e pessoais.¹

Com base nessas informações, são feitas a seguir análises sobre: i) a participação de cada um dos países no valor agregado total da América do Sul, desagregada pelos nove agrupamentos setoriais acima mencionados; ii) a estrutura do produto dos dez países da América do Sul, também com base no mesmo detalhamento setorial; iii) a evolução do valor agregado da produção e da distribuição do pessoal ocupado, segundo três grandes agrupamentos setoriais (agricultura, indústria e serviços), inclusive para obter indicador de evolução da produtividade.

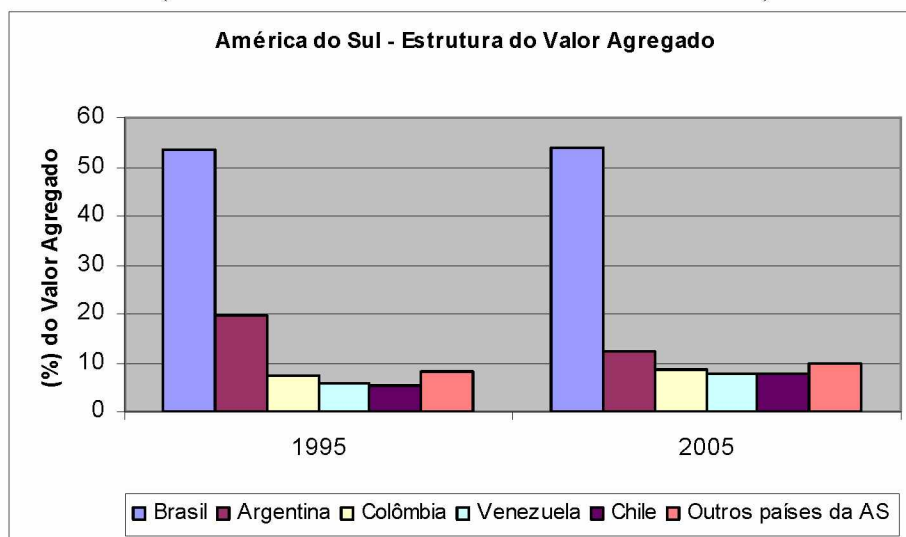
¹ Dados obtidos no Relatório Estatístico da CEPAL (fornecidos pelos respectivos países). O detalhamento setorial é baseado no Sistema de Contas Nacionais das Nações Unidas (revisão. 3) e na Classificação Industrial Uniforme de todas as atividades econômicas (CIIU, Revisão 2).

Além disto, para permitir um retrato mais detalhado da estrutura industrial dos países da Região, é utilizada a base de dados do PADI, além de alguns dados de produção física de segmentos industriais específicos.

1.1 Participação de cada país no produto gerado pela América do Sul

São flagrantes as assimetrias de tamanho entre a maior economia da América do Sul, o Brasil, e a dos demais países da América do Sul. Com exceção do ano de 2000, quando a economia brasileira perdeu um pouco de peso no produto total da Região, entre 1995 e 2005 a participação brasileira – quando a comparação é feita a preços correntes – permaneceu praticamente inalterada, tendo representado mais da metade do produto total da América do Sul, ou seja 53,6% em 1995 e 54% em 2005. Neste último ano, o Brasil foi seguido em importância pela Argentina (12,2% do produto regional), Colômbia (8,4%), Chile (7,8%), Venezuela (7,7%) e Peru (5,2%). A somatória das participações de Equador, Uruguai, Paraguai e Bolívia alcançou, em 2005, menos do que 5 % do valor agregado total da Região. Chama atenção a forte queda do peso da Argentina no produto regional (a preços correntes de mercado), que caiu de 22,5% em 2000 para apenas 12,2% em 2005 – contra crescimento de participação da maioria das outras economias.

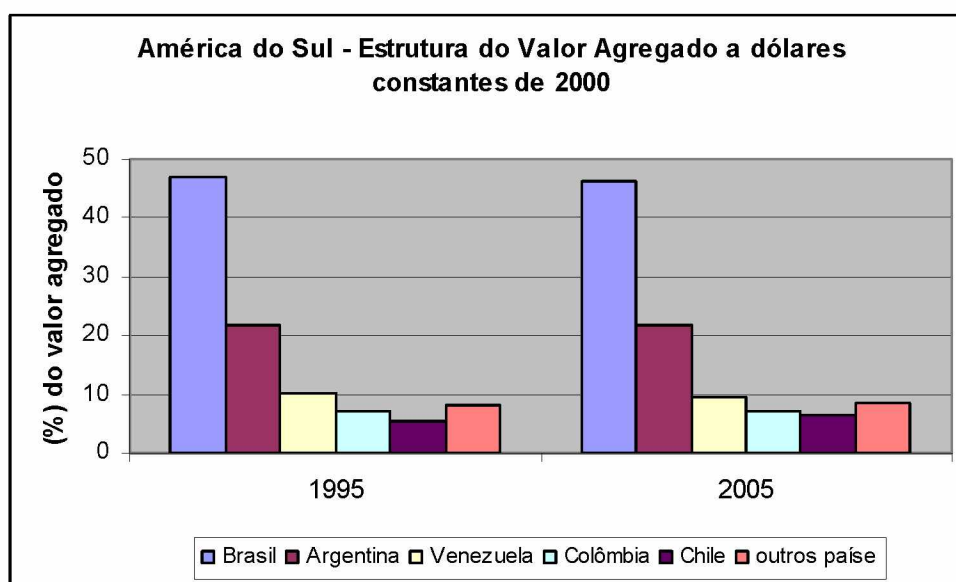
(calculada com base em US\$ milhões correntes)



Em 2005, o valor agregado gerado pela economia brasileira foi, a preços correntes, quase 4,5 vezes maiores do que a Argentina e 7 vezes maior do que cada uma das economias da Venezuela, Colômbia e Chile. Além disto, a soma dos produtos do Peru, Equador, Uruguai, Paraguai e Bolívia foi 5,4 vezes menor do que a do Brasil neste ano (com ligeira melhora em relação a 1995, quando foi 6,6 vezes menor do que o valor agregado pela economia brasileira).

A título de comparação, note-se que o valor agregado pela economia dos EUA foi em 2005 quase 8 vezes maior do que o da América do Sul (seis vezes maior em 1995). Em relação ao Brasil foi 14,5 vezes maior em 2005 (11,5 vezes maior em 1995).

Quando a comparação é feita com base em valores constantes (dólares de 2000), a participação brasileira no valor agregado total da América do Sul fica pouco abaixo de 50% do total nos três anos considerados, seguida em tamanho pela Argentina (21,8% de participação em 2005), Venezuela (9,6% em 2005), Colômbia (7,1%) e Chile (6,5%). Na comparação a preços constantes de 2000, a Venezuela supera a Colômbia, e passa a ser responsável pelo terceiro maior produto da Região em 2005, sendo que o valor agregado pela economia brasileira em 2005 fica sendo pouco maior do que o dobro do gerado pela economia da Argentina (contra mais de 4 vezes na comparação a preços correntes).



O maior peso relativo da economia brasileira é observado no segmento de *Serviços Comunitários, Sociais e Pessoais*. Neste setor, a participação brasileira no valor agregado total da América do Sul ficou estabilizado, a preços correntes, em cerca de 63% nos anos 1995 e 2005 (atingindo 54% em 2000). A Argentina apresentou uma perda substantiva de participação entre 2000 e 2005 (20,6% para 9,1%), ao contrário do que aconteceu com a Colômbia que elevou sua participação de 5,6% em 1995, para 6,9% em 2000 e 8,3% em 2005. A preços constantes de 2000, a participação brasileira foi superior a 50% do total em 2005 (52,7%), contra 20,6% da Argentina e 8,4% da Venezuela.

Na *Indústria de Transformação*, o peso do Brasil cresceu de 58,8% em 1995 para quase 61% do total da América do Sul em 2005 (a preços correntes). O produto da indústria brasileira foi 4,4 vezes maior do que a indústria argentina em 2005, aproximadamente 9,9 vezes superior do que cada um dos produtos gerados pelas economias da Colômbia, Venezuela e Chile, e 9,3 vezes superior ao somatório do valor agregado pelas indústrias de transformação do Peru, Equador, Uruguai, Paraguai e Bolívia.

A preços constantes de 2000, o peso do produto da *indústria de transformação* brasileira no total do setor na América do Sul, a despeito de continuar sendo preponderante, foi substancialmente inferior ao resultante da comparação a preços correntes. A participação brasileira no total atingiu pouco mais de 52% em 2005, contra 20,6% da indústria de transformação argentina (ou seja, nessa comparação, o produto gerado pela indústria de transformação brasileira foi, em 2005, mais do que 2 vezes superior ao argentino, e mais de 5 vezes superior ao venezuelano).

O valor agregado pelo *setor agrícola* brasileiro é também substancialmente maior do que o dos demais países, tanto na comparação a preços correntes como na que considera os preços de 2000. Nos anos considerados, representou sempre mais da metade do valor agregado total da América do Sul (preços correntes), onde as duas outras economias com maior relevância no setor foram a Argentina (14,2% de participação em 2005) e Colômbia (12,3% em 2005). A preços constantes, a situação não se altera substancialmente. Em 2005, os três maiores produtores continuam sendo Brasil (52%), Argentina (15,1%) e Colômbia com 11,5% do total do valor agregado da América do Sul.

Nos três anos considerados, a economia brasileira foi responsável por mais da metade do valor agregado (a preços correntes) da América do Sul no setor de *Eletricidade, Gás e Água*, na indústria de *Construção Civil* e no setor de *Finanças e Seguros*. Em *Eletricidade, Gás e Água*, o valor agregado pelo Brasil representou cerca de 60% do produto total da Região em 2005, seguido de longe pela Colômbia (com 12,2%). Em 2005, o valor agregado pela economia argentina no setor de *Eletricidade, Gás e Água* não alcançou nem 7% do total do produto da América do Sul, depois de uma participação de aproximadamente de 17,5% em entre 1995 e 2000 (a preços constantes o peso do produto da Argentina alcançou 19,3% em 2005).

Os únicos setores nos quais o Brasil apresenta participações um pouco menos significativas são nos de *Transporte, Armazenagem e Comunicações*, no setor de *Mineração* e no *Comércio Atacadista*. No setor de *Mineração*, o valor agregado pelo Brasil é inferior, na comparação a preços constantes, ao da Venezuela em todos os anos considerados, muito embora a participação brasileira tenha crescido entre 1995 e 2005 (passando de 20,1% do total do VA da América do Sul para 25,6%). Nestes dois anos, a participação venezuelana foi de 38,6% e 31,7%, respectivamente. Na área de *Transporte, Armazenagem e Comunicações*, o VA brasileiro é pouco maior do que o argentino (também a preços constantes). Já no setor de *Comércio Atacadista, Hotéis, Bares e Restaurantes*, o valor agregado pelo Brasil é ligeiramente inferior ao da Argentina nos três anos considerados.

1.2. Estrutura setorial do produto de cada um dos países da América do Sul

Com relação ao perfil produtivo de cada país (levando-se em conta os mesmos setores utilizados na análise anterior e tendo por base preços correntes), observa-se uma relativa simetria entre Brasil e Argentina, particularmente no ano de 2005, quando o peso da *indústria de transformação* nos dois países é praticamente igual (em torno de 23%), sendo a participação do *setor agrícola* no produto total argentino um pouco superior do

que no Brasil (9,4% contra 8,0%). Também no *setor de mineração* não se verifica muita diferença entre o perfil produtivo do Brasil e da Argentina (4,6% de participação no Brasil e 5,8% na Argentina, em 2005). As maiores disparidades na estrutura produtiva dos dois países são observadas nos setores de *Transportes e Comunicações* (Brasil com 4,8% e Argentina com 9%, em 2005); *Comércio Atacadista, Hotéis, Bares e Restaurantes* (Argentina com 14,3% e Brasil com 7,2% em 2005) e *Serviços Comunitários, Sociais e Pessoais* (Brasil com 25,9% contra apenas 16,4% da Argentina, em 2005).

Entre os países cuja estrutura do produto mostra um peso mais expressivo do *setor agrícola* (considerando a média de 8,1% de participação desse setor na América do Sul, em 2005), destacam-se: Paraguai (24% em 2005); Bolívia (14,4% em 2005) e Colômbia (11,9% em 2005). Em contrapartida, a estrutura do produto dos mencionados países mostra uma participação da indústria de transformação abaixo da média da América do Sul, que foi de 20,4% em 2005, ou seja: Bolívia (13,8% de participação, em 2005), Colômbia (14,2%, em 2005) e Paraguai (15,6%, em 2005).

Os países que apresentam um perfil produtivo muito marcado pela presença do *setor mineral* são: a Venezuela (24,1% do valor agregado total em 2005); o Equador (22% em 2005); e o Chile (17% em 2005).

A comparação da estrutura do valor agregado dos países da América do Sul com a dos EUA revela profunda assimetria, em função, principalmente, do peso muito mais expressivo na economia americana do setor de serviços, que atingiu, em 2005, mais de 50% do valor total do produto, contra cerca de 22% na América do Sul.

1.3 Valor Agregado e Emprego

Nas Tabelas 3 e 3.1 do Anexo Estatístico, são apresentadas, para cada país considerado neste Estudo e para os anos de 1995, 2000 e 2005, comparações entre a distribuição do produto (a preços de 2000) com a distribuição da população ocupada, segundo três setores: Agricultura, Indústria e Serviços. Além de permitir a avaliação da evolução real do produto em cada um dos três setores mencionados nos 10 países e para o conjunto da América do Sul, os dados servem como uma “proxy” da evolução da produtividade da mão de obra nesses países.

Podem ser destacados os seguintes pontos:

- a) entre 1995 e 2005, o crescimento real do valor agregado pela produção da América do Sul foi de apenas 24% (no período o Brasil cresceu 23%), com maior intensidade de crescimento nos casos do Chile (39,4%), Peru (38,7%) e Bolívia (37,9%). Os países menos dinâmicos da Região foram o Uruguai e o Paraguai (13% de crescimento real acumulado no período) e a Venezuela (15,7% de crescimento real);
- b) o *setor agrícola* foi o que mais cresceu na América do Sul - acumulado de 35,3% período 1995-2005, seguido da *Indústria* com um crescimento de 22,2%

acumulado no mesmo período. No *setor agrícola*, o Brasil cresceu quase 42% entre 1995 e 2005, taxa inferior, no entanto, à obtida pelo Chile (56,8%), Equador (55,4%) e Peru (50,2%). No *setor industrial*, a economia brasileira apresentou crescimento de 20,9% entre 1995 e 2005, abaixo, portanto, da média da América do Sul, destacando-se, neste setor, o desempenho do Peru (43,3% de crescimento real entre 1995 e 2005) e do Chile (40,4% de crescimento).

- c) Apesar da precariedade do exercício, a comparação entre a estrutura do valor agregado e a da população ocupada em cada país revela alguns aspectos interessantes: i) o Brasil apresentou forte aumento de produtividade (da mão de obra) no *setor agrícola*, em contrapartida a uma redução de produtividade na *Indústria* e nos *Serviços*, particularmente quando se considera o período 1995 – 2005, isto é a evolução do valor agregado no Brasil cresceu menos do que a participação da população ocupada nestes dois setores; b) entre os países para os quais os dados estão disponíveis, apenas Brasil e Paraguai apresentam uma redução da produtividade na *Indústria* entre 1995 e 2005; note-se que, no caso brasileiro, a participação do produto do setor industrial no valor agregado total do País ficou inalterada nos três anos, em torno de 36%, enquanto que o peso da população ocupada neste setor cresceu de 20% em 1995 para 22% em 2005 (depois de cair para 19% em 2000); c) no *setor industrial*, as maiores relações entre peso no produto/participação da população ocupada (e os maiores crescimento dessa relação) são verificadas nos casos do Peru (1,92 em 1995 e 2,34 em 2005) e Venezuela (1,92 em 1995 e 2,4 em 2005).

1.4 - Estrutura Industrial dos Países e níveis de produtividade da mão de obra (base de dados PADI)

Para esta análise é utilizada a base de dados do Programa de Análisis de la Dinámica Industrial – PADI, sistema desenvolvido pela Divisão de Desenvolvimento Produtivo e Empresarial da CEPAL. O Sistema tem o objetivo de aprimorar a análise sobre a evolução dos processos de transformação do setor de manufaturados na América Latina e Caribe (abrangendo 26 países). Cobre um conjunto amplo de variáveis (valor bruto da produção, emprego, produtividade do trabalho, etc), com informações desde o ano de 1970 até o último ano para o qual as estatísticas dos países estejam disponíveis. Para os 10 países e períodos considerados neste Estudo, há, no entanto, lacunas importantes de informações, razão pela qual as comparações efetuadas neste Estudo cobrem apenas alguns países e algumas poucas variáveis, mesmo assim com defasagens temporais importantes.

Os valores registrados no PADI estão expressos em dólares de 1985, utilizando, para tanto, a taxa de câmbio do Fundo Monetário Internacional (taxa média anual). Cabe também destacar que as fontes utilizadas no Sistema PADI incluem, principalmente, dados dos censos industriais e pesquisas industriais realizadas pelos países.

Nas Tabelas de 4 a 10 do Anexo Estatístico são apresentados os dados do valor agregado da produção, extraídos do PADI, referentes às indústrias de transformação do Brasil, Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Peru e Uruguai, segundo 28 subsetores da “Classificação Industrial Internacional Uniforme do Todas as Atividades Econômicas”

(CIIU versão 2). Os dados cobrem três anos (1995, 2000 e o último ano disponível para cada país). No Quadro a seguir estão sintetizadas algumas características da estrutura produtiva da indústria de transformação dos mencionados países.

Quadro I - Concentração da Estrutura Produtiva da Indústria de Transformação

País	1995	Último ano disponível
Brasil	Pouco mais de 61% do valor agregado gerado por 7 setores: prod.alimentícios (11,4%), máquinas não elétricas (10,4%); máquinas elétricas (9,8%); ferro e aço (8,2%); equipamentos de transporte (7,8%); refinarias de petróleo (7,4%); indústria química (6,4%).	Em 2002, 59% do valor agregado gerado por 5 setores: prod. alimentícios (13,7%), máq não elétricas (10,3%), maq elétricas (10,2%), refinarias de petróleo (8,5%), equipamento de transporte (8,1%), ferro e aço (8 %).
Argentina	Quase 60% do VA concentrado em 5 setores: prod alimentícios (31,1%), ferro e aço (7,9%), têxteis (7%), bebidas (6,6%) e equip de transporte (6,4%).	Em 2004, 58,2% do VA concentrado em 5 setores: prod alimentícios (30,2%), ferro e aço (9,4%), refinarias de petróleo (7,2%), bebidas (6,7%), equip de transporte (6,2%).
Bolívia	Cerca de 68% do VA em três setores: refinarias de petróleo (36,8%), prod alimentícios (19,1%), bebidas (11,6%)	Em 2001, 60,7% do VA em dois setores: refinarias de petróleo (32,6%), e prod alimentícios (28,1%).
Chile	53,7% do VA concentrado nos setores de prod alimentícios (22,7%), metais não ferrosos (10%), outros químicos (8,5%), papel e celulose (6,9%) e refinarias de petróleo (5,6%).	Em 2002, 52% do VA em 5 setores: prod alimentícios (23,6%), outros químicos (10,2%), metais não ferrosos (9,5%), refinarias de petróleo (6,6%) e bebidas (5,6%).
Colômbia	Cerca de 50% do VA em 5 setores: prod alimentícios (20,7%), bebidas (8,7%), outros químicos (7,7%), têxteis (6,8%), papel e celulose (6,3%).	Em 2002, cerca de 50% do VA em 5 setores: prod alimentícios (21,6%), bebidas (7,2%), têxteis (7,2%), outros químicos, (6,8%), refinarias de petróleo (6,5%).
Peru	55% do VA em 6 setores: prod alimentícios (19,8%), outros minerais não metálicos (9,3%), refinarias de petróleo (8,3%), bebidas (6,1%), têxteis (5,8%), outros químicos (5,6%).	Em 2003, cerca de 54% do VA em 6 setores: prod alimentícios (15,8%), outros minerais não metálicos (9,6%), móveis (8,7%), bebidas (6,9%), produtos de madeira (6,5%), têxteis (6,1%).
Uruguai	Mais de 53% do VA em 4 setores: prod alimentícios (27,1%), bebidas (12,2%), refinarias de petróleo (8,5%), e tabaco (5,4%).	Em 2001, quase 57% do VA em 4 setores: prod alimentícios (27,8%), bebidas (11,2%), refinarias de petróleo (10%) e tabaco (7,9%).

Para fins de comparação do tamanho relativo da indústria brasileira, no Quadro a seguir são apresentados indicadores que medem - para alguns setores selecionados e tendo por base o valor agregado do último ano disponível no PADI - o número de vezes que o produto industrial do Brasil é maior do que o dos demais países da América do Sul. Como pode ser facilmente observado, é muito grande, praticamente em todos os setores, a disparidade de tamanho entre o produto gerado pela indústria brasileira e a dos demais países considerados. Em termos agregados, a menor diferença de tamanho é verificada entre as indústrias do Brasil e da Argentina, com uma relação inferior a 2 no caso da fabricação de produtos alimentícios, mas muito elevada nos setores mais ligados à fabricação de bens de capital (a produção do setor de maquinaria não elétrica no Brasil é quase 17 vezes maior do que na Argentina). Além disto, deve-se levar em conta que os

dados de valor agregado da Argentina referem-se ao ano de 2004 e os do Brasil ao ano de 2002.

Quadro II – Número de vezes que a indústria brasileira é maior do que a de outros países da América do Sul (com base no Valor Agregado do último ano disponível no PADI)

	Argentina	Bolívia	Chile	Colômbia	Peru	Uruguai
Ind. De Transformação	3,5	73,1	8,3	9,6	13,2	67,0
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	1,6	35,4	5,0	6,1	11,4	30,5
TEXTEIS	4,1	228,6	22,2	6,5	10,7	108,4
CALÇADOS	7,7	113,4	9,8	21,5	88,5	1255,2
MÓVEIS	4,5	279,0	8,0	43,0	0,9	78,3
PAPEL E CELULOSE	3,6	471,4	5,3	4,4	18,9	86,4
INDÚSTRIA QUÍMICA	3,9	1156,9	11,3	9,8	74,3	170,8
OUTROS QUÍMICOS	2,9	56,3	3,9	6,7	13,7	66,5
REFINARIAS DE PETRÓLEO	4,2	18,8	11,0	12,5	19,2	52,6
FERRO E AÇO	3,0	3117,3	19,3	17,5	34,3	1112,7
METAIS NÃO FERROSOS	6,8	193,3	2,2	36,0	5,6	435,5
MAQUINARIA NÃO ELÉTRICA	12,4	9058,2	25,6	39,4	220,9	603,9
MAQUINARIA ELÉTRICA	16,9	3171,5	110,2	42,6	117,4	171,4
EQUIPAMENTO DE TRANSPORTE	4,6	6536,1	37,8	12,8	146,5	251,1

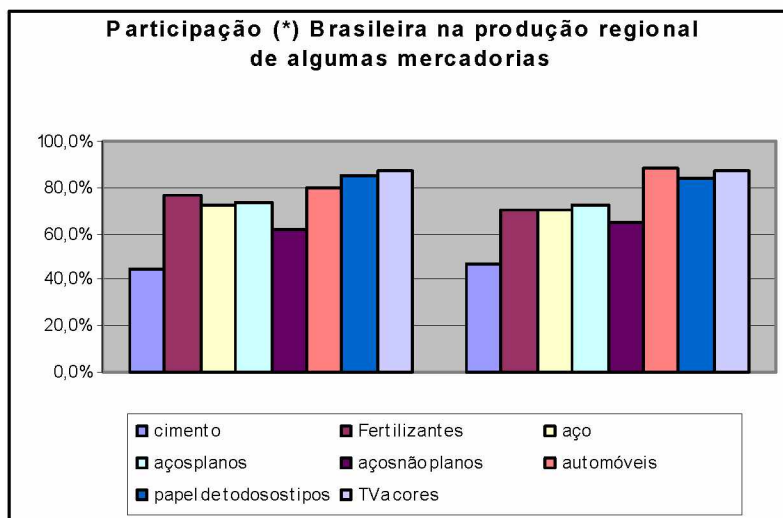
Com o objetivo de permitir uma comparação mais detalhada da evolução do tamanho relativo das indústrias das duas maiores economias da Região, o Quadro a seguir indica – para os 28 subsetores - o número de vezes que o produto industrial brasileiro é maior do que o argentino, considerando os anos de 1995 e o último ano para o qual estão disponíveis informações no PADI (2002 para Brasil e 2004 para Argentina). Para o total da indústria de transformação, não se identifica redução da assimetria de tamanho entre os dois países – ou seja, o produto da indústria de transformação brasileira mantém-se 3,5 superior ao da Argentina.

Contudo, no caso de 17 setores industriais (dos 28 considerados) observa-se, em parte devido a se estar utilizando dados mais defasados para o Brasil, uma redução da diferença de tamanho, com destaque para a indústria de calçados e produtos plásticos. Os únicos subsetores nos quais a indústria brasileira é menor do que a argentina são os de bebidas e fumo (tabaco).

Quadro III - Número de vezes que a indústria brasileira é maior do que a da Argentina (Valor Agregado do Brasil em 2002/Valor Agregado da Argentina em 2004, dados PADI)

	1995	2004 1/
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	3,5	3,5
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	1,3	1,6
BEBIDAS	0,8	0,5
TABACO	0,9	0,5
TEXTEIS	2,7	4,1
ROUPAS	13,1	11,1
PRODUTOS DE COURO	2,2	1,2
CALÇADO	14,5	7,7
PRODUTOS DE MADEIRA	3,3	2,9
MÓVEIS	3,0	4,5
PAPEL E CELULOSE	4,5	3,6
IMPRENSA E PUBLICAÇÕES	9,1	10,5
INDÚSTRIA QUÍMICA	5,4	3,9
OUTROS QÍMICOS	3,2	2,9
REFINARIAS DE PETRÓLEO	4,0	4,2
PETRÓLEO E PRODUTOS DE CARVÃO	1,6	1,1
PRODUTOS DE BORRACHA	2,5	2,2
PRODUTOS PLÁSTICOS	10,7	7,4
CERÂMICA	1,8	2,3
VIDRO	1,7	1,3
OUTROS MINERAIS NÃO METÁLICOS	4,0	5,3
FERRO E AÇO	3,7	3,0
METAIS NÃO FERROSOS	9,3	6,8
PRODUTOS DE METAL	2,7	3,7
MAQUINARIA NÃO ELÉTRICA	15,2	12,4
MAQUINARIA ELÉTRICA	17,0	16,9
EQUIPAMENTO DE TRANSPORTE	4,3	4,6
INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS E PROFISSIONAIS	18,3	19,9
OUTRAS MANUFATURAS	30,4	24,8

Na Tabela 23 do Anexo Estatístico são apresentados também dados da produção física regional de algumas mercadorias – cimento, produtos siderúrgicos, papel, fertilizantes, automóveis, tv a cores – que deixam também evidentes a grande diferença de tamanho entre o parque produtivo brasileiro com relação ao dos outros países da América do Sul. Com exceção da produção de cimento – na qual o Brasil participou com menos de 50% do total no período considerado, nos caso de todas as demais mercadorias o peso do Brasil é preponderante, com uma perda de participação relativamente importante apenas na produção de fertilizantes (69,9% da produção total em 2005, contra 76,4% em 1995), em função, principalmente, do aumento da produção da Argentina (1,9% do total em 1995 para 14% do total em 2005).



1.5 – Estrutura do Emprego na Indústria de Transformação

Nas Tabelas de 11 a 16 do Anexo Estatístico, são apresentados - para Brasil, Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia e Uruguai – a quantidade de trabalhadores e a estrutura do emprego na Indústria de Transformação, desagregada por 28 subsetores, nos anos de 1995, 2000 e no último ano para o qual as informações estão disponíveis no PADI. No Quadro a seguir são sintetizadas informações sobre o grau de concentração do emprego industrial em cada país mencionado, nos anos extremos das séries. O menor e o maior nível de concentração (considerando a participação de 4 subsetores no total do emprego) são observados para Brasil e Uruguai, respectivamente (ex: no caso do Uruguai, em 2003, mais de 45% do emprego na indústria de transformação estava concentrado em apenas um subsetor, o de fabricação de produtos alimentícios)

Quadro IV – Concentração do Emprego da Indústria de Transformação

País	1995	Último ano disponível
Brasil	38,4% do emprego em 4 subsetores: produtos alimentícios (14,7%); maquinaria não elétrica (9,7%); equipamento de transporte (7,7%); e têxteis (6,3%).	Em 2003 40,8% em 4 subsetores: produtos alimentícios (18,2%); maquinaria não elétrica (9,7%); equipamento de transporte (7,2%); e outros minerais não metálicos (5,7%).
Argentina	50,3% em 4 subsetores: produtos alimentícios (27,4%); equipamento de transporte (9,3%); outros minerais não metálicos (7%); produtos de metal (6,6%)	Em 2004 49% em 4 subsetores: produtos alimentícios (31,1%); equipamentos de transporte (6,6%); produtos de metal (6,2%); e bebidas (5,1%)
Bolívia	48,5% em 4 subsetores: produtos alimentícios (21,7%); bebidas (10,7%); têxteis (8,7%); e outros minerais não metálicos (7,4%)	Em 2001 50% em 4 subsetores: produtos alimentícios (23,6%); bebidas (11%); roupas (8,1%); e outros minerais não metálicos (7,3%).
Chile	48,3% em 4 subsetores: produtos alimentícios (27,3%); produtos de metal (7,6%); produtos de madeira (6,9%);	Em 2003 52,3% em 4 subsetores: produtos alimentícios (32,1%); produtos de metal (8,2%); produtos de

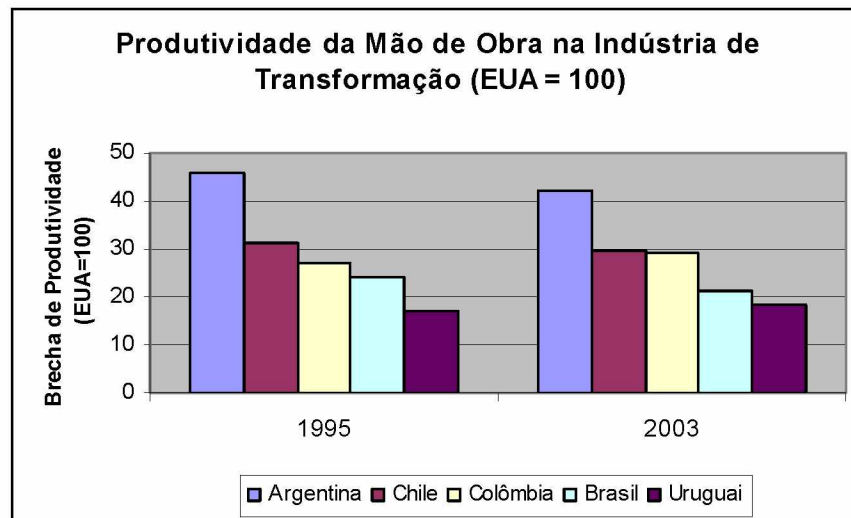
	têxteis (6,5%).	madeira (6%); outros químicos (6%).
Colômbia	41,2% em 4 subsectores: produtos alimentícios (18,2%); têxteis (10,4%); outros químicos (6,5%); e roupas (6,2%)	Em 2003, 47,5% em 4 subsectores: produtos alimentícios (20,3%); roupas (9,2%); têxteis (9,1%) e outros químicos (8,9%).
Uruguai	55,7% em 4 subsectores: produtos alimentícios (32,8%); produtos de couro (8,8%); roupas (8,6%); maquinaria não elétrica (5,7%).	Em 2003, 61,1% em 4 subsectores: produtos alimentícios (45,2%); roupas (6,6%); maquinaria não elétrica (4,8%); indústria química (4,5%).

1. 6 – Comparações relativas à produtividade da mão de obra na América do Sul.

Os dados do PADI permitem também comparar a produtividade da mão de obra dos países da Região (medida pela relação entre o valor agregado e o número de empregos em cada um dos 28 subsectores da indústria) com a produtividade da mão de obra na indústria de transformação dos EUA, por intermédio do indicador de Brecha de Competitividade (que nada mais é do que um índice relativo que considera a produtividade dos EUA igual a 100). Os indicadores de Brecha de Produtividade do PADI para os países considerados neste Estudo são apresentados nas Tabelas de 17 a 22 do Anexo Estatístico.

Como poderá ser observado, há, no entanto, muitas lacunas de informação o que prejudica em certa medida as comparações entre países. As informações razoavelmente mais completas estão disponíveis apenas para a Argentina, Brasil, Chile, Colômbia e Uruguai, mesmo assim com defasagens temporais importantes (último ano disponível é o de 2003 no caso da Argentina, 2002 para o Brasil, Chile e Colômbia, e 2001 para o Uruguai). Para a Venezuela, por exemplo, só há informação para o ano de 1995 (razão pela qual ela não é utilizada nesta análise).

Para a indústria de transformação como um todo, os dados mostram que, além de cair entre 1995 e 2002, a produtividade da mão de obra no Brasil foi substancialmente inferior a da Argentina, tendo representado em 1995 e 2002 apenas 24,3% e 21,3% da produtividade dos EUA, contra 45,8% e 42 % da indústria argentina em 1995 e 2003. Essas diferenças – aparentemente extravagantes e que precisam, por isto, ser mais bem analisadas, inclusive sob o ponto de vista da adequação metodológica do PADI – são em certa medida confirmadas por recente Pesquisa da OIT – “Principais Indicadores do Mercado de Trabalho” – que também mostra quedas expressivas da produtividade brasileira em relação aos EUA e uma situação relativa da indústria argentina muito melhor do que a da brasileira. Note-se que, entre os mencionados 5 países da América do Sul para os quais estão disponíveis informações do PADI, o Brasil aparece em quarto lugar em termos de produtividade de mão de obra, superando apenas o Uruguai. A Colômbia e Uruguai são os únicos que apresentam melhoria da produtividade (em relação aos EUA) no período considerado.



A comparação da produtividade relativa da mão de obra (em relação aos EUA) entre Brasil e Argentina é sumarizada no Quadro a seguir, que considera os anos extremos das séries.

Quadro V – Brasil e Argentina, produtividade da mão de obra em relação aos EUA

País	1995	2003 (no caso do Brasil 2002)
Argentina	45,8% da produtividade dos EUA na indústria de transformação. Superior a produtividade dos EUA em têxteis (20% a mais), refinarias de petróleo (32% a mais); ferro e aço (7,1% a mais). Muito inferior à produtividade dos EUA em: outros produtos químicos (11,6% dos EUA) e produtos plásticos (19,6% da produtividade dos EUA)	42% da produtividade dos EUA na indústria de transformação. Superior à produtividade dos EUA em petróleo e produtos de carvão (mais 112,6%), refinarias de petróleo (mais 70,4%), ferro e aço (mais 33,1%), metais não ferrosos (mais 44,2%). Muito inferior à produtividade dos EUA em instrumentos científicos e profissionais (8,7% da produtividade dos EUA) e outros minerais não metálicos (12,9%).
Brasil	24,3% da produtividade dos EUA na indústria de transformação. Superior à produtividade americana apenas no setor de refinarias de petróleo (mais 73,3%). Muito inferior à produtividade dos EUA em outros minerais não metálicos (8,8% da produtividade dos EUA), tabaco (9,4%), produtos de madeira (10%), móveis (10,8%).	21,3% da produtividade americana no conjunto da indústria de transformação. Superior à produtividade dos EUA apenas no setor de refinarias de petróleo (mais 105%). Muito inferior à produtividade dos EUA em produtos de couro (só 8% da produtividade americana), bebidas (7,6%), tabaco (5,9%).

Em termos relativos, a produtividade da mão de obra no Brasil, no último ano para o qual as informações estão disponíveis, só é maior do que a da Argentina em 4 subsetores, ou seja: imprensa e publicações; refinarias de petróleo; instrumentos científicos e profissionais; e outras manufaturas.

1.7. Potencial de complementaridade entre as economias da Região

Conforme observado nas seções anteriores, o valor agregado pela economia brasileira é, na grande maioria dos setores, substancialmente maior do que o dos demais países da América do Sul, além do País deter um perfil produtivo muito mais completo e diversificado. Este fato acaba por limitar, sob o ponto de vista brasileiro, as possibilidades de complementaridade produtiva, além de sinalizar para manutenção tendência de crescentes superávits comerciais brasileiros na Região.

Apesar disto, como o mercado brasileiro é também substancialmente maior do que o dos outros países considerados, procurou-se identificar se aumentou, desde 1995, o potencial de complementaridade sob a ótica brasileira. Como neste Estudo estão sendo utilizados dados com elevado nível de agregação, optou-se por medir este potencial pela análise da evolução da quantidade de setores dos outros países que apresentam tamanho mais próximo (ou maior) do que os mesmos setores no Brasil, ou seja onde potencialmente seria mais viável, por questões de escala de produção, algum tipo de integração nas respectivas cadeias produtivas.

Foram enquadrados como setores ou subsetores (de cada país) com possibilidades de complementaridade com o Brasil aqueles com valor agregado superior à metade do produto brasileiro. As informações estão tabuladas nos Quadros VI (setores das contas nacionais) e VII (subsetores da indústria de transformação). O indicador síntese do potencial de complementaridade para cada um dos três anos é obtido pela comparação entre o total de possibilidades (número de setores ou subsetores multiplicado pela quantidade de países) com a quantidade de casos enquadrados (ou seja, setores ou subsetores com produto superior a metade do brasileiro).

Quando a comparação é feita com base na classificação das contas nacionais, apenas Argentina e Venezuela têm alguns setores que se enquadram na definição utilizada (produto maior do que a metade do produto brasileiro), só um deles produtor de bens “treadables” (setor de mineração). O indicador de potencial de complementaridade se manteve estável entre 1995 e 2000, quando alcançou apenas 6,2%, caindo em 2005 para menos de 5%. Isto é, nesse último ano, dum total de 81 possibilidades (9 setores x 8 países), apenas em 4 casos o produto é maior do que a metade do valor agregado brasileiro nos respectivos setores.

Quadro VI – Indicador de Potencial de Complementaridade – (Setores das Contas Nacionais)

Setor	1995	2000	2005
Agricultura, Caça, Floresta e Pesca			
Mineração	Argentina, Venezuela	Argentina, Venezuela	Venezuela
Indústria de Transformação			
Eletricidade, Gás e Água			
Construção Civil			
Comércio Atacadista, Hotéis, Bares e Restaurantes	Argentina	Argentina	Argentina
Transportes, Armazenagem e Comunicações	Argentina	Argentina	Argentina
Finanças e Seguros	Argentina	Argentina	Argentina
Serviços Comunitários, Sociais e Pessoais			
Total de possibilidades 1/	81	81	81
Total enquadrado 2/	5	5	4
2/1	6,2%	6,2%	4,9%

1/ número de setores multiplicado pelo número de países (excluído o Brasil)

2/ número de casos com produto maior do que a metade de produto brasileiro

Quando a comparação é feita para os 28 subsetores da indústria de transformação (base de dados do PADI), verifica-se um aumento da quantidade de subsetores que reduziram, a partir de 1995, o “gap” de tamanho com a economia brasileira. Isto aconteceu, principalmente, nos setores tradicionais, fabricantes de bebidas, produtos de couro, produtos de madeira e móveis, nos quais observa-se o aumento do número de países com indústrias de tamanho mais próximo ao brasileiro.

Em 2005, dos 28 subsetores, apenas em 9 subsetores (produtos alimentícios, bebidas, tabaco, petróleo e produtos de carvão, cerâmica, vidro) há casos de parques produtivos maiores do que a metade do produto brasileiro, contra 7 em 1995. O indicador de potencial de complementaridade cresceu entre 1995 e 2000 (de 6,5% para 10,1%), tendo caído ligeiramente em 2005, para 9.5%. Ou seja, nesse último ano, de um total de 168 possibilidades (28 subsetores x 6 países para os quais os dados estão disponíveis), apenas em 16 casos os produtos são maiores do que a metade do produto brasileiro. Os dois subsetores onde há um número maior países com indústrias de tamanho relativo mais próximo ao brasileiro – e, que, portanto, segundo nossa definição, têm maiores potencialidades de integração de cadeias produtivas - são os de bebidas, produtos de madeira e móveis, e petróleo e produtos de carvão (Chile, Argentina, Peru, Uruguai, Colômbia, e, provavelmente Venezuela, em função dos recursos petrolíferos de que dispõe esse país).

É interessante notar que pela metodologia utilizada não é selecionado o subsetor de equipamento de transporte (onde está incluída a indústria automobilística), um dos poucos onde está se dando, concretamente, um processo de complementaridade produtiva entre o Brasil e a Argentina. Neste caso, conforme Bastos Tigre e Laplane, 1999, Laplane e Sarti, 2007, e Serra J., em 1997 (resumidos no Anexo II), mais do que fatores de mercado, tiveram na alocação de investimentos nos dois países a adoção de políticas governamentais consistentes com as estratégias das empresas multinacionais (incentivos fiscais, comércio administrado, etc).

Quadro VII – Indicador de Potencial de Complementaridade (Indústria de Transformação)

Subsetores	1995	2000	Último ano disponível
Prod. Alimentícios	Argentina,	Argentina,	Argentina,
Bebidas	Argentina, Colômbia	Argentina, Chile, Colômbia	Argentina, Chile, Colômbia, Peru
Tabaco	Argentina, Chile	Argentina, Chile	Argentina, Chile
Têxteis			
Roupas			
Produtos de Couro		Argentina,	Argentina,
Calçado			
Produtos de Madeira		Chile, Peru	Chile, Peru
Móveis		Peru	Peru
Papel e Celulose			
Imprensa e Publicações			
Indústria Química			
Outros Químicos			
Refinarias de Petróleo			
Petróleo e Produtos de Carvão	Argentina, Chile	Argentina, Chile, Colômbia, Uruguai	Argentina, Chile,
Produtos de Borracha			
Produtos Plásticos			
Cerâmica	Argentina, Peru	Colômbia, Peru	Colômbia, Peru
Vidro	Argentina,	Argentina,	Argentina,
Outros Minerais não Metálicos			
Ferro e Aço			
Metais não Ferrosos	Chile		
Produtos de Metal			
Maquinaria não elétrica			
Maquinaria elétrica			
Equipamento de Transporte			
Instrumentos Científicos e Profissionais			
Outras Manufaturadas			
Total de possibilidades 1/	168	168	168
Total enquadrado 2/	11	17	16
2/1	6,5%	10,1%	9,5%

1/ número de setores multiplicado pelo número de países (excluído o Brasil)

2/ número de casos com produto maior do que a metade de produto brasileiro

1.8. Estudos e pesquisas sobre a estrutura produtiva da América do Sul (dados revelados)

Conforme previsto nos Termos de Referência, procedemos também a um levantamento de estudos e pesquisas que tenham alguma relação com o tema em exame, ou seja a análise da estrutura produtiva da América do Sul (no Anexo II é apresentado uma pequena resenha desses estudos). Dentre os trabalhos identificados, apenas alguns poucos tiveram o objetivo de avaliar com mais profundidade as assimetrias dos perfis produtivos da Região. Para tanto, se limitaram ao exame de segmentos industriais específicos, utilizando, portanto, uma desagregação diferente da empregada neste Trabalho. Em função disto, e também das defasagens temporais das informações, as comparações entre os resultados dessas pesquisas com os do presente Estudo são, em certa medida, prejudicadas.

Sem dúvida, o setor mais estudado tem sido a indústria automobilística (no âmbito do Mercosul), particularmente no Brasil e na Argentina, em função de se constituir num dos únicos casos onde está em curso um processo de complementação de cadeias produtivas. Neste sentido, destaca-se o trabalho de Laplane, Lugones, Porta e Sarti, para o BID/INTAL, em 1999, e um estudo recente de Arza, López, Laplane, Sarti, Bittencourt, Domingo e Lorenzi, para a Rede de Pesquisas Econômicas do Mercosul, publicado em julho de 2007.

O exame em conjunto dos referidos trabalhos permite avaliar o desenvolvimento do setor no Mercosul desde a década de 80 até recentemente. O primeiro trabalho mostra que a produção de automóveis nos dois países começou ao mesmo tempo, por volta dos anos cinquenta – por ocasião do primeiro fluxo de internacionalização das montadoras no pós-guerra.

Nos dois países, o desenvolvimento da produção (tanto de veículos como de componentes) foi estimulado pelos governos, como instrumento para induzir a industrialização das economias. O ritmo de crescimento da produção, que era praticamente o mesmo até o final dos anos 60, passou, a partir de então, a se intensificar no Brasil. A partir de 1980, a trajetória de produção de automóveis no Brasil e na Argentina volta a mostrar relativa semelhança, verificando-se um avanço maior da indústria argentina na década de 90.

Em 1990, a produção brasileira foi 9,2 vezes superior a da Argentina (914 mil unidades no Brasil, contra menos de 100 mil unidades na Argentina), diferença que caiu em 1996, quando a produção brasileira foi 5,8 vezes maior (1,8 milhões contra 313 mil veículos). Essa diferença de tamanho é um pouco superior à observada, em 1995, na comparação dos dados dos dados de valor agregado (segundo base de informações do PADI).

Quadro VIII – Indústria Automobilística no Brasil e na Argentina

País/ano	Unidades produzidas (a)	Pessoal Ocupado (b)	Produtividade (a/b)
Brasil			
1990	914.466	117.396	7,8
1996	1.804.328	101.857	17,7
Argentina			
1990	99.639	17.430	5,7
1996	312.910	21.228	14,7

Fonte: BID/INTAL, 1999

Os dados do estudo do BID/INTAL mostram que, em 1996, a produtividade da mão de obra da indústria automobilística brasileira foi 20% superior a da Argentina, ao passo que o indicador de brecha de produtividade do PADI indica um resultado completamente inverso: em 1995 a produtividade da mão de obra na Argentina, no setor de equipamento de transporte, foi 26% maior do que no Brasil.

O Estudo mais recente sobre o setor (da Rede de Pesquisas Econômicas do Mercosul) indica que o complexo automotivo continua sendo importante na estrutura industrial dos dois países, com maior peso no caso brasileiro. Em 2005, esse complexo representou mais de 10% do valor bruto da produção industrial e 6,2% do emprego no Brasil, contra 5,3% e 3,5%, respectivamente, na Argentina. O Estudo também faz uma análise da indústria automobilística do Uruguai.

O Trabalho mostra que a produção na Argentina apresentou um comportamento instável (produção em 1990 menor do que em 1961; forte crescimento durante os anos 90, seguido de retração, que levou a indústria argentina a fabricar em 2003 um número de veículos igual ao de 1964). Em contraposição, o Brasil, que até meados da década de 60 tinha uma produção semelhante a da Argentina, em 2006 fabricou 6 vezes mais (Brasil com mais de 2,5 milhões de veículos, contra cerca de 400 mil da indústria argentina). Em 2006, o Brasil tinha 16 montadoras de veículos (6 produzindo equipamentos de transporte pesado), contra 8 montadoras na Argentina, uma fabricando caminhões.

O Trabalho também evidencia – com base em indicadores de produtividade da mão de obra - que a indústria brasileira tem uma eficiência produtiva maior do que a argentina, a despeito de reconhecer as limitações desse indicador (que é sensível às mudanças na função de produção, como robotização, alteração na organização da produção, “outsourcing”). Destaca que a produtividade da mão de obra cresceu 206% no Brasil entre 1991 e 2005, contra 156% na Argentina no mesmo período. Ao contrário do que mostram os dados do PADI, a brecha de produtividade com relação aos EUA foi, em 2005, maior na Argentina (produtividade dos EUA 2,5 vezes a da Argentina) do que no Brasil (produtividade americana 1,8 vezes maior do que a brasileira).

Os dados do Estudo da Rede de Pesquisas Econômicas do Mercosul revelam que a indústria automotiva uruguaia é substancialmente menor do que a brasileira e argentina,

além de ser muito menos integrada. Desde 1998, apenas 2 montadoras de capital nacional operam naquele país. A produção total alcançou 6,3 mil em 1995 e 14,9 mil em 2000. A partir de 2003, foi paralisada a montagem de automóveis. A produção de 2006 foi da ordem de apenas 890 veículos (caminhões e utilitários). O Trabalho indica que, sob o ponto de vista do comércio exterior, a indústria uruguaia de veículos automotores é tradicionalmente integrada com o complexo automotivo argentino (segundo o Estudo, não há qualquer integração da indústria uruguaia com o parque produtivo brasileiro).

O setor petroquímico no Mercosul (Brasil e Argentina) foi também estudado pelo BID/INTAL em 1999 (Lia Hasenclever, Andrés Lopes, José Clemente de Oliveira). Os dados levantados pelo estudo mostram que a indústria petroquímica argentina é significativamente menor quando comparada à brasileira: no triênio 1994-96 – o Brasil produziu 7,6 vezes mais do que a Argentina (a despeito das taxas de crescimento do consumo aparente e da produção da indústria argentina terem sido substancialmente superiores do que as do Brasil na década de 90).

No caso dos produtos petroquímicos finais, a produção brasileira foi, em 1996, de 3,0 milhões de toneladas, contra 1,1 milhões de toneladas na Argentina, sendo que a maior diferença de porte é observada nos produtos intermediários (em 1996: 11,7 milhões de toneladas no Brasil e apenas 852 mil toneladas na Argentina).

Quadro IX – Setor Petroquímico no Brasil e na Argentina (em toneladas)

País/período	Produção	Importação	Exportação	Consumo
Brasil				
1986	20.586.332	845.319	1.848.436	19.583.215
1996	22.569.408	4.506.187	2.010.387	25.065.208
Média 1986-88	22.579.210	2.072.991	1.359.626	23.292.575
Média 1991-93	18.971.326	2.973.438	1.952.690	19.992.074
Média 1994-96	22.304.021	4.189.745	2.047.847	24.445.919
Argentina				
1986	1.862.000	453.000	347.000	1.968.000
1996	3.127.000	2.441.000	483.000	5.085.000
Média 1986-88	2.179.000	474.000	408.000	2.245.000
Média 1991-93	2.550.000	716.000	388.000	2.878.000
Média 1994-96	2.932.000	1.710.000	441.000	4.201.000

Fonte: BID/INTAL, 1999

O Estudo do BID/INTAL mostra mudanças importantes na estrutura da indústria nos dois países: com o aumento da presença de empresas transnacionais, redução da participação das empresas estatais (em menor intensidade no Brasil, em função da influência da PETROBRÁS como fornecedora de matérias primas) e redefinição do papel e recomposição de posições dentro dos grupos empresariais de capital nacional.

O setor de máquinas-ferramenta no Mercosul (Brasil e Argentina) foi igualmente avaliado, em 1999, pelo BID/INTAL, em trabalho dos consultores Daniel Chudnosvsky e Fabio Erber. O Estudo evidencia que Brasil e Argentina são dos poucos países em desenvolvimento que têm uma longa experiência na produção desse tipo de equipamento. Além disso, indica que foi nesse segmento que começou o processo de integração econômica entre os dois países (Protocolo de Bens de Capital, vigente entre 1986 e 1990).

O trabalho revela que, a despeito de um perfil produtivo relativamente semelhante, os segmentos de máquinas-ferramenta de Brasil e Argentina apresentaram (no ano de 1997) diferenças importantes em termos de tamanho do parque produtivo e abertura do comércio exterior (indústria argentina muito menor do que a brasileira e muito mais aberta ao exterior). Essas diferenças estão refletidas no quadro abaixo.

Quadro X
Indústria de Máquinas-Ferramenta no Brasil e na Argentina (em milhões de US\$ de 1997)

	Brasil (a)	Argentina (b)	b/a
Produção	594	27	4,5 %
Exportação	116	13	11,2%
Importação	455	116	25,5%
Consumo Aparente	933	130	13,9%
Coef. de Exportação	19,5%	46,9%	240,5%
Coef. de Importação	48,8%	88,8%	182,0%

Fonte: BID/INTAL, 1999.

Apesar do comércio intra-industrial entre os dois países ter crescido em função da liberalização comercial, o trabalho mostra que na maior parte dos períodos os fluxos não se compensam, sendo que o índice de orientação regional é muito maior no caso da Argentina (que tem suas exportações de máquinas-ferramenta muito orientadas para o mercado brasileiro) do que no caso brasileiro (cujas exportações se destinam, sobretudo, para os países mais desenvolvidos). No que diz respeito às vantagens reveladas no comércio internacional, a situação da indústria argentina mostrou-se bem menos favorável do que a brasileira, em virtude da menor escala e de deficiências de desenvolvimento tecnológico. Identifica apenas um caso de inversão direta envolvendo países do Mercosul, ou seja a Promedor da Argentina que se associou a um empresário brasileiro para produção de máquinas-ferramenta direcionadas para a utilização da indústria automobilística.

Ainda com relação aos estudos que analisam segmentos industriais específicos na América do Sul, merece ser destacado o trabalho sobre o setor de madeira e móveis no Mercosul, em fase de execução, por Manuel Ferreira Brusquetti, para a Secretaria do Mercosul. Os dados até agora levantados evidenciam, por exemplo, que a área de florestas no Brasil é muito maior do que a dos demais países. Revelam também que o Brasil tem supremacia na produção de madeira e móveis, respondendo por parcela preponderante do comércio exterior desses produtos (86% das exportações de madeira e quase 100% das de móveis; além disso o Brasil comercializa com cerca de 150 países). O autor destaca que a indústria regional de madeira e móveis, ao contrário do modelo adotado pelos países mais

avançados (que é baseado na padronização, produção seriada, horizontalização da produção), tem intensificado a verticalização da produção, o que dificulta projetos de integração das cadeias produtivas.

Uma análise mais abrangente das indústrias brasileira e argentina é feita por Dante Sica, em Mudança Estrutural, Investimento Externo e Intercâmbio Comercial nas Duas Maiores Economias do Mercosul, RBCE, nº 81. Sobre a dimensão relativa das duas economias, o estudo dimensiona os PIB dos países segundo dois critérios: a) PIB em dólares com base na taxa de câmbio nominal; b) PIB em moeda local convertido em dólares com base numa taxa de câmbio que considera a relação de preços, para uma mesma cesta de bens e serviços, entre o país sob análise e os preços internacionais de referência (os do EUA). As diferenças de tamanho são apresentadas no quadro a seguir, segundo os dois critérios utilizados pelo autor.

Quadro XI – Número de vezes que a economia brasileira é maior do que a da Argentina

Período	US\$	US\$ PPP
Média 1980-89	2,4	2,8
Média 1990-99	2,4	2,8
Média 2000-03	3,2	3,1
Média 1980-02	2,5	2,9
Anos		
1994	2,1	2,7
1998	2,6	2,6
2003	3,8	3,3

Fonte: RBCE, nº 81, Dante Sica

A título de comparação, os dados do valor agregado, utilizados no presente Estudo, indicam as seguintes relações entre as economias do Brasil e da Argentina, utilizando dólares do ano 2000: 1995, 2,2; 2000, 2,1; e 2005, 2,13. Na comparação a dólares correntes, as relações entre os valores agregados pelos dois países são as seguintes: 1995, 2,7; 2000, 2,1; e 2005, 4,4.

O Estudo de Dante Sica também compara os tamanhos das indústrias de transformação dos dois países, identificando diferenças mais marcantes do que as do PIB, em função do maior nível de industrialização brasileiro (em 2003, a indústria de transformação teve um peso de quase 34% no PIB brasileiro, contra pouco mais de 22% na Argentina). O autor aponta as seguintes razões para essa defasagem: a) maior tamanho do mercado no Brasil; b) maior incentivo à atividade industrial na economia brasileira; c) maior competitividade brasileira em grande número de setores. Na tabela a seguir, estão apresentados os resultados do mencionado Estudo no que diz respeito às diferenças de tamanho na indústria de transformação (resultados consistentes com os números apresentados no presente Estudo – Quadro III – a despeito de algumas diferenças obtidas nos cálculos de Dante Sica serem um pouco maiores).

Quadro XII – Número de vezes que os setores industriais brasileiros são maiores do que os argentinos

Setor	1994	1998	2003
Alimentos	4,5	4,4	5,4
Têxtil, vestuário e calçados	4,3	4,8	6,9
Madeira e móveis	3,5	3,2	4,0
Papel e artefatos de papel	7,6	8,1	7,9
Produtos químicos	6,3	5,0	3,5
Borracha e plástico	4,6	4,2	3,3
Minerais não metálicos	6,2	6,0	6,0
Metalurgia	7,8	5,4	3,8
Máquinas e Equipamentos	6,9	4,8	5,8
Máquinas e aparelhos elétricos	7,9	8,7	17,0
Equipamento de transporte	4,5	4,3	6,2
Total	5,3	4,5	4,9

Fonte: RBCE, nº 81, Dante Sica

Note-se também que o mencionado Estudo apresenta indicadores do grau de semelhança entre as estruturas industriais dos dois países, medidas pelo chamado Coeficiente de Semelhança (CS), que é baseado no peso dos diferentes setores na indústria de cada país, variando de 0 a 1 (quando mais próximo de zero maior a semelhança das estruturas). O estudo mostra que, na primeira etapa do Mercosul, o padrão industrial dos dois países se aproximou (coeficiente se reduziu de 0,207 em 1994 para 0,183 em 1998). A partir daí, aumentou a diferença das duas economias (CS de 0,241 em 2003). Conclusão do autor: as dificuldades macroeconômicas atingiram mais fortemente a Argentina, aumentando os diferenciais de estrutura e de tamanho com a economia brasileira.

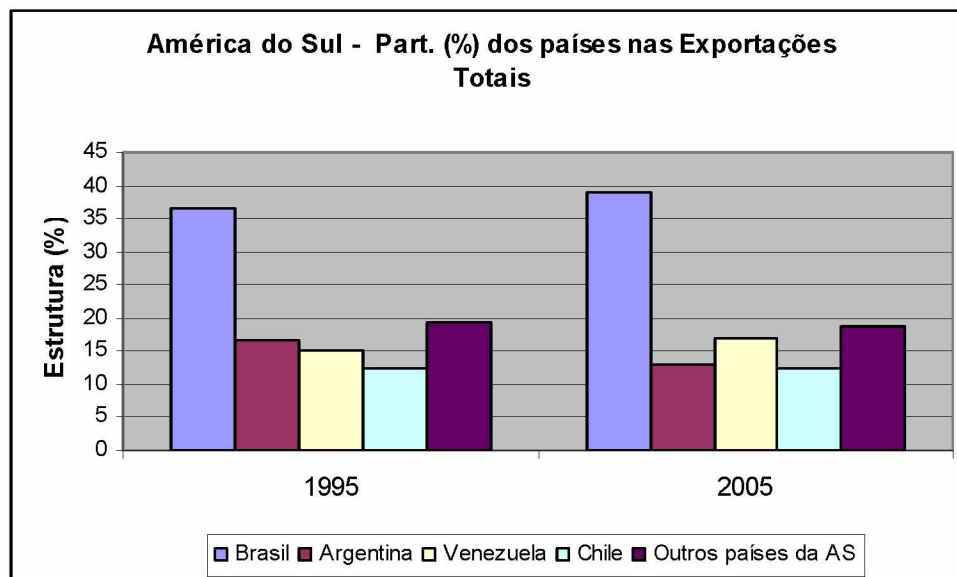
2. Estrutura do Comércio Exterior

Da mesma forma como foi feito no caso do produto regional, procede-se a seguir a apresentação e análise de alguns indicadores da estrutura do comércio exterior da América do Sul, que procuram destacar: i) a importância relativa de cada país nas exportações e importações da Região, segundo setores da economia e/ou categorias dos bens comercializados; ii) a estrutura da pauta exportações e importações de cada País e da América do Sul, segundo os mesmos setores da economia e/ou categorias de mercadorias; iii) a composição do comércio exterior regional de produtos industrializados; iv) o grau de abertura das economias.

2,1 Importância relativa de cada um dos países nas exportações da América do Sul²

Em função da maior dimensão do mercado interno brasileiro, não se observa, no caso das exportações, um peso tão preponderante da economia brasileira no total das exportações regionais, como o observado no caso do produto. Em 2005, o valor total das exportações dos 10 países da América do Sul alcançou cerca de US\$ 303 bilhões (preços correntes), dos quais 38,9%, ou US\$ 118,1 bilhões, foram exportados pelo Brasil (Tabelas 17 e 17.1 a 17.6 do Anexo Estatístico). Entre 1995 e 2005, mais do que dobrou o valor exportado pelos países da América do Sul, já que as exportações no ano de 1995 haviam atingido pouco mais de US\$ 125 milhões. A participação brasileira no total permaneceu praticamente inalterada (36,5% para 38,8% do total exportado, entre os dois anos). (Tabelas 24 e 24.1 a 24.6 do Anexo estatístico).

No seu conjunto, os quatro maiores exportadores da Região – Brasil, Venezuela, Argentina e Chile – também mantiveram estável sua participação no total exportado entre os dois anos - em pouco mais de 80% - cabendo destacar, no entanto, a queda acentuada da importância da Argentina (cujas participações no total exportado caiu de 16,7% em 1995 para 13% em 2005) com um ligeiro ganho de importância da Venezuela (de 15,2% em 1995 para 16,9% do total, em 2005). Juntos, Colômbia e o Peru responderam por cerca de 12,5% do total exportado em 1995 e 2005, sendo que os demais países da Região tiveram participação muito pouco expressiva no total das exportações regionais.



¹ O corte setorial utilizado nesta análise é o da Classificação Industrial Internacional Uniforme de todas as atividades econômicas (CIIU, Revisão 2). As duas primeiras grandes seções da CIIU são apresentadas de forma agregada, ou seja: a) Agricultura, caça, silvicultura e pesca; b) Mineração. Para a outra Seção da CIIU, - Indústria de Transformação – os dados são apresentados de forma desagregada para refletir mais adequadamente as atividades econômicas produtoras das mercadorias, ou seja: a) indústria de alimentos, bebidas e tabaco (que inclui os seguintes grupos da CIIU a três dígitos: 311 a 314); b) outras indústrias, principalmente de bens de consumo não duráveis (grupos CIIU 321 a 324, 332, 342, 390); c) indústrias, principalmente de bens intermediários (grupos CIIU 331, 341, 351 a 356, 361, 362, 369, 371 a 372); d) indústrias metalmeccânicas (grupos CIIU 381 a 385).

A importância de cada um dos dez países nas exportações totais da América do Sul variou substancialmente segundo setores da economia, principalmente como reflexo das disparidades de desenvolvimento e da base de recursos naturais de cada economia (que ainda explica grande parte do dinamismo exportador da Região).

O Brasil se destaca por apresentar uma participação importante nas exportações regionais em praticamente todos os setores da economia considerados, com destaque para as *indústrias metal-mecânicas* (que incluem o setor automotivo). Neste segmento, as exportações brasileiras passaram de US\$ 9,7 bilhões em 1995 para mais de US\$ 32 bilhões em 2005 (69%, em 1995 e 80% em 2005 do total das exportações da América do Sul). Isto é, o Brasil acentuou no período analisado o seu papel como o único exportador relevante na Região, seguido de longe pela Argentina, cuja participação no total caiu de 18,5% em 1995 para 11,3% em 2005.

Em função da disponibilidade de petróleo e gás, a Venezuela foi o exportador mais importante no *setor de mineração*: em 1995 e 2005, respondeu por cerca de 40% do valor das exportações da América do Sul (com um pico de 50% do total no ano de 2000). Em contrapartida, a Venezuela teve participação insignificante nas exportações da maioria dos demais setores. As exportações venezuelanas no *setor metal-mecânico* alcançaram pouco mais do que 2% do valor exportado pela América do Sul em 2005.

No total exportado pela América do Sul, a Argentina mostrou-se um exportador relevante apenas no *setor agrícola* – participação com 23% e 27 % em 2005 e 1995 - e *de alimentos, bebidas e fumo* (27,5% em 2005 e 29,4% em 1995). O Chile só teve participação mais destacada no *setor agrícola* (13% em 1995 e 14,3% em 2005 do total das exportações regionais) e no de *bens intermediários* (participação em torno de 20% nos anos considerados), e a Colômbia nas exportações de *bens industriais não duráveis*, mesmo assim com tendência de redução de participação no total exportado pela América do Sul (17,6% em 1995 e 15,6% em 2005).

2.2. Perfil Setorial das exportações da América do Sul e de cada país da Região

Quando se examina a estrutura setorial das exportações do conjunto da América do Sul e de cada um dos dez países (corte transversal), podem ser tiradas as seguintes principais conclusões (Tabela 24.7):

a) para a América do Sul como um todo, cai a importância das *exportações agrícolas* (15% do total em 1995, para menos de 11% em 2005) e as *de alimentos, bebidas e fumo* (16,2% em 1995 para 13,5% em 2005). Também se reduz a participação das exportações de *bens não duráveis* (de 7,8% em 2005 para 4,3% em 1995). Por outro lado, cresce substancialmente o peso do *setor de mineração* (16,9% em 1995 para 26,2% em 2005), principalmente por influência do desempenho da Venezuela, Bolívia e Equador (e até mesmo do Brasil). As participações dos *bens intermediários* e dos bens do *setor metal-mecânico* nas exportações totais da América do Sul permanecem praticamente inalteradas entre 1995 e 2005, com ligeiro crescimento da importância das exportações da indústria

metal-mecânica, em função, principalmente, do desempenho brasileiro. Ou seja, entre 1995 e 2005 esses indicadores agregados revelam que a maior mudança estrutural na composição do valor das exportações da América do Sul é caracterizada pelo aumento da importância do setor mineral;

b) o Brasil apresenta uma composição das exportações com peso mais preponderante dos segmentos de maior valor agregado e cadeia produtiva mais longa. A participação de produtos da *indústria metal-mecânica* cresceu de 21,2% em 1995 para 27,4% em 2005 (depois de atingir o pico de 30,4% em 2000). Estes produtos, mais os *bens intermediários*, foram responsáveis por 57,9% das exportações brasileiras em 2005, contra 55,1% em 1995. Apesar de deterem participação menor, o peso dos dois segmentos nas exportações argentinas cresceu de 29,5% em 1995 para mais de 36% em 2005. As exportações de *bens intermediários* tiveram um grande peso na pauta de exportação da Venezuela, Chile e Peru. Em 2005, mais de 50% das exportações chilenas se concentraram nesse setor.

c) provavelmente pela influência dos preços das exportações, é possível observar-se algumas alterações substanciais na estrutura de valor da pauta exportadora de alguns países de base produtiva eminentemente primária. Assim, por exemplo, o peso das *exportações agrícolas* do Equador cai de 46,4% do total em 1995 para 23,6% em 2005, em contrapartida a uma forte elevação da participação dos *bens minerais* no total exportado por este país (32,1% em 1995 para mais de 54% em 2005). Do valor total das exportações venezuelanas em 2005, mais de 67% deveu-se aos produtos do setor mineral (basicamente petróleo), contra 46,1% em 1995. O mesmo fenômeno de redução da participação do valor exportado pelo setor agrícola e aumento do peso das vendas externas do setor mineral é observado no caso da Bolívia.

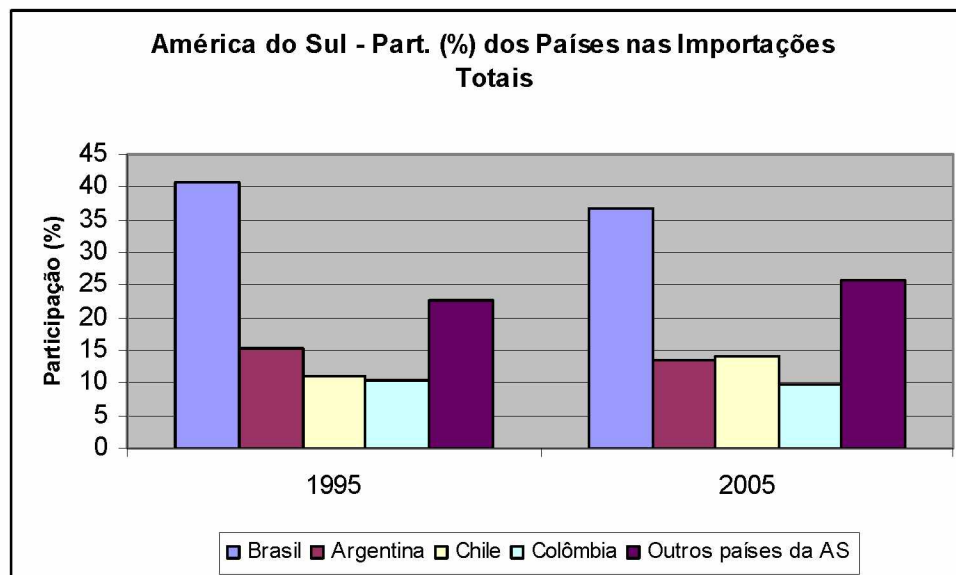
2.3. Participação dos países nas importações da América do Sul, segundo categorias de produtos³

Entre 1995 e 2005, as importações totais dos 10 países da América do Sul cresceram, em valores correntes, de US\$ 132,3 bilhões para mais de US\$ 211 bilhões. O Brasil, a Argentina, a Colômbia, o Uruguai e o Paraguai perderam participação no valor total das importações, enquanto que o Chile, a Venezuela e o Equador ganharam importância relativa. (Tabelas 25 e 25.1 a 25.6 do Anexo Estatístico)

As importações brasileiras, que representavam 40,6% do total da América do Sul em 1995, aumentaram ligeiramente essa participação em 2000 (para 41,1%), tendo caído de importância a partir de então, atingindo 36,7% do total importado pela América do Sul em 2005. A Argentina, o segundo maior importador da Região em 1995 e 2000, perde também

³ Os dados de importação são apresentados segundo as três classes básicas – **bens de capital** (categorias 41 e 521 da GGE), **bens intermediários** (categorias 121, 111, 2, 31, 322, 42 e 53 da GGE) e **bens de consumo** (categorias 112, 122, 522 e 6 da GGE) - do Sistema de Contas Nacionais (SCN), obtidos pela reagregação parcial das 19 categorias das Grandes Categorias Econômicas (GCE) das Nações Unidas. O Relatório Estatístico da CEPAL apresenta em separado as informações das importações de **combustíveis e lubrificantes** (categoria 312 da GGE) e de **automóveis de passageiros** (categoria 51 da GGE), razão pela qual nesta análise os dados de importação estão desagregados em 5 grupos.

participação relativa entre 2000 e 2005 (17% para 13.5%). Em 2005, o Chile torna-se o segundo maior importador entre os países considerados, com 14% das importações totais.



A análise das importações por categorias de produtos importados permite as seguintes principais observações:

- a) no segmento de *bens de consumo*, o maior importador regional é ainda o Brasil, mas sua importância relativa diminuiu substancialmente ao longo do período considerado. A participação brasileira no total das importações caiu de quase 40% em 1995 para 24% em 2005. Em termos absolutos, houve uma redução do valor importado entre os dois anos (valor passou de US\$ 8,8 bilhões para cerca de US\$ 7 bilhões). Também a Argentina reduz substancialmente suas importações de *bens de consumo*, particularmente entre 2000 e 2005 (21,1% do total para menos de 12% do total da América do Sul);
- b) Em contrapartida, crescem fortemente as importações chilenas e venezuelanas de *bens de consumo*. A média de participação destes países no total das importações da América do Sul aumenta de cerca de 9% em 1995 para mais de 16,5% em 2005;
- c) No segmento de *bens de capital*, as importações brasileiras e argentinas também diminuem de importância relativa entre 2000 e 2005 (no caso brasileiro, elas caem de 38,7% para menos de 31% do total da Região e no caso argentino de 20,3% para 15,9%), ao passo que aumenta a participação no total importado de *bens de capital* de outros países da Região, particularmente da Venezuela (de 11% em 2000 para 13,4% em 2005) e do Chile (11,3% em 2000 para 15,5% em 2005).
- d) O maior importador de *combustíveis e lubrificantes* é o Brasil, com quase 70% do total importado pela América do Sul em 2005, contra 54,6% em 1995, seguido do

Chile, com 17,7% do total em 2005. As importações dos demais países têm participação irrelevante neste segmento.

- e) No segmento de *veículos automotores de passageiros*, os maiores importadores da Região em 2005 foram a Venezuela (23,1% do total), a Argentina (21,7% do total), o Chile (16,3%) e a Colômbia (11,6%). No período considerado, é marcante a perda de participação brasileira nas importações desses produtos em contraposição ao aumento do peso de outros países. Em 1995, o Brasil foi responsável por mais de 43% das importações regionais no segmento, tendo essa participação caído para menos de 12% em 2005. Em valores absolutos, as importações brasileiras decresceram de US\$ 3,1 bilhões no primeiro ano da série para US\$ 839,5 milhões em 2005 (o que evidencia o impacto da implementação do chamado Regime Automotivo pelo Brasil).
- f) Em termos absolutos, as maiores importações da América do Sul concentram-se nos bens intermediários (US\$ 121 bilhões, ou 58% do total em 2005), seguido dos bens de capital (US\$ 51,6 bilhões, ou 24% do total também em 2005).

2.4. Perfil Setorial das importações da América do Sul e de cada país da Região, segundo categorias de produtos

O peso das importações de *bens de consumo* na pauta brasileira cai substancialmente ao longo do período considerado, fazendo com que ele seja muito menor do que na pauta importadora dos demais países da Região (9% em 2005 no caso brasileiro, contra 12% na Argentina, 14% na Colômbia, 22,5% na Venezuela, 19,5% no Equador e 16% no Chile).

Por outro lado, aumenta significativamente o peso dos *bens intermediários* no valor total importado pelo Brasil, de 54,6% em 1995 para 67,6% em 2005. O peso desses bens é também importante – com participação superior a 50% - na pauta dos outros países considerados neste Estudo, com exceção da Venezuela, onde as importações de bens intermediários caem de 53,9% em 1995 para 38% em 2005 (Tabela 25.5)

A participação dos *bens de capital* no total importado é menor no Brasil (20,4% em 2005) do que na média da América do Sul, destacando-se, nesse caso, a Venezuela cujas importações de bens de capital cresceram de 22,9% do total importado por aquele país em 1995 para mais de 31% em 2005.

De maneira geral, não é significativa a participação dos *combustíveis e lubrificantes* na pauta importadora dos países da Região, com pequeno destaque no caso do Paraguai (onde as importações desses produtos participaram com 2% do total importado em 2005) e Brasil (1,9% em 2005). Em contrapartida, é muito mais relevante, com exceção do Brasil o peso das importações de *veículos de passageiros*, que, no caso da Venezuela, alcançaram quase 8% do valor total importado em 2005.

2,5 Composição do comércio exterior regional de produtos industrializados⁴

Com o objetivo de avaliar a pauta regional de comércio exterior de bens industrializados - segundo as características técnicas dos produtos transacionados - nas Tabelas 26 a 29 do Anexo Estatístico são apresentadas informações sobre a estrutura dessa pauta, para os anos de 1995, 2000 e 2005, segundo a seguinte desagregação: a) produtos tradicionais; b) bens cuja produção exige elevada economia de escala e intensidade de recursos naturais; c) bens duráveis e componentes; d) produtos difusores de progresso técnicos. O exame dos dados permite as seguintes observações:

- a despeito de queda de participação, os produtos de maior relevância na pauta exportadora da América do Sul são ainda os que dependem para sua fabricação de elevada economia de escala e recursos naturais (45,8% do total exportado em 1995 e 42,6% em 2005). Seguem-se em importância os produtos tradicionais (37,6% em 1995 e 34,2% em 2005). Ou seja: em 2005 quase 77% do valor total das exportações de produtos industrializados da América do Sul concentrou-se nesses dois segmentos.

- em função do desempenho do Brasil, o peso das exportações de produtos difusores de progresso técnico (onde estão incluídos os bens de capital) atingiu quase 14% do total em 2005, contra apenas 9,7% em 1995, tendo apresentado, nos dois anos, uma participação superior a dos bens duráveis e componentes. As exportações brasileiras de bens difusores de progresso técnico cresceram de US\$ 5,9 bilhões em 1995 para quase US\$ 20 bilhões em 2005, tendo nesse último ano respondido por cerca de 82% das exportações desses produtos pela América do Sul.

- a Região tem parcela importante do valor de suas importações concentrada nos bens difusores de progresso técnico (35,3% e 38,4% do valor total importado, respectivamente em 1995 e 2005). Seguem-se em importância na pauta importadora da Região os bens de elevada escala produtiva e intensidade de recursos naturais (29,2% em 1995 e 31,8% em 2005). Em contrapartida, entre 1995 e 2005 observa-se uma queda acentuada da importância, nas importações regionais, dos bens duráveis e componentes (16% em 1995 para 14% em 2005).

- O Brasil foi o maior exportador regional das quatro categorias de produtos considerados, com destaque, conforme mencionado, para os bens difusores de progresso técnico. Apenas no caso dos produtos de elevada economia de escala e intensidade de recursos naturais o País não respondeu por mais de 50% das exportações nos períodos considerados. Nesse segmento, o valor exportado pelo Brasil representou 36,7% e 40,8% do total exportado pelo conjunto da América do Sul em 1995 e 2005, respectivamente.

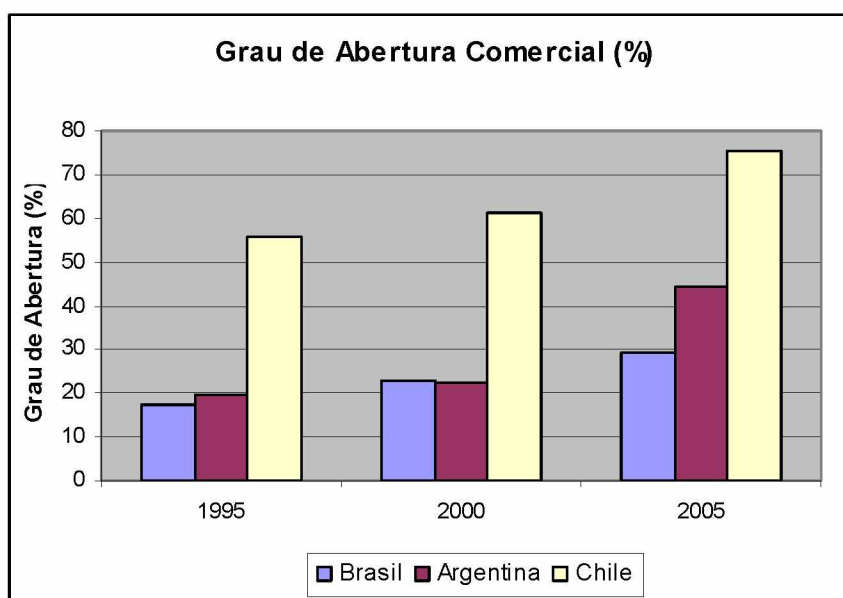
⁴ A classificação adotada foi baseada na metodologia utilizada em: El comercio de manufacturas de américa latina evolución y estructura 1962-1969, Estudios e Informes de la CEPAL, nº 88. Os bens tradicionais incluem, entre outros, alimentos, bebidas e fumo, produtos têxteis, móveis, couros e calçados. Os bens com elevada economia de escala e alta intensidade de recursos naturais incluem, entre outros, os petroquímicos, papel e celulose, cimento, metais básicos e produtos básicos industrializados. Os bens duráveis incluem, entre outros, os produtos da indústria automobilística e os eletro-eletrônicos de consumo. Os bens difusores de progresso técnico incluem, entre outros, as máquinas e equipamentos mecânicos e elétricos e os produtos da química fina.

- As estruturas das pautas de comércio exterior dos países revelam profundas assimetrias. No caso das exportações, como seria de se esperar, as maiores assimetrias são observadas no segmento de bens difusores de progresso técnico. Em 2005, esses bens participaram com mais de 21% das exportações brasileiras de produtos industrializados, contra apenas 7,6% da Argentina, 9,2% da Colômbia, 5,8% do Equador, e participação insignificante na pauta dos demais países.

2.6 - Grau de abertura das economias e Coeficientes de Exportação e Importação da Indústria de Transformação

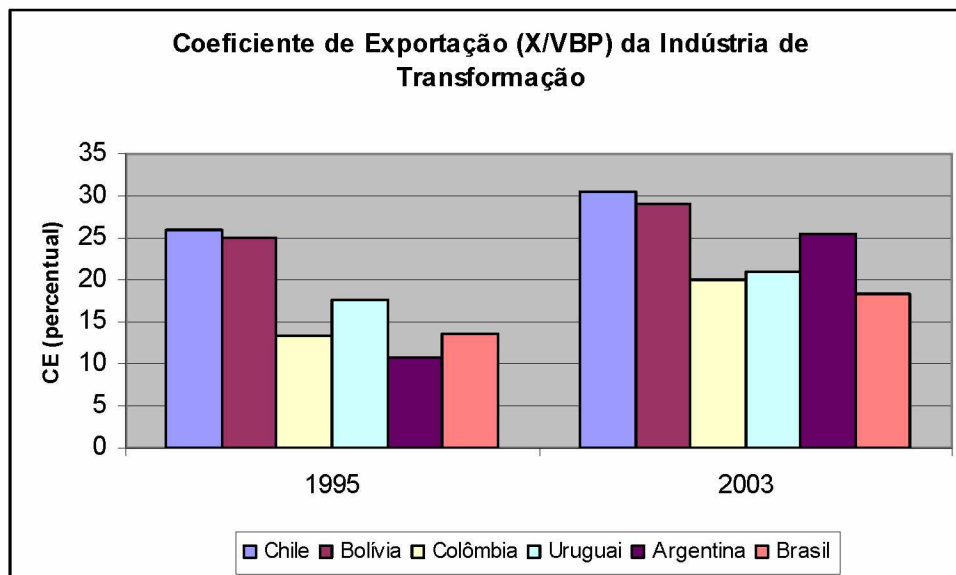
Refletindo, sobretudo, as disparidades de tamanho das economias, o indicador de grau de abertura comercial mostra diferenças substanciais entre os países, a despeito de revelar uma tendência praticamente generalizada de crescimento ao longo do período considerado. Em 2005, os patamares mínimo e máximo do indicador são observados para o Brasil (29,2%) e Paraguai (99%). Neste ano, além do Paraguai, os maiores graus de abertura comercial foram os do Chile (75,4%), Bolívia (69,2%), Equador (63,3%) e Venezuela (62,3%). (Tabela 30 do Anexo Estatístico)

Foi notável o crescimento do grau de abertura da Argentina entre 1995 e 2005, que mais do que dobrou entre os dois anos (passando de 19,7% para 44,3%). Depois da Argentina, os maiores crescimentos do grau de abertura comercial entre 1995 e 2005 foram observados nos casos do: Brasil (aumento de 70%), Uruguai (50%), Peru (42%), Bolívia (39%) e Chile (35%). O Paraguai foi o único país que teve reduzido seu grau de abertura entre 1995 e 2005.



Utilizando-se de dados do PADI, é possível uma avaliação dos coeficientes de exportação e importação (medidos em relação ao valor bruto de produção) da indústria de transformação, segundo 28 subsetores. Como em outros casos, existem, no entanto, lacunas

importantes de informação e grande defasagem temporal de algumas séries. Mesmo assim, as informações disponíveis são apresentadas nas Tabelas 31 a 35 do Anexo Estatístico e permitem observar, para o conjunto da indústria de transformação, diferenças importantes entre os países. Os maiores coeficientes de exportação e importação da indústria de transformação são apresentados pela Bolívia (28,9% de exportação e 56,5% de importação em 2001) e Chile (30,4% de exportação e 33,5% de importação em 2002). O Brasil é o país com os menores coeficientes – 18,3% de exportação e 15,9% de importação em 2003 - destacando-se o crescimento acentuado do coeficiente de exportação da Argentina entre 1995 e 2003, que passou de 10,6% para 25,4%.



No Quadro a seguir são sintetizadas as principais diferenças nos coeficientes de exportação e importação da indústria de transformação para alguns países selecionados (em função da maior disponibilidade de informações). No entanto, o nível muito elevado (superior a 100%) de alguns coeficientes de exportação deixa patente a precariedade dos indicadores, indicando que há problemas de classificação (ou de conversão de valores) nas séries registradas no PADI,

Quadro VI – Coeficientes de Exportação e Importação de países da América do Sul

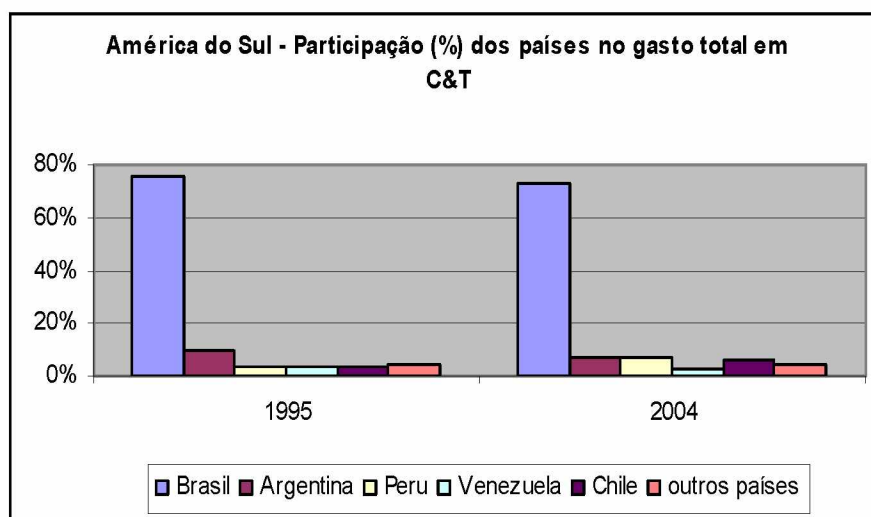
País	1995	Último ano com informações disponíveis
Brasil	Coeficiente de Exportação de 13,5% para a indústria de transformação. 12 setores acima da média, com destaque para metais não ferrosos (46,5%), produtos de couro (44,8%) e produtos de madeira (38%). Coeficiente de Importação de 16,3% para a indústria de transformação, com 8 setores acima da média, destacando-se, instrumentos científicos e profissionais (71,3%), indústria química (47,3%), e maquinaria não elétrica (40,8%).	Em 2002, coeficiente de exportação de 18,3%, com 13 setores acima da média, destacando-se: produtos de couro (64,7%), produtos de madeira (46,2%) e não ferrosos (36,2%). Coeficiente de importação de 15,9%, 8 setores acima da média, destacando-se: instrumentos científicos e profissionais (100,3%), maquinaria elétrica (52,9%) e maquinaria não elétrica (44%).
Argentina	Coeficiente de exportação de 10,6%. 9 setores acima da média, destacando-se: produtos de couro (152%), outras manufaturas (114,7%) e instrumentos científicos e profissionais (61%). Coeficiente de importação de 14,3%, com 13 setores acima da média, destaques: outras manufaturas (270%), instrumentos científicos e profissionais (178,8%) e maquinaria não elétrica (123%).	Em 2003, coeficiente de exportação de 25,4%, com 11 setores acima da média. Destaques: produtos de couro (122,3%), outras manufaturas (114,5%) e instrumentos científicos e profissionais (81,9%). Coeficiente de importação de 16,8%, com 14 setores acima da média. Destaques: outras manufaturas (536,9%), instrumentos científicos e profissionais (322,7%) e maquinaria não elétrica (161,7%).
Chile	Coeficiente de Exportação de 26%, com 4 setores acima da média. Destaque: metais não ferrosos (89,5%) e papel e celulose com 51,2%. Coeficiente de importação de 31,4%, com 12 setores acima da média. Destaques: instrumentos científicos e profissionais (496%), maquinaria elétrica (315%) e maquinaria não elétrica (294%).	Em 2002, coeficiente de exportação de 30,4%, com 9 setores acima da média. Destaques: metais não ferrosos (55,6%), produtos de madeira (54,6%), equipamentos de transporte (52,3%). Coeficiente de importação de 33,5%, com 16 setores acima da média. Destaques: maquinaria elétrica (777%), instrumentos científicos e profissionais (418,9%) e equipamento de transporte (339,3%).
Colômbia	Coeficiente de Exportação de 13,4%, com 9 setores acima da média, destacando-se outras manufaturas (165,3%), metais não ferrosos (105,2%), produtos de couro (110,7%). Coeficiente de Importação de 37,5%, com 8 setores acima da média. Destaques: maquinaria não elétrica (313%), metais não ferrosos (125%).	Em 2002, coeficiente de exportação de 20,1%, com 16 setores acima da média. Destaques: produtos de couro (93%) e metais não ferrosos (63%). Coeficiente de Importação de 37,8%, com 11 setores acima da média. Destaques: instrumentos científicos e profissionais (482%) e maquinaria não elétrica (318%).
Uruguai	Coeficiente de Exportação de 17,7%, com 14 setores acima da média. Destaques: equipamento de transporte (50,7%) e produtos de couro (50,3%). Coeficiente de Importação de 25,6%, com 17 setores acima da média. Destaques: maquinaria não elétrica (726%) e indústria química (169%).	Em 2005, coeficiente de exportação de 20,9%, com 14 setores acima da média. Destaques: metais não ferrosos (197%), produtos de borracha (117%). Coeficiente de Importação de 30,8%, com 17 setores acima da média. Destaques: maquinaria não elétrica (1290%), vidro (437%).

3 Indicadores de C&T e Inovação

Para essa análise, foram utilizadas informações da Rede de Indicadores de Ciência e Tecnologia Ibero-americana e Interamericana (RICTY), que consolida dados fornecidos por cerca de 22 países e tem por objetivo sistematizar um conjunto de indicadores que permita comparações internacionais. Para fins de avaliação do esforço de inovação tecnológica dos países da América do Sul são utilizados também, quando disponíveis, dados de pesquisas nacionais de inovação.

Nas Tabelas 36 a 38 do Anexo Estatístico são apresentados os indicadores da RYCT cujos dados disponíveis permitem uma cobertura mais abrangente dos países e períodos considerados no presente Estudo. São eles: a) gastos totais em C&T; b) gastos em C&T como proporção do PIB; d) patentes concedidas para residentes e coeficientes de invenção (patentes solicitadas por cada 100 mil habitantes). Para essas variáveis, os dados da RYCT permitem também comparações com os Estados Unidos da América.

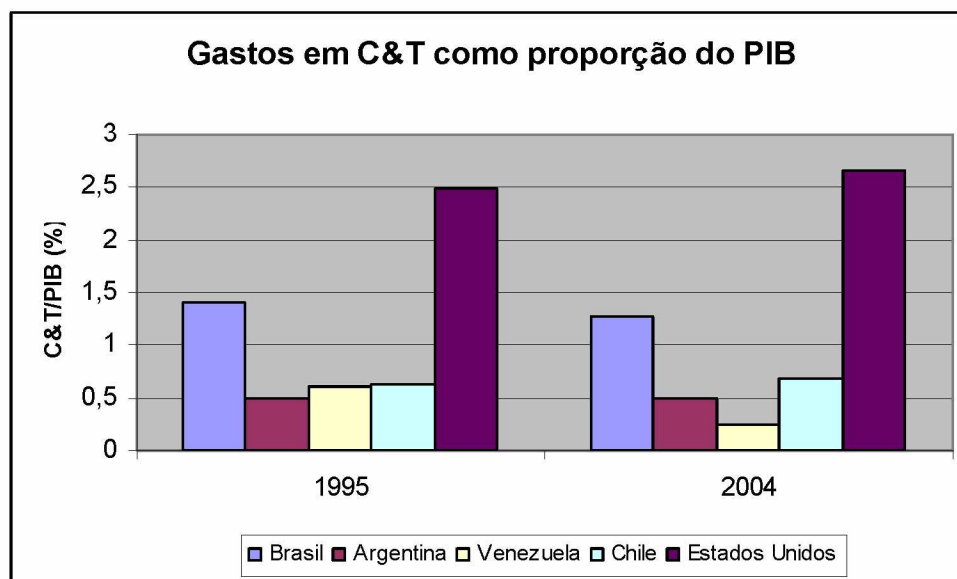
As diferenças entre o Brasil e os outros países da América do Sul são muito mais marcantes nessa área do que a evidenciada pela comparação de indicadores econômicos. O Brasil respondeu por quase 80% do total dos gastos em C&T da América do Sul (76% em 1995 e 72,7% em 2004). A Argentina vem em segundo lugar, com apenas 9,6% em 1995 e 7,2% em 2004 dos dispêndios totais em C&T da Região, seguida pelo Chile com 6,3% em 2005 (contra 3,1% em 1995). Os demais países tiveram participação inexpressiva no total dos dispêndios em C&T.



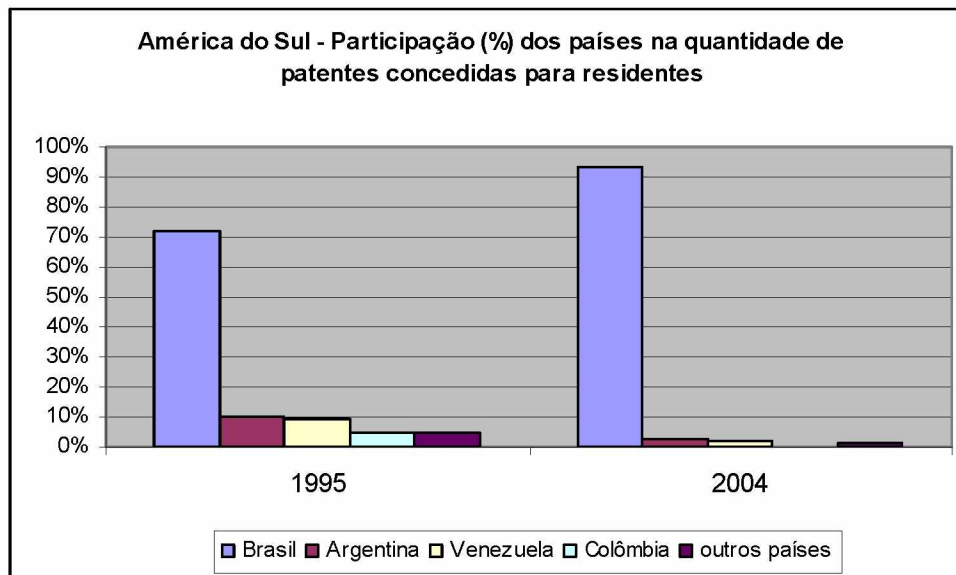
Tanto para o conjunto da América do Sul, quanto para os principais países da Região, observa-se uma redução dos dispêndios em C&T em dólares correntes entre 1995 e 2004. O total aplicado pela América do Sul cai de US\$ 13 bilhões em 1995 para pouco mais de US\$ 10 bilhões em 2004 (no Brasil, o gasto caiu de US\$ 9,8 bilhões em 1995 para US\$ 7,5 bilhões em 2004). Os únicos países nos quais os dispêndios em C&T crescem em termos absolutos foram o Chile e o Peru. Os gastos totais da América do Sul caíram

substancialmente em relação às aplicações feitas pelos EUA: em 1995 eram quatorze vezes menores do que as aplicações daquele país, passando a ser cerca de 32 vezes menores em 2004.

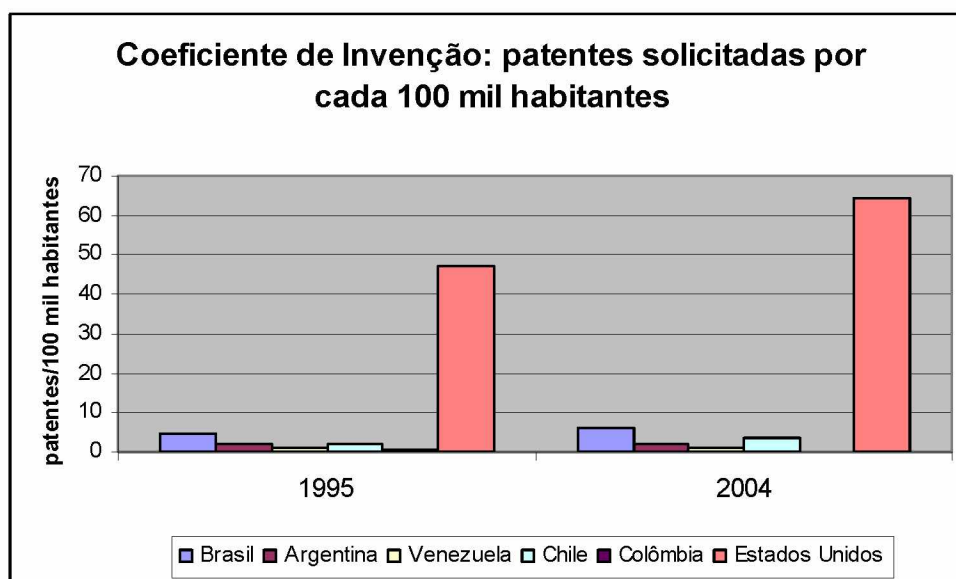
Em proporção ao PIB, os gastos em C&T dos países da América do Sul foram substancialmente menores quando comparados ao indicador da economia americana. No caso brasileiro, essa proporção foi de 1,4% em 1995, caindo para 1,3% em 2004, contra 2,5% (1995) e 2,7% (2004) nos EUA. Os demais países apresentam relações entre o dispêndio em C&T e o PIB muito reduzidas, na maior parte inferiores a 0,25%, com exceção do Peru (0,88% em 1995 e 1,16% em 2004).



Os indicadores de patentes concedidas para residentes mostram um quadro ainda mais dramático da América do Sul em relação à situação nos EUA. No conjunto da Região, foram concedidas em 1995 menos do que 2 mil patentes para residentes, contra mais de 55 mil nos EUA. Em 2004 a situação relativa do conjunto da América do Sul melhorou um pouco: o número de patentes concedidas a residentes mais do que dobrou na Região (passando para 4,3 mil), mas essa quantidade foi ainda assim 19 vezes menor do que o número de patentes nos EUA. Em 2000 e 2004, o Brasil foi responsável por mais de 93% do número de patentes concedidas para residentes na América do Sul (contra 72,3% em 1995). A Argentina, segunda colocada em 2004, concedeu apenas 108 patentes para residentes, ou 37 vezes menos do que o Brasil.



O coeficiente de invenção - CI (patentes solicitadas por 100 mil habitantes) cresceu, no Brasil, de 4,6 em 1995 para 6,0 em 2004, contra 47,2 e 64,5 nos mesmos anos nos EUA. O CI da Argentina praticamente não aumentou entre os dois anos (situando-se em 2,0), tendo sido inferior ao do Chile (que foi de 2,2 em 1995 e 3,7 em 2004).



A RICTY consolida também outros indicadores de C&T, para os quais não estão, contudo, disponíveis informações que permitam a cobertura de todos os países e períodos considerados neste Estudo. Mesmo assim, algumas outras comparações são possíveis. No

que diz respeito, por exemplo, ao financiamento dos gastos em C&T observam-se diferenças substanciais na estrutura de fontes entre os países da América do Sul e os EUA. Em 1995, quase 70% dos recursos aplicados no Brasil vieram do Governo e de Instituições de Ensino Superior, percentual próximo ao da Argentina (67,3%) e do Chile (64%), contra apenas 37,2% dos EUA. Em contrapartida, os recursos provenientes das empresas representaram 60,4% do total gasto nos EUA, contra 27,7% na Argentina, 30,6% no Brasil e 22,4% do Chile.

Em 2004, cai ligeiramente a participação do Governo e das entidades de ensino superior no financiamento dos gastos em C&T no Brasil e na Argentina (que atingem, respectivamente, as proporções de 67% e 63,1% do total dos dispêndios) e mais fortemente no Chile (proporção de 45,2% nesse ano, contra 64% em 1995). A participação das empresas sobe para quase 40% no Brasil, 33,1% na Argentina e para cerca de 46% no Chile. Apesar disto, a situação nos países da América do Sul foi ainda, nesse ano, bastante distinta da dos EUA (onde a participação das empresas no financiamento dos gastos em C&T atingiu quase 64%).

Os dados disponíveis da RYCT sobre recursos humanos nas atividades de C&T mostram que o número total de pessoas envolvidas nessas atividades cresceu, entre 1995 e 2005, de 328 mil para 431 mil no Brasil (31% de crescimento) contra 12% na Argentina, onde esse número passou de 90 mil em 1995 para 101 mil em 2005.

Com relação às atividades de inovação tecnológica, procedeu-se, neste Estudo, a um levantamento – particularmente, nos sistemas de estatística dos países da América do Sul - das pesquisas mais recentes sobre o tema, podendo ser destacados as seguintes pesquisas e estudos:

- no caso do Brasil, a Pesquisa de Inovação Tecnológica de 2005, elaborada pelo IBGE; que cobriu cerca de 90 mil empresas e 33 atividades industriais nos períodos 2001-2003 e 2003-2005,
- no caso da Argentina, a Segunda Pesquisa Nacional de Inovação Tecnológica das Empresas Argentinas, 1998 - 2001, elaborada pelo Instituto Nacional de Estatística e Censos da Argentina, realizada no primeiro semestre de 2003, cobrindo aproximadamente 1,7 mil empresas industriais;
- ainda no caso da Argentina, o Estudo sobre o Sistema Argentino de Inovação, Grau de Desenvolvimento e Temas Pendentes, Ana Fanelli e Marilina Estébanez, Buenos Aires, março de 2006,
- no caso do Chile, a Terceira Pesquisa sobre Inovação Tecnológica, realizada em 2001 pela Secretaria de Inovação Tecnológica e pelo Instituto Nacional de Estatísticas, e analisada por José Miguel Benquavente, do Dep. de Economia da Universidade do Chile, maio de 2003;
- no caso do Peru, o Estudo sobre a Participação Pública e Privada em Pesquisa e Desenvolvimento e Inovação Tecnológica no Peru, uma apreciação global relativa a outros

países latino-americanos, Juana Kuramoto e Máximo Torero, Grupo de Análise para o Desenvolvimento, GRADE, Peru, Lima, fevereiro de 2004;

- no caso da Colômbia, o Estudo sobre Capacidades Tecnológicas, Inovação e Competitividade: Resultados de Pesquisa de Inovação, Observatório Colombiano de Ciência e Tecnologia, Bogotá, dezembro de 2006.

Como as pesquisas cobrem períodos diferentes e adotam metodologias, cobertura e detalhamento distintos, além de apresentarem, na maior parte dos casos, indicadores de caráter subjetivo, relacionados com o grau de inovação dos estabelecimentos pesquisados, ficam prejudicadas as análises das diferenças entre os países. De qualquer forma, algumas comparações são possíveis, particularmente entre Brasil e Argentina que, provavelmente, possuem os sistemas de inovação mais avançados da América do Sul.

Neste sentido, a comparação do indicador síntese da atividade de inovação, ou seja o que relaciona os dispêndios em atividades internas de P&D com a receita líquida de vendas das empresas, mostra uma intensidade de aplicações em P&D muito maior no Brasil do que na Argentina. A relação entre dispêndios de P&D/vendas industriais das empresas pesquisadas no Brasil foi, em 2003, mais do que o dobro da Argentina (em 2001) - 0,53% no Brasil, contra 0,26% na Argentina. Em 2005, essa relação no caso brasileiro cresce para quase 0,8% (note-se que, no caso da Argentina, esse indicador também cresceu entre 1998 e 2001, passando de 0,19% para 0,26%).

Quando a comparação é baseada num indicador de inovação mais abrangente, ou seja o que mede os dispêndios em quaisquer atividades de inovação em relação às receitas de vendas das empresas, verifica-se também, no caso brasileiro, uma maior intensidade de aplicação de recursos: em 2003 e 2005, essa relação, no Brasil, foi de, respectivamente, 2,5% e 3%, contra 2% e 1,6% na Argentina, nos anos de 1998 e 2001.

Em Faneli e Estébanez, 2006 (acima citado), é feita a comparação do dispêndio em P&D por pesquisador (em dólares correntes) em 3 países da América do Sul e no México, com os seguintes resultados: Brasil, US\$ 207/pesquisador (em 2000), Chile, US\$ 138 (2003); México, US\$ 132 (2002), e Argentina US\$ 65 em (2003).

4. Principais Conclusões

Os indicadores utilizados neste Estudo deixam flagrantes as grandes diferenças de tamanho e de estrutura produtiva do Brasil com os demais países da Região. Entre 2000 e 2005, na comparação a preços correntes, a participação brasileira no valor agregado regional permaneceu praticamente inalterada, tendo representado mais da metade do produto total da América do Sul (53,6% e 54% do total, respectivamente em 1995 e 2000). Na comparação a preços constantes (dólares de 2000) o peso do produto brasileiro fica um pouco abaixo de 50% ao longo de todo o período considerado. Em 2005, o valor agregado pela economia brasileira é maior do que o dobro do gerado pela economia argentina.

O Brasil tem participação expressiva no valor agregado em praticamente todos os setores. Na Indústria de Transformação, a participação brasileira no total da Região atingiu

52% em 2005 (na comparação a preços constantes), tendo sido mais de duas vezes superior ao produto argentino e mais de 5 vezes superior ao venezuelano. Os únicos setores nos quais o Brasil apresenta participações um pouco menos significativas são nos de *Transporte, Armazenagem e Comunicações*, no setor de *Mineração* (no qual o valor agregado pelo Brasil é inferior, a preços constantes, ao da Venezuela) e no *Comércio Atacadista*.

No que diz respeito ao perfil produtivo de cada país, observa-se: a) uma menor assimetria entre Brasil e Argentina (quando se consideram os setores das contas nacionais); b) um conjunto de países com forte participação do setor agrícola no produto (Paraguai, Bolívia, Colômbia); c) outro conjunto de países cuja estrutura produtiva é muito marcada pela presença do setor *Mineral* (Venezuela, Equador, Chile). As diferenças de tamanho e de estrutura produtiva dos países, particularmente em relação ao Brasil, ficam mais acentuadas quando se utilizam dados para os 28 subsetores da indústria de transformação, disponíveis no Programa de Análisis de la Dinámica Industrial – PADI/CEPAL. A estrutura produtiva da indústria brasileira revela-se muito mais complexa e diversificada do que a dos outros países, nos quais a presença dos setores tradicionais da indústria (como os fabricantes de produtos alimentícios, têxteis, bebidas) é muito mais acentuada. O único sub-setor não tradicional que aparece na estrutura produtiva de praticamente todos os países é o de *Refino de Petróleo*.

Em 1995 e 2004 (no caso do Brasil foi utilizado o ano de 2002), o valor agregado pela indústria brasileira (a US\$ de 1985) correspondeu a 3,5 vezes o gerado pela indústria de transformação da Argentina, ou seja não houve nenhuma redução da disparidade de tamanho. Alguns estudos resenhados no presente Trabalho – dependendo da metodologia de cálculos dos valores do produto - mostram uma diferença de tamanho até mais acentuada no período recente. Contudo, no caso de 17 subsetores industriais (dos 28 considerados) observa-se, em parte devido a se estar utilizando dados mais defasados para o Brasil, uma redução da diferença de tamanho, com destaque para as indústrias de calçados e produtos plásticos. A divergência de tamanho foi menor no sub-setor de produtos alimentares (1,3 vezes e 1,6 vezes, respectivamente em 1995 e 2004) e muito elevada nos subsetores fabricantes de bens de capital (ex: Brasil cerca de 17 vezes maior na produção de *Maquinaria Elétrica*). Os estudos setoriais consultados – nos segmentos automobilístico, petroquímico e de máquinas-ferramenta – evidenciam também diferenças substanciais de tamanho entre a indústria brasileira e a argentina.

Com base no valor agregado da produção, procedeu-se também neste Estudo a uma avaliação do potencial de complementaridade entre os países da Região. O indicador utilizado mede este potencial pela evolução da quantidade de setores (das contas nacionais e da indústria de transformação) dos demais países que apresentam tamanho superior à metade do produto brasileiro, nos respectivos setores. Ou seja: onde as escalas produtivas e o tamanho do mercado brasileiro permitiriam algum tipo de intercâmbio entre os países. A análise não revelou alterações substanciais no potencial de complementaridade no período coberto por este Estudo, destacando-se apenas uma redução do “gap” de tamanho em relação à economia brasileira (isto é, um aumento do número de subsetores com tamanho superior ao brasileiro) nos segmentos de *Bebidas e Petróleo e Produtos de Carvão*. Além desses, a complementaridade revela-se possível em subsetores como produtos alimentícios,

produtos de *madeira e móveis, cerâmica e vidro* (envolvendo países como Argentina, Chile, Peru, Colômbia, Venezuela).

É interessante notar que, pela metodologia utilizada, não foi selecionado (como passível de complementaridade) o sub-setor de *Equipamento de Transportes* – onde está incluída a indústria automobilística, um dos poucos exemplos onde se está dando, concretamente, um processo de integração de cadeias produtivas entre Brasil e Argentina. Neste caso, como salienta a literatura consultada, mais do que influência de fatores de mercado, a alocação de investimentos nos países tem respondido à adoção de políticas governamentais consistentes com as estratégias das empresas multinacionais (incentivos fiscais, comércio administrado, etc.), o que parece difícil que possa ser reproduzido para outros segmentos industriais.

Com relação aos indicadores de comércio exterior, em função da maior dimensão do mercado interno brasileiro, não se observa, no caso das exportações, um peso tão preponderante da economia brasileira, como o observado no caso do produto. Entre 1995 e 2005, mais do que dobrou o valor exportado pelos países da América do Sul, tendo a participação brasileira no total permanecido praticamente inalterada (36,5% para 38,8%). Os quatro maiores exportadores da Região (Brasil, Venezuela, Argentina e Chile) também mantiveram estável sua participação no total exportado (em torno de 80%).

A importância de cada país nas exportações da América do Sul variou substancialmente segundo setores da economia, como reflexo das disparidades de desenvolvimento relativo e da base de recursos naturais de cada economia. O Brasil apresentou participação importante nas exportações regionais em praticamente todos os setores da economia. Nas indústrias *metal-mecânicas* a participação brasileira no total exportado passou de 69% em 1985 para 80% em 2005. Para a América do Sul, como um todo, observa-se uma redução da importância das exportações de *produtos agrícolas e bens não duráveis*, em contrapartida a um aumento expressivo do peso das exportações de bens do *setor mineral*. O perfil exportador do Brasil, ao contrário dos demais países, é marcado por uma participação importante de setores produtores de bens com maior valor agregado e cadeia produtiva mais longa.

Apesar de uma queda de participação entre 1995 e 2005, os produtos de maior relevância na pauta exportadora da América do Sul de produtos industrializados são os que dependem para sua fabricação de elevada economia de escala e recursos naturais. O peso desses produtos no total das exportações da Região foi de 45,8% em 1995 e 42,6% em 2005. Em 2005, esses produtos mais os *bens tradicionais* responderam por quase 80% do valor exportado. Em função do desempenho do Brasil, o peso das exportações de produtores difusores de progresso técnico cresceu de 9,7% do total em 1995 para quase 14% em 2005. O Brasil é o único exportador relevante desses produtos na Região (com 82% do total exportado em 2005, e crescimento do valor exportado de US\$ 5,9 bilhões em 1995 para quase US\$ 20 bilhões em 2005). Por outro lado, a Região tem parcela importante das suas importações concentradas também neste tipo de produto (35,3% e 38,4% do valor total importado, em 1995 e 2005).

Como seria de se esperar, o Brasil apresentou os menores coeficientes de exportação e importação de produtos da indústria de transformação - 18,3% e 15,9%, respectivamente em 1995 e 2003, muito embora tenha se verificada tendência de crescimento do coeficiente de exportação entre 1995 e 2005 (o que ocorreu para praticamente todos os países). Foi notável o crescimento do coeficiente de exportação da indústria de transformação da Argentina entre 1995 e 2003, que passou de 10,6% para mais de 25%.

Os indicadores do esforço de desenvolvimento científico e tecnológico utilizados neste Estudo, mostram que as diferenças entre o Brasil e os outros países da América do Sul são muito mais marcantes nessa área do que a revelada pela comparação de indicadores económicos. O Brasil respondeu por quase 80% dos gastos totais de C&T na Região em 1995 (72,7% em 1994) e por cerca de 93% das patentes concedidas para residentes na América do Sul. A relação entre dispêndios de C&T no Brasil foi de 1,3% em 2004 (1,4% em 1995), contra relações insignificantes nos demais países da Região, com exceção do Peru. Apesar disto, tanto para o conjunto da América do Sul, quanto para os principais países da Região, observou-se uma redução dos dispêndios em C&T em dólares correntes entre 1995 e 2004 (com exceção de Chile e Peru). Além disto, os indicadores de C&T dos países da América do Sul, e mesmo os do Brasil, são substancialmente inferiores aos dos EUA. No tocante à inovação tecnológica, o indicador síntese da atividade de inovação – que mede os dispêndios em atividades internas de P&D com relação à receita líquida de vendas das empresas – mostra que a intensidade de aplicações em P&D no Brasil é praticamente o dobro da Argentina.

Em resumo, a despeito do nível elevado de agregação dos indicadores utilizados, não parecem existir evidências de que estaria havendo uma redução das assimetrias estruturais na Região. O Brasil detém claramente um perfil produtivo muito mais completo e diversificado do que o dos outros países, onde predominam segmentos produtivos vinculados com o setor primário da economia.

Os indicadores mostram também que a intensidade do esforço de pesquisa e desenvolvimento e de inovação tecnológica no Brasil é substancialmente maior do que nos outros países da Região (a despeito de ser muito inferior ao realizado, por exemplo, nos EUA). Isto sinaliza que, pelo menos por influência desta variável, não se pode esperar a redução das disparidades regionais de desenvolvimento. Além disto, a preponderância da economia brasileira na América do Sul – que é bem maior do que a dos demais países na grande maioria dos setores, acaba também por limitar, sob o ponto de vista do Brasil, as possibilidades de complementaridade produtiva e sinalizar uma tendência de crescentes superávits comerciais brasileiros na Região.

ANEXO ESTATÍSTICO

Tabela 1 – América do Sul – Valor Agregado Total (por país), 1995, 2000, 2005 – US\$ milhões

Tabela 1.1 – América do Sul – Valor Agregado (por país) , Agricultura – US\$ milhões

Tabela 1.2 – América do Sul – Valor Agregado (por país), Mineração – US\$ milhões

Tabela 1.3 – América do Sul – Valor Agregado (por país), Ind. Transformação – US\$ milhões

Tabela 1.4 – América do Sul – Valor Agregado (por país), Eletricidade, Gás, Água – US\$ milhões

Tabela 1.5 – América do Sul – Valor Agregado (por país), Construção Civil – US\$ milhões

Tabela 1.6 – América do Sul – Valor Agregado (por país), Comércio Atacadista, Hotéis – US\$ milhões

Tabela 1.7 – América do Sul – Valor Agregado (por país), Transportes e Comunicações – US\$ milhões

Tabela 1.8 – América do Sul – Valor Agregado (por país), Finanças e Seguros – US\$ milhões

Tabela 1.9 – América do Sul – Valor Agregado (por país), Serviços – US\$ Milhões

Tabela 1.10 – América do Sul – Estrutura do valor agregado de cada país, 1994, 2000, 2005

Tabela 2 – América do Sul – Valor Agregado Total (por país), 1995, 2000, 2005, US\$ milhões constantes

Tabela 2.1 – América do Sul – Valor Agregado (por país) , Agricultura – US\$ milhões constantes

Tabela 2.2 – América do Sul – Valor Agregado (por país), Mineração – US\$ milhões constantes

Tabela 2.3 – América do Sul – Valor Agregado (por país), Ind. Transformação – US\$ milhões constantes

Tabela 2.4 – América do Sul – Valor Agregado, Eletricidade, Gás, Água – US\$ milhões constantes

Tabela 2.5 – América do Sul – Valor Agregado (por país), Construção Civil – US\$ milhões constantes

Tabela 2.6 – América do Sul – Valor Agregado (por país), Comércio Atacadista, Hotéis – US\$ milhões constantes.

Tabela 2.7 – América do Sul – Valor Agregado (por país), Transportes e Comunicações – US\$ milhões constantes.

Tabela 2.8 – América do Sul – Valor Agregado (por país), Finanças e Seguros – US\$ milhões constantes.

Tabela 2.9 – América do Sul – Valor Agregado (por país), Serviços – US\$ Milhões constantes

Tabela 3 - América do Sul (por país) – Valor Agregado (Agricultura, Indústria e Serviços), 1995, 2000, 2005, US\$ milhões constantes.

Tabela 3.1 – Comparação da Estrutura da População Ocupada e do Valor Agregado (Agricultura, Indústria, Serviços), 1990, 1995, 2000.

Tabela 4 – Brasil – Estrutura do valor Agregado da Indústria de Transformação (28 subsetores), 1995, 2000, 2002, US\$ milhões constantes.

Tabela 5 – Argentina – Estrutura do valor Agregado da Indústria de Transformação, 1995, 2000, 2004, US\$ milhões constantes.

Tabela 6 – Chile – Estrutura do valor Agregado da Indústria de Transformação, 1995, 2000, 2002, US\$ milhões constantes.

Tabela 7 – Colômbia – Estrutura do valor Agregado da Indústria de Transformação, 1995, 2000, 2002, US\$ milhões constantes.

Tabela 8 – Peru – Estrutura do valor Agregado da Indústria de Transformação, 1995, 2000, 2003, US\$ milhões constantes.

Tabela 8 – Peru – Estrutura do valor Agregado da Indústria de Transformação, 1995, 2000, 2003, US\$ milhões constantes

Tabela 9 – Bolívia – Estrutura do valor Agregado da Indústria de Transformação, 1995, 2000, 2001, US\$ mil constantes.

Tabela 10 – Uruguai – Estrutura do valor Agregado da Indústria de Transformação, 1995, 2000, 2001, US\$ milhões constantes

Tabela 11- Brasil – Estrutura do Emprego Industrial, quantidade de trabalhadores e percentual, 1995, 2000, 2003.

Tabela 12- Argentina – Estrutura do Emprego Industrial, quantidade de trabalhadores e percentual, 1995, 2000, 2004.

Tabela 13- Bolívia – Estrutura do Emprego Industrial, quantidade de trabalhadores e percentual, 1995, 2000, 2001.

Tabela 14- Chile – Estrutura do Emprego Industrial, quantidade de trabalhadores e percentual, 1995, 2000, 2003.

Tabela 15- Colômbia – Estrutura do Emprego Industrial, quantidade de trabalhadores e percentual, 1995, 2000, 2003.

Tabela 16- Uruguai – Estrutura do Emprego Industrial, quantidade de trabalhadores e percentual, 1995, 2000, 2003.

Tabela 17 – Brasil – Indicador de Produtividade da Mão de Obra (em comparação aos EUA), 1995, 2000, 2002

Tabela 18 – Argentina – Indicador de Produtividade da Mão de Obra (em comparação aos EUA), 1995, 2000, 2003

Tabela 19 – Chile – Indicador de Produtividade da Mão de Obra (em comparação aos EUA), 1995, 2000, 2002

Tabela 20 – Bolívia – Indicador de Produtividade da Mão de Obra (em comparação aos EUA), 1995, 2000, 2005

Tabela 21 – Colômbia – Indicador de Produtividade da Mão de Obra (em comparação aos EUA), 1995, 2000, 2002

Tabela 22 – Uruguai – Indicador de Produtividade da Mão de Obra (em comparação aos EUA), 1995, 2000, 2001

Tabela 23 – América do Sul (por país), Produção física de alguns setores, 1995, 2000, 2005

Tabela 24 – América do Sul (por país), Exportações, 1995, 2000, 2005, US\$ milhões

Tabela 24.1– América do Sul (por país), Exportações (Agricultura), 1995, 2000, 2005, US\$ milhões

Tabela 24.2 – América do Sul (por país), Exportações (Mineração), 1995, 2000, 2005, US\$ milhões

Tabela 24.3 – América do Sul (por país), Exportações (Outras Indústrias), 1995, 2000, 2005, US\$ milhões

Tabela 24.4 – América do Sul (por país), Exportações (bens intermediários), 1995, 2000, 2005, US\$ milhões

Tabela 24.5 – América do Sul (por país), Exportações (alimentos, bebidas, fumo), 1995, 2000, 2005, US\$ milhões

Tabela 24.6 – América do Sul (por país), Exportações (ind. Metal-mecânica), 1995, 2000, 2005, US\$ milhões

Tabela 24.7 – América do Sul – Estrutura das Exportações (por país), 1995, 2000, 2005, em porcentagem.

Tabela 25 – América do Sul (por país) – Importações, 1995, 2000, 2005, US\$ milhões

Tabela 25.1 – América do Sul (por país) – Importações (bens de consumo), 1995, 2000, 2005, US\$ milhões

Tabela 25.2 – América do Sul (por país) – Importações (bens intermediários), 1995, 2000, 2005, US\$ milhões

Tabela 25.3 – América do Sul (por país) – Importações (bens de capital), 1995, 2000, 2005, US\$ milhões

Tabela 25.4 – América do Sul (por país) – Importações (combustíveis e lubrificantes), 1995, 2000, 2005, US\$ milhões

Tabela 25.5 – América do Sul (por país) – Importações (automóveis de passageiros), 1995, 2000, 2005, US\$ milhões

Tabela 25.6 – América do Sul – Estrutura das importações (por país), 1995, 2000, 2005, em porcentagem

Tabela 26 – América do Sul – Composição do Comércio Exterior de Produtos Industrializados (por país), US\$ milhões e porcentagem, 1995

Tabela 27 – América do Sul – Composição do Comércio Exterior de Produtos Industrializados (por país), US\$ milhões e porcentagem, 2000

Tabela 28 – América do Sul – Composição do Comércio Exterior de Produtos Industrializados (por país), US\$ milhões e porcentagem, 2005

Tabela 29 – América do Sul (por país), estrutura do comércio exterior de produtos industrializados, em porcentagem, 1995, 2000, 2005.

Tabela 30 – América do Sul (por país) – grau de abertura comercial, 1995, 2000, 2005, em porcentagem

Tabela 31 – Brasil, Coeficientes de Exportação e Importação da Indústria de Transformação, 1995, 2000 e 2002, em porcentagem

Tabela 32 – Argentina, Coeficientes de Exportação e Importação da Indústria de Transformação, 1995, 2000, 2003, em porcentagem

Tabela 33 – Chile, Coeficientes de Exportação e Importação da Indústria de Transformação, 1995, 2000, 2002, em porcentagem

Tabela 34 – Colômbia, Coeficientes de Exportação e Importação da Indústria de Transformação, 1995, 2000, 2002, em porcentagem

Tabela 35 – Uruguai, Coeficientes de Exportação e Importação da Indústria de Transformação, 1995, 2000, 2002, em porcentagem

Tabela 36 – América do Sul (por país) e EUA, gastos em ciência e tecnologia, 1995, 2000, 2004, US\$ milhões correntes.

Tabela 37 – América do Sul (por país) e EUA, gastos em ciência e tecnologia em relação ao PIB, 1990, 1995, 2004, relação.

Tabela 38 – América do Sul (por país) e EUA, patentes concedidas para residentes e coeficiente de invenção, 1995, 2000, 2004, quantidade e relação.

Tabela 1 - América do Sul - Valor Agregado Total
US\$ milhões

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	662973,0	53,6%	558146,8	47,0%	749693,4	54,0%
Argentina	242394,9	19,6%	267683,4	22,5%	169725,7	12,2%
Colômbia	89894,7	7,3%	80523,3	6,8%	116338,9	8,4%
Venezuela	72491,5	5,9%	112219,2	9,4%	106722,6	7,7%
Chile	67310,2	5,4%	70794,1	6,0%	108294,1	7,8%
Peru	48343,7	3,9%	48681,9	4,1%	72312,8	5,2%
Equador	19095,5	1,5%	14710,6	1,2%	34217,4	2,5%
Uruguai	19888,8	1,6%	21056,8	1,8%	16960,5	1,2%
Paraguai	7315,5	0,6%	6506,8	0,5%	6745,7	0,5%
Bolívia	6093,3	0,5%	7631,0	0,6%	7890,0	0,6%
Total	1235801,1	100,0%	1187953,9	100,0%	1388901,1	100,0%

- elaborado com base nas tabelas setoriais

Tabela 1.1 - América do Sul - Valor Agregado - US\$ milhões correntes
Sector: Agricultura, Caça, Silvicultura e Pesca

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	56112,8	54,4%	42760,8	50,3%	60011,9	53,5%
Argentina	13811,9	13,4%	13306,9	15,6%	15956,1	14,2%
Colômbia	12967,1	12,6%	10837,6	12,7%	13824,5	12,3%
Venezuela	4255,1	4,1%	4607,4	5,4%	4709,1	4,2%
Chile	4096,7	4,0%	4162,2	4,9%	5796,1	5,2%
Peru	4242,5	4,1%	4137,6	4,9%	5203,2	4,6%
Equador	3273,3	3,2%	1692,6	2,0%	2359,8	2,1%
Uruguai	1662,7	1,6%	1247,0	1,5%	1555,0	1,4%
Paraguai	1671,4	1,6%	1203,2	1,4%	1619,8	1,4%
Bolívia	997,8	1,0%	1088,9	1,3%	1139,9	1,0%
Total	103091,3	100,0%	85044,2	100,0%	112175,4	100,0%

Fonte: Contas Nacionais dos países, Anuário Estatístico da CEPAL 2006

Tabela 1.2 - América do Sul - Valor Agregado - US\$ milhões correntes
Sector: Mineração.

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	5388,5	15,2%	13807,0	23,3%	34670,8	30,6%
Argentina	4839,6	13,6%	7101,6	12,0%	9925,4	8,8%
Colômbia	3586,4	10,1%	5193,0	8,8%	8674,9	7,7%
Venezuela	10782,5	30,4%	21103,2	35,6%	25715,1	22,7%
Chile	6102,6	17,2%	5270,7	8,9%	18413,3	16,2%
Peru	2421,3	6,8%	2781,7	4,7%	7480,1	6,6%
Equador	1913,8	5,4%	3429,7	5,8%	7511,2	6,6%
Uruguai	43,7	0,1%	63,4	0,1%	41,0	0,0%
Paraguai	10,5	0,0%	8,2	0,0%	8,7	0,0%
Bolívia	405,2	1,1%	550,6	0,9%	918,3	0,8%
Total	35494,1	100,0%	59309,1	100,0%	113358,8	100,0%

Fonte: Contas Nacionais dos países, Anuário Estatístico da CEPAL 2006

Tabela 1.3 - América do Sul - Valor Agregado - US\$ milhões correntes
Sector: Indústria de Transformação

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	149007,3	58,8%	120330,8	52,7%	172275,7	60,7%
Argentina	44513,2	17,6%	46900,5	20,5%	39292,1	13,8%
Colômbia	13506,4	5,3%	12205,6	5,3%	16475,9	5,8%
Venezuela	16960,8	6,7%	21706,3	9,5%	18778,0	6,6%
Chile	12800,8	5,1%	13249,8	5,8%	18512,8	6,5%
Peru	8104,2	3,2%	7696,4	3,4%	11792,9	4,2%
Equador	2280,9	0,9%	809,9	0,4%	852,7	0,3%
Uruguai	3800,6	1,5%	3391,6	1,5%	3719,7	1,3%
Paraguai	1318,5	0,5%	1117,0	0,5%	1055,1	0,4%
Bolívia	1123,5	0,4%	1112,0	0,5%	1092,2	0,4%
Total	253416,2	100,0%	228519,9	100,0%	283847,1	100,0%

Fonte: Contas Nacionais dos países, Anuário Estatístico da CEPAL 2006

Tabela 1.4- América do Sul - Valor Agregado - US\$ milhões correntes
Sector: Eletricidade, Gás e Água

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	16667,8	54,0%	18616,7	52,2%	25157,6	59,6%
Argentina	5112,3	16,6%	6587,3	18,5%	2934,2	7,0%
Colômbia	2874,2	9,3%	2987,2	8,4%	5157,9	12,2%
Venezuela	1879,4	6,1%	2513,0	7,1%	2254,7	5,3%
Chile	2110,3	6,8%	2303,5	6,5%	3236,0	7,7%
Peru	965,9	3,1%	1224,5	3,4%	1710,3	4,1%
Equador	145,8	0,5%	169,0	0,5%	517,0	1,2%
Uruguai	712,6	2,3%	826,2	2,3%	826,3	2,0%
Paraguai	143,1	0,5%	162,6	0,5%	152,6	0,4%
Bolívia	229,6	0,7%	244,2	0,7%	246,8	0,6%
Total	30841,0	100,0%	35634,2	100,0%	42193,4	100,0%

Fonte: Contas Nacionais dos países, Anuário Estatístico da CEPAL 2006

Tabela 1.5 - América do Sul - Valor Agregado - US\$ milhões correntes
Sector: Construção Civil

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	57437,2	60,7%	48582,0	57,1%	52093,4	56,5%
Argentina	13417,4	14,2%	13314,7	15,7%	8285,7	9,0%
Colômbia	6922,2	7,3%	3054,8	3,6%	7803,0	8,5%
Venezuela	4512,4	4,8%	9039,7	10,6%	6793,8	7,4%
Chile	6473,3	6,8%	5318,1	6,3%	8997,1	9,8%
Peru	3482,2	3,7%	2850,4	3,4%	4160,9	4,5%
Equador	689,8	0,7%	1126,9	1,3%	2975,7	3,2%
Uruguai	1023,7	1,1%	1187,6	1,4%	639,9	0,7%
Paraguai	406,7	0,4%	325,6	0,4%	345,6	0,4%
Bolívia	198,9	0,2%	254,7	0,3%	168,7	0,2%
Total	94563,8	100,0%	85054,5	100,0%	92263,8	100,0%

Fonte: Contas Nacionais dos países, Anuário Estatístico da CEPAL 2006

Tabela 1.6 - América do Sul - Valor Agregado - US\$ milhões correntes
Sector: Comércio Atacadista, Hotéis, Bares e Restaurantes

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	55660,7	39,0%	39469,2	30,9%	53829,6	40,4%
Argentina	41208,8	28,9%	43928,0	34,4%	24299,7	18,2%
Colômbia	11315,3	7,9%	8945,1	7,0%	12758,2	9,6%
Venezuela	8275,0	5,8%	10678,6	8,4%	10743,0	8,1%
Chile	8213,6	5,8%	7833,4	6,1%	9316,7	7,0%
Peru	9839,6	6,9%	9397,0	7,4%	12784,8	9,6%
Equador	2940,3	2,1%	2682,3	2,1%	4901,9	3,7%
Uruguai	2939,1	2,1%	2674,2	2,1%	2199,1	1,6%
Paraguai	1678,4	1,2%	1296,9	1,0%	1553,2	1,2%
Bolívia	759,0	0,5%	867,9	0,7%	898,0	0,7%
Total	142829,8	100,0%	127772,6	100,0%	133284,2	100,0%

Fonte: Contas Nacionais dos países, Anuário Estatístico da CEPAL 2006

Tabela 1.7 - América do Sul - Valor Agregado - US\$ milhões correntes
Sector: Transporte, Armazenagem e Comunicações

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	30853,5	42,2%	29138,7	35,7%	35906,2	41,2%
Argentina	19064,7	26,1%	24149,1	29,6%	15300,7	17,5%
Colômbia	6646,6	9,1%	5951,3	7,3%	8377,1	9,6%
Venezuela	4052,9	5,5%	7778,1	9,5%	6844,7	7,8%
Chile	4273,9	5,8%	5244,2	6,4%	7464,2	8,6%
Peru	3963,4	5,4%	4331,4	5,3%	6054,1	6,9%
Equador	1910,2	2,6%	1720	2,1%	4121,8	4,7%
Uruguai	1402,5	1,9%	1819,4	2,2%	1604,6	1,8%
Paraguai	409,4	0,6%	492,4	0,6%	520,4	0,6%
Bolívia	677,2	0,9%	951,8	1,2%	1058,9	1,2%
Total	73254,3	100,2%	81576,4	100,0%	87252,7	100,0%

Fonte: Contas Nacionais dos países, Anuário Estatístico da CEPAL 2006

Tabela 1.8 - América do Sul - Valor Agregado - US\$ milhões correntes
Sector: Finanças e Seguros

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	114872,5	51,6%	97497,5	46,1%	121609,5	56,13%
Argentina	51352,2	23,1%	56046,0	26,5%	25829,8	11,9%
Colômbia	16406,0	7,4%	12553,6	5,9%	17583,0	8,1%
Venezuela	11037,3	5,0%	14917,7	7,1%	12828,0	5,9%
Chile	13447,9	6,0%	14599,8	6,9%	18626,4	8,6%
Peru	6657,9	3,0%	7350,3	3,5%	10384,5	4,8%
Equador	3081,2	1,4%	1305,2	0,6%	5102,4	2,4%
Uruguai	4533,0	2,0%	5586,2	2,6%	3358,5	1,6%
Paraguai	591,5	0,3%	586,9	0,3%	423,4	0,2%
Bolívia	661,8	0,3%	1140,8	0,5%	897,0	0,4%
Total	222641,3	100,0%	211584,0	100,0%	216642,5	100,0%

Fonte: Contas Nacionais dos países, Anuário Estatístico da CEPAL 2006

Tabela 1.9 - América do Sul - Valor Agregado - US\$ milhões correntes
Sector: Serviços Comunitários, Sociais e Pessoais

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	176972,7	63,3%	147944,1	54,1%	194138,7	63,1%
Argentina	49074,8	17,5%	56349,3	20,6%	27902,0	9,1%
Colômbia	15670,5	5,6%	18795,1	6,9%	25684,4	8,3%
Venezuela	10736,1	3,8%	19875,2	7,3%	18056,2	5,9%
Chile	9791,1	3,5%	12812,4	4,7%	17931,5	5,8%
Peru	8666,7	3,1%	8912,6	3,3%	12742,0	4,1%
Equador	2860,2	1,0%	1775,0	0,6%	5874,9	1,9%
Uruguai	3770,9	1,3%	4261,2	1,6%	3016,4	1,0%
Paraguai	1086,0	0,4%	1314,0	0,5%	1066,9	0,3%
Bolívia	1040,3	0,4%	1420,1	0,5%	1470,2	0,5%
Total	279669,3	100,0%	273459,0	100,0%	307883,2	100,0%

Fonte: Contas Nacionais dos países, Anuário Estatístico da CEPAL 2006

Tabela 1.10 - América do Sul - Estrutura do Valor Agregado de cada país (base de dados a preços correntes)

Valor Agregado Total = 100%

País	Agric.			Ind. Transf			Mineração			Eletr., gás e água			Constr.Civil			Comercio Atac., Hotéis		
	1995	2000	2005	1995	2000	2005	1995	2000	2005	1995	2000	2005	1995	2000	2005	1995	2000	2005
Brasil	8,5%	7,7%	8,0%	22,5%	21,6%	23,0%	0,8%	2,5%	4,6%	2,5%	3,3%	3,4%	8,7%	8,7%	6,9%	8,4%	7,1%	7,2%
Argentina	5,7%	5,0%	9,4%	18,4%	17,5%	23,2%	2,0%	2,7%	5,8%	2,1%	2,5%	1,7%	5,5%	5,0%	4,9%	17,0%	16,4%	14,3%
Colômbia	14,4%	13,5%	11,9%	15,0%	15,2%	14,2%	4,0%	6,4%	7,5%	3,2%	3,7%	4,4%	7,7%	3,8%	6,7%	12,6%	11,1%	11,0%
Venezuela	5,9%	4,1%	4,4%	23,4%	19,3%	17,6%	14,9%	18,8%	24,1%	2,6%	2,2%	2,1%	6,2%	8,1%	6,4%	11,4%	9,5%	10,1%
Chile	6,1%	5,9%	5,4%	19,0%	18,7%	17,1%	9,1%	7,4%	17,0%	3,1%	3,3%	3,0%	9,6%	7,5%	8,3%	12,2%	11,1%	8,6%
Peru	8,8%	8,5%	7,2%	16,8%	15,8%	16,3%	5,0%	5,7%	10,3%	2,0%	2,5%	2,4%	7,2%	5,9%	5,8%	20,4%	19,3%	17,7%
Equador	17,1%	11,5%	6,9%	11,9%	5,5%	2,5%	10,0%	23,3%	22,0%	0,8%	1,1%	1,5%	3,6%	7,7%	8,7%	15,4%	18,2%	14,3%
Uruguai	8,4%	5,9%	9,2%	19,1%	16,1%	21,9%	0,2%	0,3%	0,2%	3,6%	3,9%	4,9%	5,1%	5,6%	3,8%	14,8%	12,7%	13,0%
Paraguai	22,8%	18,5%	24,0%	18,0%	17,2%	15,6%	0,1%	0,1%	0,1%	2,0%	2,5%	2,3%	5,6%	5,0%	5,1%	22,9%	19,9%	23,0%
Bolívia	16,4%	14,3%	14,4%	18,4%	14,6%	13,8%	6,6%	7,2%	11,6%	3,8%	3,2%	3,1%	3,3%	3,3%	2,1%	12,5%	11,4%	11,4%
Total	8,3%	7,2%	8,1%	20,5%	19,2%	20,4%	2,9%	5,0%	8,2%	2,5%	3,0%	3,0%	7,7%	7,2%	6,6%	11,6%	10,8%	9,6%

- elaborado com base nas tabelas setoriais

Transporte, comunicações			Bancos			Serviços com., e pessoais		
1995	2000	2005	1995	2000	2005	1995	2000	2005
4,7%	5,2%	4,8%	17,3%	17,5%	16,2%	26,7%	26,5%	25,9%
7,9%	9,0%	9,0%	21,2%	20,9%	15,2%	20,2%	21,1%	16,4%
7,4%	7,4%	7,2%	18,3%	15,6%	15,1%	17,4%	23,3%	22,1%
5,6%	6,9%	6,4%	15,2%	13,3%	12,0%	14,8%	17,7%	16,9%
6,3%	7,4%	6,9%	20,0%	20,6%	17,2%	14,5%	18,1%	16,6%
8,2%	8,9%	8,4%	13,8%	15,1%	14,4%	17,9%	18,3%	17,6%
10,0%	11,7%	12,0%	16,1%	8,9%	14,9%	15,0%	12,1%	17,2%
7,1%	8,6%	9,5%	22,8%	26,5%	19,8%	19,0%	20,2%	17,8%
5,6%	7,6%	7,7%	8,1%	9,0%	6,3%	14,8%	20,2%	15,8%
11,1%	12,5%	13,4%	10,9%	14,9%	11,4%	17,1%	18,6%	18,6%
5,9%	6,9%	6,3%	18,0%	17,8%	15,6%	22,6%	23,0%	22,2%

Tabela 2 - América do Sul - Valor Agregado Total
US\$ milhões de 2000

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	502994,9	47,0%	558147,8	47,0%	618910,0	46,4%
Argentina	233897,0	21,8%	267683,2	22,5%	291175,6	21,8%
Colômbia	76279,7	7,1%	80523,3	6,8%	94578,9	7,1%
Venezuela	110653,4	10,3%	112219,2	9,4%	128038,6	9,6%
Chile	58709,8	5,5%	70695,1	6,0%	86397,0	6,5%
Peru	42925,2	4,0%	48671,9	4,1%	59518,3	4,5%
Equador	14306,6	1,3%	14710,6	1,2%	18466,1	1,4%
Uruguai	18656,2	1,7%	21056,8	1,8%	21082,3	1,6%
Paraguai	6453,2	0,6%	6506,8	0,5%	7302,4	0,5%
Bolívia	6252,6	0,6%	7631,0	0,6%	8560,3	0,6%
Total	1071128,6	100,0%	1187845,7	100,0%	1334029,5	100,0%

- elaborado com base nas tabelas setoriais

Tabela 2.1 - América do Sul - Valor Agregado - US\$ milhões a preços de 2000
Sector: Agricultura, Caça, Florestas e Pesca

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	37316,2	49,4%	42760,8	50,3%	52935,6	52,0%
Argentina	12241,5	16,2%	13306,7	15,6%	15364,2	15,1%
Colômbia	10499,1	13,9%	10837,6	12,7%	11678,1	11,5%
Venezuela	3928,2	5,2%	4607,4	5,4%	4854,3	4,8%
Chile	3560,5	4,7%	4162,2	4,9%	5581,3	5,5%
Peru	3190,3	4,2%	4137,6	4,9%	4791,1	4,7%
Equador	1352,3	1,8%	1692,6	2,0%	2101,8	2,1%
Uruguai	1287,0	1,7%	1247,0	1,5%	1536,0	1,5%
Paraguai	1196,4	1,6%	1203,2	1,4%	1572,0	1,5%
Bolívia	962,8	1,3%	1088,9	1,3%	1297,4	1,3%
		0,0%		0,0%		0,0%
Total	75534,3	100,0%	85044,0	100,0%	101711,8	100,0%

Fonte: Contas Nacionais dos países, Anuário Estatístico da CEPAL 2006

Tabela 2.2 - América do Sul - Valor Agregado - US\$ milhões a preços de 2000
Sector: Mineração

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	9580,5	20,1%	13807,0	23,3%	17214,1	25,6%
Argentina	6796,0	14,3%	7101,6	12,0%	7375,1	11,0%
Colômbia	3799,4	8,0%	5193,0	8,8%	5800,3	8,6%
Venezuela	18417,5	38,6%	21103,2	35,6%	21269,0	31,7%
Chile	3310,6	6,9%	5270,7	8,9%	6035,7	9,0%
Peru	2020,0	4,2%	2781,7	4,7%	4105,9	6,1%
Equador	3219,5	6,8%	3429,7	5,8%	4541,5	6,8%
Uruguai	43,4	0,1%	63,4	0,1%	47,9	0,1%
Paraguai	9,9	0,0%	8,2	0,0%	8,7	0,0%
Bolívia	494,0	1,0%	550,6	0,9%	722,4	1,1%
		0,0%		0,0%		0,0%
Total	47690,8	100,0%	59309,1	100,0%	67120,6	100,0%

Fonte: Contas Nacionais dos países, Anuário Estatístico da CEPAL 2006

Tabela 2.3 - América do Sul - Valor Agregado - US\$ milhões a preços de 2000
Sector: Indústria de Transformação

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	115874,6	52,4%	120330,8	52,7%	136848,1	52,2%
Argentina	44755,8	20,3%	46900,5	20,5%	53985,5	20,6%
Colômbia	12073,9	5,5%	12205,6	5,3%	14765,5	5,6%
Venezuela	22291,0	10,1%	21706,3	9,5%	23678,6	9,0%
Chile	12019,7	5,4%	13249,8	5,8%	15824,2	6,0%
Peru	7104,3	3,2%	7696,4	3,4%	9685,0	3,7%
Equador	1371,0	0,6%	809,9	0,4%	984,4	0,4%
Uruguai	3355,5	1,5%	3391,6	1,5%	3737,6	1,4%
Paraguai	1119,3	0,5%	1117,0	0,5%	1167,1	0,4%
Bolívia	968,0	0,4%	1112,0	0,5%	1297,1	0,5%
		0,0%				0,0%
Total	220933,1	100,0%	228519,9	100,0%	261973,1	100,0%

Fonte: Contas Nacionais dos países, Anuário Estatístico da CEPAL 2006

Tabela 2.4 - América do Sul - Valor Agregado - US\$ milhões de 2000
Sector: Eletricidade, Gás e Água

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	14923,3	51,4%	18617,7	52,2%	20142,7	50,2%
Argentina	4924,7	17,0%	6587,3	18,5%	7729,4	19,3%
Colômbia	2867,1	9,9%	2987,2	8,4%	3360,9	8,4%
Venezuela	2303,9	7,9%	2513,0	7,1%	3103,2	7,7%
Chile	2029,5	7,0%	2303,5	6,5%	2833,2	7,1%
Peru	908,7	3,1%	1224,5	3,4%	1506,0	3,8%
Equador	103,4	0,4%	169,0	0,5%	172,0	0,4%
Uruguai	634,7	2,2%	826,2	2,3%	838,1	2,1%
Paraguai	152,2	0,5%	162,6	0,5%	185,4	0,5%
Bolívia	206,5	0,7%	244,2	0,7%	273,2	0,7%
Total	29054,0	100,0%	35635,2	100,0%	40144,1	100,0%

Fonte: Contas Nacionais dos países, Anuário Estatístico da CEPAL 2006

Tabela 2.5 - América do Sul - Valor Agregado - US\$ milhões a preços de 2000
Sector: Construção Civil

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	42745,9	53,8%	48582,0	57,1%	47113,9	51,8%
Argentina	11596,8	14,6%	13314,7	15,7%	16410,3	18,0%
Colômbia	5276,2	6,6%	3054,8	3,6%	5087,8	5,6%
Venezuela	8760,6	11,0%	9039,7	10,6%	9020,2	9,9%
Chile	5053,9	6,4%	5318,1	6,3%	6769,9	7,4%
Peru	3015,2	3,8%	2850,4	3,4%	3400,3	3,7%
Equador	1222,1	1,5%	1126,9	1,3%	1723,2	1,9%
Uruguai	1110,9	1,4%	1187,6	1,4%	884,4	1,0%
Paraguai	415,0	0,5%	325,6	0,4%	360,2	0,4%
Bolívia	205,7	0,3%	254,7	0,3%	218,6	0,2%
Total	79402,3	100,0%	85054,5	100,0%	90988,8	100,0%

Fonte: Contas Nacionais dos países, Anuário Estatístico da CEPAL 2006

Tabela 2.6 - América do Sul - Valor Agregado - US\$ milhões de 2000
Setor: Comércio Atacadista, Hotéis, Bares e Restaurantes

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	38013,3	31,5%	39469,2	30,9%	43277,7	30,1%
Argentina	39075,3	32,4%	43928,0	34,4%	46340,7	32,2%
Colômbia	9940,9	8,2%	8945,1	7,0%	11673,9	8,1%
Venezuela	11287,4	9,4%	10678,6	8,4%	13194,5	9,2%
Chile	6438,2	5,3%	7833,4	6,1%	9854,1	6,9%
Peru	8616,3	7,1%	9387,0	7,3%	11233,7	7,8%
Equador	2623,2	2,2%	2682,3	2,1%	3212,5	2,2%
Uruguai	2474,4	2,1%	2674,2	2,1%	2620,7	1,8%
Paraguai	1409,4	1,2%	1296,9	1,0%	1466,8	1,0%
Bolívia	745,7	0,6%	867,9	0,7%	969,3	0,7%
Total	120624,1	100,0%	127762,6	100,0%	143843,9	100,0%

Fonte: Contas Nacionais dos países, Anuário Estatístico da CEPAL 2006

Tabela 2.7- América do Sul - Valor Agregado - US\$ milhões de 2000
Setor: Transporte, Armazenagem e Comunicações

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	23228,3	35,5%	29138,7	35,7%	35089,3	34,9%
Argentina	18580,9	28,4%	24149,1	29,6%	29907,6	29,7%
Colômbia	5306,8	8,1%	5951,3	7,3%	7273,6	7,2%
Venezuela	7046,7	10,8%	7778,1	9,5%	9808,3	9,7%
Chile	3678,1	5,6%	5244,2	6,4%	7217,5	7,2%
Peru	3745,7	5,7%	4331,4	5,3%	5421,9	5,4%
Equador	1309,4	2,0%	1720	2,1%	2021,4	2,0%
Uruguai	1446,1	2,2%	1819,4	2,2%	2114,2	2,1%
Paraguai	373,8	0,6%	492,4	0,6%	602,6	0,6%
Bolívia	750,2	1,1%	951,8	1,2%	1143	1,1%
Total	65466	100,0%	81576,4	100,0%	100599,4	100,0%

Fonte: Contas Nacionais dos países, Anuário Estatístico da CEPAL 2006

Tabela 2.8 - América do Sul - Valor Agregado - US\$ milhões de 2000
Sector: Finanças e Seguros

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	84414,4	46,0%	97497,5	46,1%	108427,2	47,50%
Argentina	45615,7	24,9%	56046,0	26,5%	52391,5	22,95%
Colômbia	12243,0	6,7%	12553,6	5,9%	15062,8	6,60%
Venezuela	15884,9	8,7%	14917,7	7,1%	17852,5	7,82%
Chile	11767,1	6,4%	14500,8	6,9%	17371,3	7,61%
Peru	6316,1	3,4%	7350,3	3,5%	8772,5	3,84%
Equador	1559,4	0,9%	1305,2	0,6%	1664,9	0,73%
Uruguai	4336,4	2,4%	5586,2	2,6%	5063,6	2,22%
Paraguai	580,9	0,3%	586,9	0,3%	600,8	0,26%
Bolívia	706,9	0,4%	1140,8	0,5%	1052,8	0,46%
Total	183424,8	100,0%	211485,0	100,0%	228259,9	100,00%

Fonte: Contas Nacionais dos países, Anuário Estatístico da CEPAL 2006

Tabela 2.9 - América do Sul - Valor Agregado - US\$ milhões de 2000
Sector: Serviços Comunitários, Sociais e Pessoais

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	136898,4	55,0%	147944,1	54,1%	157861,4	52,7%
Argentina	50310,3	20,2%	56349,3	20,6%	61671,3	20,6%
Colômbia	14273,3	5,7%	18795,1	6,9%	19876,0	6,6%
Venezuela	20733,2	8,3%	19875,2	7,3%	25258,0	8,4%
Chile	10852,2	4,4%	12812,4	4,7%	14909,8	5,0%
Peru	8008,6	3,2%	8912,6	3,3%	10601,9	3,5%
Equador	1546,3	0,6%	1775,0	0,6%	2044,4	0,7%
Uruguai	3967,8	1,6%	4261,2	1,6%	4239,8	1,4%
Paraguai	1196,3	0,5%	1314,0	0,5%	1338,8	0,4%
Bolívia	1212,8	0,5%	1420,1	0,5%	1586,5	0,5%
Total	248999,2	100,0%	273459,0	100,0%	299387,9	100,0%

Fonte: Contas Nacionais dos países, Anuário Estatístico da CEPAL 2006

Tabela 3 - América do Sul - Valor Agregado, US\$ milhões (preços de 2000)

País	Agricultura			Indústria			Serviços		
	1995	2000	2005	1995	2000	2005	1995	2000	2005
Brasil	37316,2	42760,8	52935,6	183124,3	201336,5	221318,8	282554,4	314049,4	344655,6
<i>1995=100</i>		<i>114,6</i>	<i>141,9</i>		<i>109,9</i>	<i>120,9</i>		<i>111,1</i>	<i>122,0</i>
Argentina	12241,5	13306,7	15364,2	68073,3	73904,1	85500,3	153582,2	180472,1	190311,1
<i>1995=100</i>		<i>108,7</i>	<i>125,5</i>		<i>108,6</i>	<i>125,6</i>		<i>117,5</i>	<i>123,9</i>
Colômbia	10499,1	10837,6	11678,1	24016,6	23440,6	29014,5	41763,9	46245,0	53886,3
<i>1995=100</i>		<i>103,2</i>	<i>111,2</i>		<i>97,6</i>	<i>120,8</i>		<i>110,7</i>	<i>129,0</i>
Venezuela	3928,2	4607,4	4854,3	51773,0	54362,2	57071,0	54952,1	53249,7	66113,3
<i>1995=100</i>		<i>117,3</i>	<i>123,6</i>		<i>105,0</i>	<i>110,2</i>		<i>96,9</i>	<i>120,3</i>
Chile	3560,5	4162,2	5581,3	22413,3	26142,1	31462,1	32735,9	40390,7	44794,8
<i>1995=100</i>		<i>116,9</i>	<i>156,8</i>		<i>116,6</i>	<i>140,4</i>		<i>123,4</i>	<i>136,8</i>
Peru	3190,3	4137,6	4791,1	13048,2	14553,0	18697,2	26686,8	29991,3	36030,2
<i>1995=100</i>		<i>129,7</i>	<i>150,2</i>		<i>111,5</i>	<i>143,3</i>		<i>112,4</i>	<i>135,0</i>
Equador	1352,3	1692,6	2101,8	5916,0	5535,5	7421,1	7038,3	7482,4	8943,2
<i>1995=100</i>		<i>125,2</i>	<i>155,4</i>		<i>93,6</i>	<i>125,4</i>		<i>106,3</i>	<i>127,1</i>
Uruguai	1287,0	1247,0	1536,0	5144,5	5468,8	5506,4	12224,7	14340,9	14038,3
<i>1995=100</i>		<i>96,9</i>	<i>119,3</i>		<i>106,3</i>	<i>107,0</i>		<i>117,3</i>	<i>114,8</i>
Paraguai	1196,4	1203,2	1572,0	1696,4	1613,4	1721,4	3560,2	3690,2	4009,1
<i>1995=100</i>		<i>100,6</i>	<i>131,4</i>		<i>95,1</i>	<i>101,5</i>		<i>103,7</i>	<i>112,6</i>
Bolívia	962,8	1088,9	1297,4	1874,6	2171,5	2511,3	3415,1	4370,5	4751,7
<i>1995=100</i>		<i>113,1</i>	<i>134,8</i>		<i>115,8</i>	<i>134,0</i>		<i>128,0</i>	<i>139,1</i>
Total Geral	77529,3	88057,0	104932,1	379075,2	411472,0	463324,2	620508,6	697281,5	770660,2
<i>1995=100</i>		<i>113,6</i>	<i>135,3</i>		<i>108,5</i>	<i>122,2</i>		<i>112,4</i>	<i>124,2</i>

Fonte: Relatório Estatístico da CEPAL, de 2006

Tabela Auxiliar - América do Sul - Composição Setorial do Valor Agregado (com base em dólares de 2000)
Valor Agregado Total = 1,00

País	Agricultura			Indústria			Serviços		
	1995	2000	2005	1995	2000	2005	1995	2000	2005

Brasil	0,07	0,08	0,09	0,36	0,36	0,36
Argentina	0,05	0,05	0,05	0,29	0,28	0,29
Colômbia	0,14	0,13	0,12	0,31	0,29	0,31
Venezuela	0,04	0,04	0,04	0,47	0,48	0,45
Chile	0,06	0,06	0,07	0,38	0,37	0,38
Peru	0,07	0,08	0,08	0,30	0,30	0,31
Equador	0,09	0,12	0,11	0,41	0,38	0,40
Uruguai	0,07	0,06	0,07	0,28	0,26	0,26
Paraguai	0,19	0,18	0,22	0,26	0,25	0,24
Bolívia	0,15	0,14	0,15	0,30	0,28	0,29
Total Geral	0,07	0,07	0,08	0,35	0,35	0,35

0,56	0,56	0,56
0,66	0,67	0,65
0,55	0,57	0,57
0,50	0,47	0,52
0,56	0,57	0,55
0,62	0,62	0,61
0,49	0,51	0,48
0,66	0,68	0,67
0,55	0,57	0,55
0,55	0,57	0,56
0,58	0,59	0,58

Tabela 3.1 - Comparação da Estrutura da População Ocupada e do VA

Valor agregado total de cada país = 1,00

População ocupada total de cada país = 1,00

PAÍS	Agricultura			Indústria			Serviços		
	1995	2000	2005	1995	2000	2005	1995	2000	2005
BRASIL									
VA a/	0,07	0,08	0,09	0,36	0,36	0,36	0,56	0,56	0,56
Emprego b/	0,24	0,23	0,20	0,20	0,19	0,22	0,56	0,58	0,59
a/b	0,30	0,34	0,44	1,84	1,86	1,66	1,01	0,97	0,95
a/b 1995= 100		110,51	143,52		101,12	90,04		96,70	94,08
ARGENTINA									
VA a/	0,05	0,05	0,05	0,29	0,28	0,29	0,66	0,67	0,65
Emprego b/	0,00	0,01	0,01	0,27	0,23	0,24	0,72	0,77	0,75
a/b				1,07	1,23	1,25	0,91	0,88	0,87
a/b 1995= 100					115,10	117,21		96,54	95,45
COLÔMBIA									
VA a/	0,14	0,13	0,12	0,31	0,29	0,31	0,55	0,57	0,57
Emprego b/	0,22	0,22	0,21	0,23	0,19	0,20	0,55	0,59	0,59
a/b	0,62	0,61	0,59	1,36	1,53	1,55	1,00	0,97	0,96
a/b 1995= 100		98,23	94,86		112,41	113,67		97,43	96,00
VENEZUELA									
VA a/	0,04	0,04	0,04	0,47	0,48	0,45	0,50	0,47	0,52
Emprego b/	0,13	0,11	0,10	0,23	0,23	0,21	0,63	0,67	0,70
a/b	0,27	0,39	0,39	2,02	2,12	2,14	0,78	0,71	0,74
a/b 1995= 100		141,84	143,13		105,35	106,26		90,96	94,85
CHILE									
VA a/	0,06	0,06	0,07	0,38	0,37	0,38	0,56	0,57	0,55
Emprego b/	0,15	0,13	0,13	0,26	0,25	0,24	0,59	0,63	0,63
a/b	0,41	0,45	0,52	1,46	1,51	1,61	0,95	0,91	0,87
a/b 1995= 100		111,27	127,91		103,58	110,39		96,56	91,92
PERU									
VA a/	0,07	0,08	0,08	0,30	0,30	0,31	0,62	0,62	0,61
Emprego b/	0,31	0,32	0,38	0,16	0,14	0,13	0,53	0,54	0,49
a/b	0,24	0,27	0,21	1,92	2,14	2,34	1,18	1,14	1,23
a/b 1995= 100		112,21	90,69		110,99	121,85		96,89	104,71
EQUADOR									
VA a/	0,09	0,12	0,11	0,41	0,38	0,40	0,49	0,51	0,48
Emprego b/		0,29	0,30		0,20	0,18		0,51	0,52
a/b		0,40	0,38		1,87	2,28		0,99	0,93
a/b 1995= 100									
URUGUAI									
VA a/	0,07	0,06	0,07	0,28	0,26	0,26	0,66	0,68	0,67
Emprego b/	0,05	0,04	0,05	0,27	0,25	0,22	0,69	0,72	0,73
a/b	1,47	1,52	1,58	1,03	1,06	1,19	0,96	0,95	0,91
a/b 1995= 100		103,46	107,92		102,23	114,96		99,72	94,98
PARAGUAI									
VA a/	0,19	0,18	0,22	0,26	0,25	0,24	0,55	0,57	0,55

Emprego b/	0,37	0,31	0,31	0,18	0,17	0,16	0,45	0,52	0,53
a/b	0,50	0,60	0,69	1,49	1,43	1,46	1,23	1,09	1,04
a/b 1995= 100		120,79	139,26		95,95	98,58		89,13	84,81

BOLÍVIA

VA a/	0,15	0,14	0,15	0,30	0,28	0,29	0,55	0,57	0,56
Emprego b/		0,37	0,32		0,20	0,22		0,44	0,46
a/b		0,39	0,47		1,46	1,36		1,31	1,21
a/b 1995= 100									

Fonte: Anuário Estatístico da CEPAL no que se refere a estrutura da população ocupada

Notas:

- dados de população da Argentina e Uruguai não se referem a todo o território desses países.
- para compatibilizar classificações foram considerados como Serviços os segmentos de Comércio Atacadista, Bares e Restaurantes; transporte, armazenagem e comunicações; finanças e seguros, bem como serviços comunitários, sociais e pessoais

Tabela 4 - Brasil - Estrutura do Valor Agregado da Indústria de Transformação

Setor	Valor US\$ mil de 1985			Part. %		
	1995	2000	2002	1995	2000	2002
Ind. De Transformação	90.367,2	94.931,8	96.820,6	100,0	100,0	100,0
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	10.311,3	12.271,4	13.248,7	11,4	12,9	13,7
BEBIDAS	1.307,8	1.017,3	896,0	1,4	1,1	0,9
TABACO	480,9	459,6	262,7	0,5	0,5	0,3
TEXTEIS	4.882,5	4.982,4	4.726,2	5,4	5,2	4,9
ROUPAS	2.291,7	1.639,0	1.565,0	2,5	1,7	1,6
PRODUTOS DE COURO	215,9	210,6	199,2	0,2	0,2	0,2
CALÇADO	1.015,2	783,3	740,6	1,1	0,8	0,8
PRODUTOS DE MADEIRA	462,2	563,3	586,3	0,5	0,6	0,6
MÓVEIS	536,4	583,2	571,9	0,6	0,6	0,6
PAPEL E CELULOSA	3.956,1	3.169,3	3.276,4	4,4	3,3	3,4
IMPrensa E PUBLICAÇÕES	3.121,5	4.169,4	4.310,4	3,5	4,4	4,5
INDÚSTRIA QUÍMICA	5.776,7	6.244,8	5.842,1	6,4	6,6	6,0
OUTROS QÍMICOS	4.256,1	4.494,7	4.539,3	4,7	4,7	4,7
REFINARIAS DE PETRÓLEO	6.721,2	8.094,4	8.197,6	7,4	8,5	8,5
PETRÓLEO E PRODUTOS DE CARVÃO	107,1	0,0	137,0	0,1	0,0	0,1
PRODUTOS DE BORRACHA	1.169,7	1.563,7	1.495,0	1,3	1,6	1,5
PRODUTOS PLÁSTICOS	1.799,0	1.622,6	1.551,3	2,0	1,7	1,6
CERÂMICA	103,5	111,8	108,2	0,1	0,1	0,1
VIDRO	311,4	328,0	317,2	0,3	0,3	0,3
OUTROS MINERAIS NÃO METÁLICOS	1.628,2	1.822,6	1.762,7	1,8	1,9	1,8
FERRO E AÇO	7.441,5	7.412,9	7.699,6	8,2	7,8	8,0
METAIS NÃO FERROSOS	2.077,4	2.301,9	2.391,0	2,3	2,4	2,5
PRODUTOS DE METAL	3.055,1	3.001,6	3.155,1	3,4	3,2	3,3
MAQUINARIA NÃO ELÉTRICA	9.380,4	9.303,8	9.964,0	10,4	9,8	10,3
MAQUINARIA ELÉTRICA	8.832,5	9.652,4	9.863,5	9,8	10,2	10,2
EQUIPAMENTO DE TRANSPORTE	7.093,2	7.246,9	7.843,3	7,8	7,6	8,1
INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS E PROFISSIONAIS	615,2	680,9	546,2	0,7	0,7	0,6
OUTRAS MANUFATURAS	1.417,7	1.200,4	1.024,3	1,6	1,3	1,1

Fonte: Programa de Análisis de la Dinâmica Industrial - PADI/CEPAL

Tabela 5 - Argentina - Estrutura do Valor Agregado da Indústria de Transformação

Setor	Valor US\$ mil de 1985			Part. %		
	1995	2000	2004	1995	2000	2004
Ind. De Transformação	25.584,9	27.643,6	27.517,2	100,0	100,0	100,0
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	7.948,2	8.687,7	8.316,4	31,1	31,4	30,2
BEBIDAS	1.679,1	1.774,4	1.830,2	6,6	6,4	6,7
TABACO	559,4	586,1	535,4	2,2	2,1	1,9
TEXTEIS	1.800,4	1.350,3	1.162,5	7,0	4,9	4,2
ROUPAS	175,1	139,3	141,3	0,7	0,5	0,5
PRODUTOS DE COURO	99,1	127,5	172,4	0,4	0,5	0,6
CALÇADO	69,9	82,7	95,9	0,3	0,3	0,3
PRODUTOS DE MADEIRA	140,4	177,3	202,8	0,5	0,6	0,7
MÓVEIS	181,4	205,2	127,4	0,7	0,7	0,5
PAPEL E CELULOSA	881,6	885,3	921,0	3,4	3,2	3,3
IMPrensa e PUBLICAÇÕES	344,4	443,6	410,4	1,3	1,6	1,5
INDÚSTRIA QUÍMICA	1.072,1	1.362,6	1.503,3	4,2	4,9	5,5
OUTROS QÍMICOS	1.344,9	1.588,6	1.545,6	5,3	5,7	5,6
REFINARIAS DE PETRÓLEO	1.700,4	2.159,5	1.973,9	6,6	7,8	7,2
PETRÓLEO E PRODUTOS DE CARVÃO	68,8	66,1	125,4	0,3	0,2	0,5
PRODUTOS DE BORRACHA	477,2	515,2	664,4	1,9	1,9	2,4
PRODUTOS PLÁSTICOS	168,3	200,2	210,7	0,7	0,7	0,8
CERÂMICA	58,4	50,4	48,0	0,2	0,2	0,2
VIDRO	182,5	202,1	249,8	0,7	0,7	0,9
OUTROS MINERAIS NÃO METÁLICOS	403,8	348,5	331,7	1,6	1,3	1,2
FERRO E AÇO	2.021,8	2.261,3	2.580,2	7,9	8,2	9,4
METAIS NÃO FERROSOS	223,4	309,4	349,4	0,9	1,1	1,3
PRODUTOS DE METAL	1.129,3	956,5	851,1	4,4	3,5	3,1
MAQUINARIA NÃO ELÉTRICA	617,2	539,8	800,6	2,4	2,0	2,9
MAQUINARIA ELÉTRICA	520,9	660,9	582,6	2,0	2,4	2,1
EQUIPAMENTO DE TRANSPORTE	1.636,6	1.879,5	1.716,2	6,4	6,8	6,2
INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS E PROFISSIONAI	33,7	25,8	27,4	0,1	0,1	0,1
OUTRAS MANUFATURAS	46,6	57,6	41,3	0,2	0,2	0,1

Fonte: Programa de Análisis de la Dinámica Industrial - PADI/CEPAL

Tabela 6 - Chile - Estrutura do Valor Agregado da Indústria de Transformação

Setor	Valor US\$ mil de 1985			Part. %		
	1995	2000	2002	1995	2000	2002
Ind. De Transformação	10.677,1	11.290,0	11.672,1	100,0	100,0	100,0
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	2.421,7	2.426,6	2.659,6	22,7	21,5	23,6
BEBIDAS	531,2	623,7	633,1	5,0	5,5	5,6
TABACO	277,8	342,5	344,5	2,6	3,0	3,1
TEXTEIS	311,7	244,5	213,2	2,9	2,2	1,9
ROUPAS	195,0	102,9	76,7	1,8	0,9	0,7
PRODUTOS DE COURO	34,9	23,7	18,5	0,3	0,2	0,2
CALÇADO	132,4	81,5	75,3	1,2	0,7	0,7
PRODUTOS DE MADEIRA	218,0	280,9	318,8	2,0	2,5	2,8
MÓVEIS	84,3	73,5	71,7	0,8	0,7	0,6
PAPEL E CELULOSA	735,2	558,6	616,1	6,9	4,9	5,5
IMPrensa E PUBLICAÇÕES	388,8	348,8	312,0	3,6	3,1	2,8
INDÚSTRIA QUÍMICA	351,6	512,0	516,3	3,3	4,5	4,6
OUTROS QÍMICOS	905,8	1.040,4	1.156,3	8,5	9,2	10,2
REFINARIAS DE PETRÓLEO	601,7	751,2	744,0	5,6	6,7	6,6
PETRÓLEO E PRODUTOS DE CARVÃO	70,3	73,8	72,6	0,7	0,7	0,6
PRODUTOS DE BORRACHA	68,1	64,2	75,8	0,6	0,6	0,7
PRODUTOS PLÁSTICOS	243,2	367,3	373,8	2,3	3,3	3,3
CERÂMICA	19,3	18,7	18,9	0,2	0,2	0,2
VIDRO	81,5	124,6	126,3	0,8	1,1	1,1
OUTROS MINERAIS NÃO METÁLICOS	390,4	436,7	459,2	3,7	3,9	4,1
FERRO E AÇO	342,8	404,9	398,5	3,2	3,6	3,5
METAIS NÃO FERROSOS	1.069,5	1.020,4	1.077,4	10,0	9,0	9,5
PRODUTOS DE METAL	509,9	594,0	599,2	4,8	5,3	5,3
MAQUINARIA NÃO ELÉTRICA	362,8	370,6	388,6	3,4	3,3	3,4
MAQUINARIA ELÉTRICA	135,0	131,4	89,5	1,3	1,2	0,8
EQUIPAMENTO DE TRANSPORTE	154,8	244,3	207,5	1,4	2,2	1,8
INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS E PROFISSIONAIS	18,0	12,3	10,3	0,2	0,1	0,1
OUTRAS MANUFATURAS	21,6	16,2	18,5	0,2	0,1	0,2

Fonte: Programa de Análisis de la Dinámica Industrial - PADI/CEPAL

Tabela 7 - Colômbia - Estrutura do Valor Agregado da Indústria de Transformação

Setor	Valor US\$ mil de 1985			Part. %		
	1995	2000	2002	1995	2000	2002
Ind. De Transformação	10.634,0	9.811,2	10.054,7	100,0	100,0	100,0
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	2.206,1	2.037,4	2.176,7	20,7	20,8	21,6
BEBIDAS	926,0	724,3	728,7	8,7	7,4	7,2
TABACO	65,5	85,9	118,1	0,6	0,9	1,2
TEXTEIS	719,7	766,5	722,6	6,8	7,8	7,2
ROUPAS	245,2	423,9	351,0	2,3	4,3	3,5
PRODUTOS DE COURO	82,4	81,0	88,2	0,8	0,8	0,9
CALÇADO	55,6	32,7	34,5	0,5	0,3	0,3
PRODUTOS DE MADEIRA	69,0	34,5	28,6	0,6	0,4	0,3
MÓVEIS	39,1	14,1	13,3	0,4	0,1	0,1
PAPEL E CELULOSA	666,3	754,0	739,2	6,3	7,7	7,4
IMPRENSA E PUBLICAÇÕES	210,6	176,5	158,4	2,0	1,8	1,6
INDÚSTRIA QUÍMICA	699,5	616,9	598,7	6,6	6,3	6,0
OUTROS QÍMICOS	816,5	680,1	680,0	7,7	6,9	6,8
REFINARIAS DE PETRÓLEO	524,8	682,0	654,4	4,9	7,0	6,5
PETRÓLEO E PRODUTOS DE CARVÃO	47,8	36,1	40,1	0,4	0,4	0,4
PRODUTOS DE BORRACHA	133,7	80,8	75,2	1,3	0,8	0,7
PRODUTOS PLÁSTICOS	352,2	364,6	388,0	3,3	3,7	3,9
CERÂMICA	81,9	93,3	113,9	0,8	1,0	1,1
VIDRO	114,3	91,9	102,9	1,1	0,9	1,0
OUTROS MINERAIS NÃO METÁLICOS	343,9	212,8	200,4	3,2	2,2	2,0
FERRO E AÇO	339,1	447,7	440,3	3,2	4,6	4,4
METAIS NÃO FERROSOS	72,8	55,0	66,5	0,7	0,6	0,7
PRODUTOS DE METAL	423,7	316,5	300,3	4,0	3,2	3,0
MAQUINARIA NÃO ELÉTRICA	347,2	229,1	253,2	3,3	2,3	2,5
MAQUINARIA ELÉTRICA	242,6	198,4	231,3	2,3	2,0	2,3
EQUIPAMENTO DE TRANSPORTE	686,0	450,5	615,0	6,5	4,6	6,1
INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS E PROFISSIONAIS	42,3	52,2	64,3	0,4	0,5	0,6
OUTRAS MANUFATURAS	80,6	72,6	71,1	0,8	0,7	0,7

Fonte: Programa de Análisis de la Dinâmica Industrial - PADI/CEPAL

Tabela 8 - Peru - Estrutura do Valor Agregado da Indústria de Transformação

Setor	Valor US\$ mil de 1985			Part. %		
	1995	2000	2003	1995	2000	2003
Ind. De Transformação	5.508,7	6.570,2	7.317,5	100,0	100,0	100,0
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	1.091,9	1.203,1	1.157,8	19,8	18,3	15,8
BEBIDAS	334,7	399,1	505,3	6,1	6,1	6,9
TABACO	27,9	33,6	39,4	0,5	0,5	0,5
TEXTEIS	321,2	401,9	443,6	5,8	6,1	6,1
ROUPAS	165,4	193,0	219,1	3,0	2,9	3,0
PRODUTOS DE COURO	12,4	7,0	3,1	0,2	0,1	0,0
CALÇADO	30,8	20,9	8,4	0,6	0,3	0,1
PRODUTOS DE MADEIRA	295,0	395,4	476,7	5,4	6,0	6,5
MÓVEIS	165,0	496,6	633,6	3,0	7,6	8,7
PAPEL E CELULOSA	67,2	116,3	172,9	1,2	1,8	2,4
IMPrensa E PUBLICAÇÕES	187,8	256,1	394,9	3,4	3,9	5,4
INDÚSTRIA QUÍMICA	55,3	82,5	78,6	1,0	1,3	1,1
OUTROS QÍMICOS	310,2	305,4	332,4	5,6	4,6	4,5
REFINARIAS DE PETRÓLEO	458,6	472,5	426,3	8,3	7,2	5,8
PETRÓLEO E PRODUTOS DE CARVÃO	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
PRODUTOS DE BORRACHA	21,4	25,6	27,1	0,4	0,4	0,4
PRODUTOS PLÁSTICOS	75,3	128,9	175,1	1,4	2,0	2,4
CERÂMICA	102,6	193,5	234,1	1,9	2,9	3,2
VIDRO	38,5	59,7	64,0	0,7	0,9	0,9
OUTROS MINERAIS NÃO METÁLICOS	514,5	565,6	699,1	9,3	8,6	9,6
FERRO E AÇO	154,7	224,1	224,4	2,8	3,4	3,1
METAIS NÃO FERROSOS	289,8	412,7	427,4	5,3	6,3	5,8
PRODUTOS DE METAL	86,5	123,7	144,9	1,6	1,9	2,0
MAQUINARIA NÃO ELÉTRICA	89,7	54,0	45,1	1,6	0,8	0,6
MAQUINARIA ELÉTRICA	135,2	111,1	84,0	2,5	1,7	1,1
EQUIPAMENTO DE TRANSPORTE	173,5	56,0	53,5	3,2	0,9	0,7
INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS E PROFISSIONAIS	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
OUTRAS MANUFATURAS	303,6	231,8	246,9	5,5	3,5	3,4

Fonte: Programa de Análisis de la Dinâmica Industrial - PADI/CEPAL

Tabela 9 - Bolívia - Estrutura do Valor Agregado da Indústria de Transformação

Setor	Valor US\$ mil de 1985			Part. %		
	1995	2000	2001	1995	2000	2001
Ind. De Transformação	1.171,2	1.333,9	1.323,9	100,0	100,0	100,0
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	224,3	353,3	374,7	19,1	26,5	28,1
BEBIDAS	135,8	154,0	147,8	11,6	11,5	11,1
TABACO	11,1	8,9	10,0	0,9	0,7	0,7
TEXTEIS	32,7	26,3	20,7	2,8	2,0	1,5
ROUPAS	8,2	9,3	11,1	0,7	0,7	0,8
PRODUTOS DE COURO	7,3	10,5	9,3	0,6	0,8	0,7
CALÇADO	9,7	9,7	6,5	0,8	0,7	0,5
PRODUTOS DE MADEIRA	16,0	14,0	14,6	1,4	1,0	1,1
MÓVEIS	2,1	2,4	2,1	0,2	0,2	0,2
PAPEL E CELULOSA	4,2	7,6	7,0	0,4	0,6	0,5
IMPrensa E PUBLICAÇÕES	18,3	32,9	30,1	1,6	2,5	2,3
INDÚSTRIA QUÍMICA	4,3	5,1	5,1	0,4	0,4	0,4
OUTROS QÍMICOS	38,4	74,6	80,6	3,3	5,6	6,0
REFINARIAS DE PETRÓLEO	430,7	452,0	435,5	36,8	33,9	32,6
PETRÓLEO E PRODUTOS DE CARVÃO	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
PRODUTOS DE BORRACHA	0,4	0,6	0,6	0,0	0,0	0,0
PRODUTOS PLÁSTICOS	16,2	21,9	23,5	1,4	1,6	1,8
CERÂMICA	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
VIDRO	6,4	8,6	6,1	0,5	0,6	0,5
OUTROS MINERAIS NÃO METÁLICOS	51,2	51,6	46,8	4,4	3,9	3,5
FERRO E AÇO	3,2	2,8	2,5	0,3	0,2	0,2
METAIS NÃO FERROSOS	15,9	14,1	12,4	1,4	1,1	0,9
PRODUTOS DE METAL	9,0	7,4	6,5	0,8	0,6	0,5
MAQUINARIA NÃO ELÉTRICA	1,5	1,2	1,1	0,1	0,1	0,1
MAQUINARIA ELÉTRICA	4,3	3,5	3,1	0,4	0,3	0,2
EQUIPAMENTO DE TRANSPORTE	1,7	1,4	1,2	0,1	0,1	0,1
INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS E PROFISSIONAIS	1,2	1,0	0,9	0,1	0,1	0,1
OUTRAS MANUFATURAS	117,2	59,2	64,5	10,0	4,4	4,8

Tabela 10 - Uruguai - Estrutura do Valor Agregado da indústria de Transformação

Setor	Valor US\$ mil de 1985			Part. %		
	1995	2000	2001	1995	2000	2001
Ind. De Transformação	1.547,4	1.564,0	1.445,8	100,0	100,0	100,0
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	419,3	472,1	434,1	27,1	30,2	27,8
BEBIDAS	189,4	185,2	175,8	12,2	11,8	11,2
TABACO	84,3	122,8	124,2	5,4	7,9	7,9
TEXTEIS	80,4	49,3	43,6	5,2	3,2	2,8
ROUPAS	44,5	22,5	14,5	2,9	1,4	0,9
PRODUTOS DE COURO	41,2	45,3	47,8	2,7	2,9	3,1
CALÇADO	5,5	1,3	0,6	0,4	0,1	0,0
PRODUTOS DE MADEIRA	8,3	9,0	6,7	0,5	0,6	0,4
MÓVEIS	8,9	9,9	7,3	0,6	0,6	0,5
PAPEL E CELULOSA	31,6	40,4	37,9	2,0	2,6	2,4
IMPrensa E PUBLICAÇÕES	58,4	53,3	51,5	3,8	3,4	3,3
INDÚSTRIA QUÍMICA	35,2	36,6	34,2	2,3	2,3	2,2
OUTROS QÍMICOS	118,7	74,5	68,2	7,7	4,8	4,4
REFINARIAS DE PETRÓLEO	130,9	170,3	155,8	8,5	10,9	10,0
PETRÓLEO E PRODUTOS DE CARVÃO	1,0	1,6	1,4	0,1	0,1	0,1
PRODUTOS DE BORRACHA	13,5	5,9	3,0	0,9	0,4	0,2
PRODUTOS PLÁSTICOS	54,5	49,8	44,9	3,5	3,2	2,9
CERÂMICA	14,6	15,2	11,3	0,9	1,0	0,7
VIDRO	4,7	3,9	2,8	0,3	0,2	0,2
OUTROS MINERAIS NÃO METÁLICOS	28,0	27,8	27,2	1,8	1,8	1,7
FERRO E AÇO	11,7	7,0	6,9	0,8	0,5	0,4
METAIS NÃO FERROSOS	5,9	5,6	5,5	0,4	0,4	0,4
PRODUTOS DE METAL	44,3	23,5	21,3	2,9	1,5	1,4
MAQUINARIA NÃO ELÉTRICA	21,6	25,8	16,5	1,4	1,7	1,1
MAQUINARIA ELÉTRICA	41,3	39,5	57,6	2,7	2,5	3,7
EQUIPAMENTO DE TRANSPORTE	30,5	45,6	31,2	2,0	2,9	2,0
INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS E PROFISSIONAIS	9,8	11,2	7,2	0,6	0,7	0,5
OUTRAS MANUFATURAS	9,5	9,3	6,9	0,6	0,6	0,4

Fonte: Programa de Análisis de la Dinâmica Industrial - PADI/CEPAL

Tabela 11 - Brasil - Estrutura do Emprego Industrial

	1995		2000		2003	
	Quant.	Estr. %	Quant.	Estr. %	Quant.	Estr. %
Indústria de Transformação	4.570.037	100,0%	3.833.738	100,0%	3.865.519	100,0%
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	672.140	14,7%	615.920	16,1%	701.605	18,2%
BEBIDAS	79.975	1,7%	67.970	1,8%	77.426	2,0%
TABACO	18.670	0,4%	13.325	0,3%	18.142	0,5%
TEXTEIS	289.455	6,3%	174.567	4,6%	171.125	4,4%
ROUPAS	216.445	4,7%	158.476	4,1%	150.069	3,9%
PRODUTOS DE COURO	38.103	0,8%	43.209	1,1%	45.734	1,2%
CALÇADO	140.002	3,1%	117.057	3,1%	123.896	3,2%
PRODUTOS DE MADEIRA	142.090	3,1%	138.788	3,6%	132.503	3,4%
MÓVEIS	137.400	3,0%	129.254	3,4%	106.113	2,7%
PAPEL E CELULOSA	111.981	2,5%	100.304	2,6%	100.988	2,6%
IMPRENSA E PUBLICAÇÕES	157.377	3,4%	137.679	3,6%	133.838	3,5%
INDÚSTRIA QUÍMICA	125.728	2,8%	117.063	3,1%	109.396	2,8%
OUTROS QÍMICOS	187.173	4,1%	177.568	4,6%	174.461	4,5%
REFINARIAS DE PETRÓLEO	20.853	0,5%	14.490	0,4%	22.011	0,6%
PETRÓLEO E PRODUTOS DE CARVÃO	4.990	0,1%	3.468	0,1%	5.268	0,1%
PRODUTOS DE BORRACHA	74.604	1,6%	54.564	1,4%	51.491	1,3%
PRODUTOS PLÁSTICOS	145.264	3,2%	127.472	3,3%	120.294	3,1%
CERÂMICA	19.568	0,4%	18.789	0,5%	16.842	0,4%
VIDRO	25.569	0,6%	24.551	0,6%	22.006	0,6%
OUTROS MINERAIS NÃO METÁLICOS	258.009	5,6%	247.746	6,5%	222.067	5,7%
FERRO E AÇO	180.203	3,9%	145.903	3,8%	153.350	4,0%
METAIS NÃO FERROSOS	57.666	1,3%	46.690	1,2%	49.073	1,3%
PRODUTOS DE METAL	247.660	5,4%	215.884	5,6%	227.753	5,9%
MAQUINARIA NÃO ELÉTRICA	445.472	9,7%	331.191	8,6%	373.479	9,7%
MAQUINARIA ELÉTRICA	250.097	5,5%	212.623	5,5%	178.173	4,6%
EQUIPAMENTO DE TRANSPORTE	350.861	7,7%	277.324	7,2%	278.539	7,2%
INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS E PROFISSIONAIS	44.305	1,0%	31.247	0,8%	25.485	0,7%
OUTRAS MANUFATURAS	128.377	2,8%	90.616	2,4%	74.393	1,9%

Fonte: PADI

Tabela 12 - Argentina - Estrutura do Emprego Industrial

	1995		2000		2004	
	Quant.	Estr. %	Quant.	Estr. %	Quant.	Estr. %
Indústria de Transformação	686.027	100,0%	562.022	100,0%	534.882	100,0%
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	187.686	27,4%	158.341	28,2%	166.175	31,1%
BEBIDAS	36.929	5,4%	30.467	5,4%	27.546	5,1%
TABACO	3.361	0,5%	2.657	0,5%	3.943	0,7%
TEXTEIS	33.525	4,9%	25.811	4,6%	25.291	4,7%
ROUPAS	10.321	1,5%	8.157	1,5%	6.191	1,2%
PRODUTOS DE COURO	5.103	0,7%	4.899	0,9%	6.866	1,3%
CALÇADO	5.474	0,8%	4.593	0,8%	4.315	0,8%
PRODUTOS DE MADEIRA	26.306	3,8%	23.045	4,1%	21.997	4,1%
MÓVEIS	12.089	1,8%	10.053	1,8%	8.447	1,6%
PAPEL E CELULOSA	22.305	3,3%	15.626	2,8%	15.263	2,9%
IMPrensa E PUBLICAÇÕES	22.850	3,3%	19.379	3,4%	16.785	3,1%
INDÚSTRIA QUÍMICA	20.514	3,0%	17.571	3,1%	16.314	3,1%
OUTROS QÍMICOS	25.858	3,8%	23.864	4,2%	23.299	4,4%
REFINARIAS DE PETRÓLEO	6.950	1,0%	6.117	1,1%	5.917	1,1%
PETRÓLEO E PRODUTOS DE CARVÃO	802	0,1%	739	0,1%	683	0,1%
PRODUTOS DE BORRACHA	14.180	2,1%	11.612	2,1%	10.167	1,9%
PRODUTOS PLÁSTICOS	15.278	2,2%	13.958	2,5%	14.355	2,7%
CERÂMICA	4.240	0,6%	3.369	0,6%	2.847	0,5%
VIDRO	6.138	0,9%	4.984	0,9%	4.633	0,9%
OUTROS MINERAIS NÃO METÁLICOS	48.287	7,0%	38.377	6,8%	32.424	6,1%
FERRO E AÇO	20.209	2,9%	17.453	3,1%	16.558	3,1%
METAIS NÃO FERROSOS	3.848	0,6%	3.359	0,6%	3.383	0,6%
PRODUTOS DE METAL	45.526	6,6%	39.964	7,1%	32.910	6,2%
MAQUINARIA NÃO ELÉTRICA	21.238	3,1%	17.145	3,1%	18.066	3,4%
MAQUINARIA ELÉTRICA	14.017	2,0%	10.212	1,8%	9.153	1,7%
EQUIPAMENTO DE TRANSPORTE	64.043	9,3%	42.630	7,6%	35.051	6,6%
INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS E PROFISSIONAIS	3.166	0,5%	2.216	0,4%	2.298	0,4%
OUTRAS MANUFATURAS	5.784	0,8%	5.424	1,0%	4.005	0,7%

Fonte: PADI

Tabela 13 - Bolívia, Estrutura do Emprego Industrial

	1995		2000		2001	
	Quant.	Estr. %	Quant.	Estr. %	Quant.	Estr. %
Indústria. de Transformação	35.890	100,0%	36.266	100,0%	35.439	100,0%
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	7.773	21,7%	8.170	22,5%	8.372	23,6%
BEBIDAS	3.843	10,7%	3.963	10,9%	3.895	11,0%
TABACO	150	0,4%	144	0,4%	115	0,3%
TEXTEIS	3.111	8,7%	2.909	8,0%	2.454	6,9%
ROUPAS	1.510	4,2%	2.841	7,8%	2.855	8,1%
PRODUTOS DE COURO	877	2,4%	606	1,7%	668	1,9%
CALÇADO	767	2,1%	592	1,6%	575	1,6%
PRODUTOS DE MADEIRA	2.448	6,8%	1.781	4,9%	1.914	5,4%
MÓVEIS	1.650	4,6%	1.198	3,3%	1.130	3,2%
PAPEL E CELULOSA	1.228	3,4%	1.006	2,8%	1.225	3,5%
IMPRENSA E PUBLICAÇÕES	1.931	5,4%	2.096	5,8%	2.281	6,4%
INDÚSTRIA QUÍMICA	245	0,7%	159	0,4%	182	0,5%
OUTROS QÍMICOS	1.744	4,9%	1.958	5,4%	2.272	6,4%
REFINARIAS DE PETRÓLEO	709	2,0%	688	1,9%	627	1,8%
PETRÓLEO E PRODUTOS DE CARVÃO	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
PRODUTOS DE BORRACHA	53	0,1%	75	0,2%	92	0,3%
PRODUTOS PLÁSTICOS	1.382	3,9%	1.522	4,2%	1.423	4,0%
CERÂMICA	0	0,0%	10	0,0%	2	0,0%
VIDRO	320	0,9%	266	0,7%	165	0,5%
OUTROS MINERAIS NÃO METÁLICOS	2.650	7,4%	3.125	8,6%	2.572	7,3%
FERRO E AÇO	181	0,5%	203	0,6%	165	0,5%
METAIS NÃO FERROSOS	814	2,3%	228	0,6%	149	0,4%
PRODUTOS DE METAL	1.076	3,0%	1.096	3,0%	830	2,3%
MAQUINARIA NÃO ELÉTRICA	200	0,6%	202	0,6%	121	0,3%
MAQUINARIA ELÉTRICA	281	0,8%	243	0,7%	245	0,7%
EQUIPAMENTO DE TRANSPORTE	345	1,0%	333	0,9%	314	0,9%
INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS E PROFISSIONAIS	83	0,2%	106	0,3%	75	0,2%
OUTRAS MANUFATURAS	519	1,4%	746	2,1%	722	2,0%

Fonte: PADI

Tabela 14 - Chile, Estrutura do Emprego Industrial

	1995		2000		2003	
	Quant.	Estr. %	Quant.	Estr. %	Quant.	Estr. %
Indústria de Transformação	416.952	100,0%	351.279	100,0%	346.270	100,0%
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	113.760	27,3%	105.836	30,1%	111.190	32,1%
BEBIDAS	12.193	2,9%	17.424	5,0%	17.374	5,0%
TABACO	578	0,1%	508	0,1%	507	0,1%
TEXTEIS	27.154	6,5%	17.548	5,0%	14.981	4,3%
ROUPAS	23.518	5,6%	15.298	4,4%	11.965	3,5%
PRODUTOS DE COURO	2.995	0,7%	1.890	0,5%	1.629	0,5%
CALÇADO	13.659	3,3%	8.584	2,4%	7.397	2,1%
PRODUTOS DE MADEIRA	28.685	6,9%	20.747	5,9%	20.670	6,0%
MÓVEIS	9.838	2,4%	6.772	1,9%	7.353	2,1%
PAPEL E CELULOSA	13.391	3,2%	9.851	2,8%	9.167	2,6%
IMPrensa e PUBLICAÇÕES	14.477	3,5%	12.046	3,4%	11.081	3,2%
INDÚSTRIA QUÍMICA	5.590	1,3%	6.171	1,8%	6.311	1,8%
OUTROS QÍMICOS	20.546	4,9%	20.235	5,8%	20.696	6,0%
REFINARIAS DE PETRÓLEO	1.352	0,3%	1.276	0,4%	1.179	0,3%
PETRÓLEO E PRODUTOS DE CARVÃO	1.217	0,3%	862	0,2%	797	0,2%
PRODUTOS DE BORRACHA	5.134	1,2%	4.045	1,2%	4.030	1,2%
PRODUTOS PLÁSTICOS	19.951	4,8%	16.195	4,6%	16.135	4,7%
CERÂMICA	2.995	0,7%	1.960	0,6%	1.921	0,6%
VIDRO	2.498	0,6%	2.158	0,6%	2.116	0,6%
OUTROS MINERAIS NÃO METÁLICOS	10.828	2,6%	9.912	2,8%	9.716	2,8%
FERRO E AÇO	6.702	1,6%	5.410	1,5%	4.959	1,4%
METAIS NÃO FERROSOS	9.777	2,3%	13.299	3,8%	12.191	3,5%
PRODUTOS DE METAL	31.687	7,6%	25.171	7,2%	28.401	8,2%
MAQUINARIA NÃO ELÉTRICA	15.776	3,8%	10.658	3,0%	8.713	2,5%
MAQUINARIA ELÉTRICA	5.548	1,3%	4.660	1,3%	3.512	1,0%
EQUIPAMENTO DE TRANSPORTE	13.223	3,2%	9.593	2,7%	9.086	2,6%
INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS E PROFISSIONAIS	1.028	0,2%	1.176	0,3%	1.028	0,3%
OUTRAS MANUFATURAS	2.852	0,7%	1.994	0,6%	2.165	0,6%

Fonte: PADI

Tabela 15 - Colômbia - Estrutura do Emprego Industrial

	1995		2000		2003	
	Quant.	Estr. %	Quant.	Estr. %	Quant.	Estr. %
Indústria de Transformação	483.466	100,0%	328.979	100,0%	296.062	100,0%
		0,0%		0,0%		0,0%
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	87.546	18,1%	69.772	21,2%	60.031	20,3%
BEBIDAS	23.406	4,8%	13.504	4,1%	9.487	3,2%
TABACO	1.960	0,4%	842	0,3%	875	0,3%
TEXTEIS	50.161	10,4%	30.497	9,3%	26.873	9,1%
ROUPAS	30.080	6,2%	29.391	8,9%	27.299	9,2%
PRODUTOS DE COURO	5.291	1,1%	3.601	1,1%	2.652	0,9%
CALÇADO	14.130	2,9%	5.609	1,7%	4.722	1,6%
PRODUTOS DE MADEIRA	7.084	1,5%	2.952	0,9%	2.630	0,9%
MÓVEIS	6.601	1,4%	7.096	2,2%	6.283	2,1%
PAPEL E CELULOSA	12.014	2,5%	13.127	4,0%	12.079	4,1%
IMPrensa e publicações	20.592	4,3%	16.182	4,9%	14.352	4,8%
INDÚSTRIA QUÍMICA	13.211	2,7%	5.550	1,7%	5.534	1,9%
OUTROS QÍMICOS	31.626	6,5%	26.908	8,2%	26.309	8,9%
REFINARIAS DE PETRÓLEO	4.590	0,9%	2.822	0,9%	2.787	0,9%
PETRÓLEO E PRODUTOS DE CARVÃO	1.069	0,2%	866	0,3%	777	0,3%
PRODUTOS DE BORRACHA	5.560	1,2%	2.974	0,9%	2.700	0,9%
PRODUTOS PLÁSTICOS	28.058	5,8%	18.781	5,7%	19.428	6,6%
CERÂMICA	5.793	1,2%	2.814	0,9%	2.531	0,9%
VIDRO	5.866	1,2%	3.092	0,9%	2.890	1,0%
OUTROS MINERAIS NÃO METÁLICOS	23.209	4,8%	12.821	3,9%	11.535	3,9%
FERRO E AÇO	8.809	1,8%	6.438	2,0%	6.309	2,1%
METAIS NÃO FERROSOS	1.956	0,4%	1.329	0,4%	1.235	0,4%
PRODUTOS DE METAL	24.833	5,1%	13.003	4,0%	10.996	3,7%
MAQUINARIA NÃO ELÉTRICA	18.989	3,9%	12.607	3,8%	10.689	3,6%
MAQUINARIA ELÉTRICA	19.444	4,0%	9.211	2,8%	9.025	3,0%
EQUIPAMENTO DE TRANSPORTE	20.151	4,2%	8.849	2,7%	8.476	2,9%
INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS E PROFISSIONAIS	3.548	0,7%	1.757	0,5%	1.681	0,6%
OUTRAS MANUFATURAS	7.889	1,6%	6.584	2,0%	5.876	2,0%

Fonte: PADI

Tabela 16 - Uruguai - Estrutura do Emprego Industrial

Indústria de Transformação	1995		2000		2003	
	Quant.	Estr. %	Quant.	Estr. %	Quant.	Estr. %
	112.394	100,0%	84.519	100,0%	66.546	100,0%
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS						
BEBIDAS	36.820	32,8%	31.642	37,4%	30.064	45,2%
TABACO	4.232	3,8%	3.020	3,6%	1.735	2,6%
TEXTEIS	468	0,4%	566	0,7%	501	0,8%
ROUPAS	9.659	8,6%	5.548	6,6%	4.360	6,6%
PRODUTOS DE COURO	9.919	8,8%	6.326	7,5%	2.958	4,4%
CALÇADO	2.755	2,5%	2.139	2,5%	2.254	3,4%
PRODUTOS DE MADEIRA	2.329	2,1%	414	0,5%	499	0,7%
MÓVEIS	1.118	1,0%	780	0,9%	628	0,9%
PAPEL E CELULOSA	2.068	1,8%	1.533	1,8%	1.126	1,7%
IMPrensa e publicações	2.289	2,0%	1.499	1,8%	1.281	1,9%
INDÚSTRIA QUÍMICA	5.809	5,2%	4.495	5,3%	2.981	4,5%
OUTROS QÍMICOS	1.152	1,0%	856	1,0%	620	0,9%
REFINARIAS DE PETRÓLEO	4.800	4,3%	3.909	4,6%	3.161	4,8%
PETRÓLEO E PRODUTOS DE CARVÃO	976	0,9%	1.065	1,3%	606	0,9%
PRODUTOS DE BORRACHA	108	0,1%	75	0,1%	43	0,1%
PRODUTOS PLÁSTICOS	1.584	1,4%	785	0,9%	138	0,2%
CERÂMICA	4.179	3,7%	3.225	3,8%	2.374	3,6%
VIDRO	1.522	1,4%	968	1,1%	745	1,1%
OUTROS MINERAIS NÃO METÁLICOS	585	0,5%	286	0,3%	376	0,6%
FERRO E AÇO	3.675	3,3%	3.251	3,8%	2.222	3,3%
METAIS NÃO FERROSOS	859	0,8%	746	0,9%	697	1,0%
PRODUTOS DE METAL	178	0,2%	115	0,1%	107	0,2%
MAQUINARIA NÃO ELÉTRICA	6.375	5,7%	4.027	4,8%	3.220	4,8%
MAQUINARIA ELÉTRICA	1.912	1,7%	1.190	1,4%	521	0,8%
EQUIPAMENTO DE TRANSPORTE	2.238	2,0%	1.582	1,9%	892	1,3%
INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS E PROFISSIONAIS	2.356	2,1%	2.738	3,2%	1.576	2,4%
OUTRAS MANUFATURAS	1.034	0,9%	818	1,0%	440	0,7%
	1.395	1,2%	921	1,1%	424	0,6%

Fonte: PADI

Tabela 17 - Brasil - Indicador de Produtividade da Mão de Obra

Produtividade da mão de obra dos EUA = 100

Setor	Produtividade dos EUA = 100			1995 = 100	
	1995	2000	2002	2000	2002
Ind. de Transformação	24,3	23,1	21,3	0,95	0,88
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	19,5	24,6	24,1	1,26	1,23
BEBIDAS	10,0	9,3	7,6	0,93	0,76
TABACO	9,4	13,5	5,9	1,44	0,63
TEXTEIS	37,5	55,9	51,0	1,49	1,36
ROUPAS	27,3	19,9	14,8	0,73	0,54
PRODUTOS DE COURO	15,2	11,6	8,0	0,76	0,53
CALÇADO	24,4	17,8	12,3	0,73	0,50
PRODUTOS DE MADEIRA	10,0	11,8	11,4	1,19	1,14
MÓVEIS	10,8	12,1	13,4	1,13	1,24
PAPEL E CELULOSA	39,5	32,9	33,5	0,83	0,85
IMPRENSA E PUBLICAÇÕES	39,0	57,6	56,5	1,48	1,45
INDÚSTRIA QUÍMICA	27,3	28,3	25,0	1,04	0,92
OUTROS QÍMICOS	14,0	13,7	12,4	0,98	0,89
REFINARIAS DE PETRÓLEO	173,3	327,4	205,3	1,89	1,18
PETRÓLEO E PRODUTOS DE CARVÃO	20,7	0,0	29,0	0,00	1,40
PRODUTOS DE BORRACHA	19,5	32,7	32,6	1,67	1,67
PRODUTOS PLÁSTICOS	22,0	20,7	20,6	0,94	0,94
CERÂMICA	12,9	14,8	14,6	1,15	1,14
VIDRO	17,6	19,0	18,8	1,08	1,07
OUTROS MINERAIS NÃO METÁLICOS	8,8	10,1	10,0	1,16	1,15
FERRO E AÇO	44,2	49,9	46,4	1,13	1,05
METAIS NÃO FERROSOS	59,4	74,1	68,9	1,25	1,16
PRODUTOS DE METAL	22,9	24,7	25,3	1,08	1,11
MAQUINARIA NÃO ELÉTRICA	18,3	14,3	11,8	0,78	0,65
MAQUINARIA ELÉTRICA	26,6	18,9	20,1	0,71	0,76
EQUIPAMENTO DE TRANSPORTE	29,2	34,0	32,8	1,17	1,12
INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS E PROFISSIONAIS	15,2	18,8	17,3	1,24	1,14
OUTRAS MANUFATURAS	22,0	21,1	19,7	0,96	0,90

Fonte: dados primários do PADI

Tabela 18 - Argentina - Indicador de Produtividade da Mão de Obra

Produtividade da mão de obra dos EUA = 100

Setor	Brecha de Produtividade - EUA:			1995 = 100	
	1995	2000	2003	2000	2003
Ind. de Transformação	45,8	45,9	42,0	1,00	0,92
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	53,9	67,8	63,4	1,26	1,18
BEBIDAS	27,7	36,1	39,8	1,30	1,44
TABACO	60,6	86,2	68,5	1,42	1,13
TEXTEIS	119,3	102,5	83,7	0,86	0,70
ROUPAS	43,7	32,9	32,0	0,75	0,73
PRODUTOS DE COURO	52,1	62,1	42,6	1,19	0,82
CALÇADO	43,0	48,0	41,1	1,12	0,95
PRODUTOS DE MADEIRA	16,4	22,4	22,8	1,37	1,39
MÓVEIS	41,5	54,9	39,6	1,32	0,95
PAPEL E CELULOSA	44,2	59,0	58,2	1,33	1,32
IMPRENSA E PUBLICAÇÕES	29,6	43,5	40,3	1,47	1,36
INDÚSTRIA QUÍMICA	31,0	41,1	42,9	1,32	1,38
OUTROS QÍMICOS	32,0	36,0	32,2	1,12	1,01
REFINARIAS DE PETRÓLEO	131,6	206,9	170,4	1,57	1,30
PETRÓLEO E PRODUTOS DE CARVÃO	82,8	106,2	212,6	1,28	2,57
PRODUTOS DE BORRACHA	41,9	50,6	71,2	1,21	1,70
PRODUTOS PLÁSTICOS	19,6	23,3	24,5	1,19	1,25
CERÂMICA	33,5	37,2	38,2	1,11	1,14
VIDRO	42,9	57,7	68,3	1,34	1,59
OUTROS MINERAIS NÃO METÁLICOS	11,6	12,5	12,9	1,08	1,11
FERRO E AÇO	107,1	127,3	133,1	1,19	1,24
METAIS NÃO FERROSOS	95,7	138,5	144,2	1,45	1,51
PRODUTOS DE METAL	46,0	42,5	43,5	0,92	0,95
MAQUINARIA NÃO ELÉTRICA	25,3	16,1	16,9	0,64	0,67
MAQUINARIA ELÉTRICA	28,0	27,0	17,8	0,96	0,63
EQUIPAMENTO DE TRANSPORTE	36,9	57,4	49,9	1,56	1,35
INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS E PROFISSIONAIS	11,6	10,0	8,7	0,86	0,75
OUTRAS MANUFATURAS	16,1	16,9	17,6	1,06	1,10

Fonte: dados primários do PADI

Tabela 19 - Chile - Indicador de Produtividade da Mão de Obra

produtividade da mão de obra dos EUA = 100

Setor	Produtividade dos EUA = 100			1995 = 100	
	1995	2000	2002	2000	2002
Ind. de Transformação	31,4	30,0	29,4	0,95	0,94
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	27,1	28,3	31,2	1,04	1,15
BEBIDAS	26,6	22,2	26,1	0,83	0,98
TABACO	175,0	263,5	307,6	1,51	1,76
TEXTEIS	25,5	27,3	26,5	1,07	1,04
ROUPAS	21,4	13,0	9,1	0,61	0,42
PRODUTOS DE COURO	31,3	29,9	21,1	0,96	0,67
CALÇADO	32,7	25,3	21,2	0,77	0,65
PRODUTOS DE MADEIRA	23,3	39,4	38,4	1,69	1,65
MÓVEIS	23,7	29,2	31,3	1,23	1,32
PAPEL E CELULOSA	61,4	59,1	67,9	0,96	1,10
IMPrensa e publicações	52,8	55,1	50,6	1,04	0,96
INDÚSTRIA QUÍMICA	37,3	44,0	39,3	1,18	1,05
OUTROS QÍMICOS	27,2	27,8	27,4	1,02	1,01
REFINARIAS DE PETRÓLEO	239,3	345,1	299,6	1,44	1,25
PETRÓLEO E PRODUTOS DE CARVÃO	55,8	101,6	87,7	1,82	1,57
PRODUTOS DE BORRACHA	16,5	18,1	21,3	1,09	1,29
PRODUTOS PLÁSTICOS	21,6	36,8	37,4	1,70	1,73
CERÂMICA	15,7	23,7	23,6	1,51	1,51
VIDRO	47,1	82,1	82,1	1,74	1,74
OUTROS MINERAIS NÃO METÁLICOS	50,0	60,7	63,0	1,21	1,26
FERRO E AÇO	54,8	73,5	71,5	1,34	1,30
METAIS NÃO FERROSOS	180,3	115,3	120,3	0,64	0,67
PRODUTOS DE METAL	29,8	41,9	38,8	1,40	1,30
MAQUINARIA NÃO ELÉTRICA	20,0	17,8	18,6	0,89	0,93
MAQUINARIA ELÉTRICA	18,3	11,8	8,8	0,64	0,48
EQUIPAMENTO DE TRANSPORTE	16,9	33,2	27,7	1,96	1,64
INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS E PROFISSIONAIS	19,2	9,0	8,3	0,47	0,43
OUTRAS MANUFATURAS	15,1	13,0	15,7	0,86	1,04

Fonte: dados primários do PADI

Tabela 20 - Bolívia - Indicador de Produtividade da Mão de Obra

produtividade da mão de obra dos EUA = 100

Setor	Produtividade dos EUA = 100			1995 = 100	
	1995	2000	2005	2000	2005
Ind. de Transformação	40,0	34,3	34,9	0,86	0,87
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	36,7	53,4	56,6	1,45	1,54
BEBIDAS	21,5	24,0	24,3	1,12	1,13
TABACO	27,0	24,2	35,2	0,90	1,30
TEXTEIS	23,4	17,7	18,1	0,76	0,77
ROUPAS	13,9	6,3	7,1	0,45	0,51
PRODUTOS DE COURO	22,2	41,3	30,7	1,86	1,38
CALÇADO	42,7	43,5	28,1	1,02	0,66
PRODUTOS DE MADEIRA	20,0	22,9	21,4	1,14	1,07
MÓVEIS	3,4	5,5	5,1	1,60	1,49
PAPEL E CELULOSA	3,9	7,9	6,3	2,04	1,64
IMPrensa e publicações	18,7	29,8	25,6	1,60	1,37
INDÚSTRIA QUÍMICA	10,4	17,1	14,8	1,63	1,41
OUTROS QÍMICOS	13,5	20,6	19,3	1,52	1,42
REFINARIAS DE PETRÓLEO	326,6	385,1	457,8	1,18	1,40
PETRÓLEO E PRODUTOS DE CARVÃO	0,0	0,0	0,0		
PRODUTOS DE BORRACHA	10,2	8,9	8,0	0,87	0,78
PRODUTOS PLÁSTICOS	20,9	23,4	27,4	1,12	1,32
CERÂMICA	0,0	0,0	0,0		
VIDRO	28,9	46,2	52,2	1,60	1,81
OUTROS MINERAIS NÃO METÁLICOS	26,8	22,8	25,1	0,85	0,93
FERRO E AÇO	18,8	13,7	14,7	0,73	0,78
METAIS NÃO FERROSOS	32,3	93,1	124,9	2,89	3,87
PRODUTOS DE METAL	15,5	12,0	14,7	0,78	0,95
MAQUINARIA NÃO ELÉTRICA	6,5	3,1	4,5	0,48	0,68
MAQUINARIA ELÉTRICA	11,5	6,1	5,4	0,53	0,47
EQUIPAMENTO DE TRANSPORTE	6,9	5,3	5,0	0,77	0,73
INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS E PROFISSIONAI	15,5	7,9	9,8	0,51	0,63
OUTRAS MANUFATURAS	449,7	126,6	145,7	0,28	0,32

Fonte: dados primários do PADI

Tabela 21 - Colômbia - Indicador de Produtividade da Mão de Obra

produtividade da mão de obra dos EUA = 100

Setor	Produtividade dos EUA = 100			1995 = 100	
	1995	2000	2002	2000	2002
Ind. de Transformação	27,0	27,8	29,1	1,03	1,08
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	32,1	36,1	45,3	1,12	1,41
BEBIDAS	24,1	33,2	49,0	1,38	2,03
TABACO	12,2	39,9	54,4	3,28	4,47
TEXTEIS	31,9	49,2	51,8	1,54	1,63
ROUPAS	21,0	27,8	19,1	1,32	0,91
PRODUTOS DE COURO	41,8	53,7	61,9	1,28	1,48
CALÇADO	13,2	15,5	15,2	1,17	1,15
PRODUTOS DE MADEIRA	29,9	34,0	28,2	1,14	0,94
MÓVEIS	16,4	5,3	5,8	0,33	0,35
PAPEL E CELULOSA	62,1	59,9	65,1	0,96	1,05
IMPRENSA E PUBLICAÇÕES	20,1	20,8	19,9	1,03	0,99
INDÚSTRIA QUÍMICA	31,4	58,9	52,0	1,87	1,66
OUTROS QÍMICOS	15,9	13,7	12,7	0,86	0,80
REFINARIAS DE PETRÓLEO	61,5	141,7	114,7	2,30	1,87
PETRÓLEO E PRODUTOS DE CARVÃO	43,1	49,5	51,0	1,15	1,18
PRODUTOS DE BORRACHA	30,0	31,0	31,4	1,03	1,05
PRODUTOS PLÁSTICOS	22,3	31,5	32,0	1,41	1,44
CERÂMICA	34,4	82,4	108,3	2,39	3,15
VIDRO	28,1	42,3	49,0	1,50	1,74
OUTROS MINERAIS NÃO METÁLICOS	20,6	22,9	23,2	1,11	1,13
FERRO E AÇO	41,2	68,3	63,5	1,66	1,54
METAIS NÃO FERROSOS	61,4	62,2	74,9	1,01	1,22
PRODUTOS DE METAL	31,6	43,2	47,9	1,37	1,51
MAQUINARIA NÃO ELÉTRICA	15,9	9,3	9,9	0,58	0,62
MAQUINARIA ELÉTRICA	9,4	9,0	9,7	0,96	1,03
EQUIPAMENTO DE TRANSPORTE	49,1	66,3	83,4	1,35	1,70
INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS E PROFISSIONAIS	13,0	25,6	32,2	1,97	2,47
OUTRAS MANUFATURAS	20,3	17,6	19,0	0,86	0,93

Fonte: dados primários do PADI

Tabela 22 - Uruguai - Indicador de Produtividade da Mão de Obra

produtividade da mão de obra dos EUA = 100

Setor	Produtividade dos EUA = 100			1995 = 100	
	1995	2000	2001	2000	2001
Ind. de Transformação	16,9	17,3	18,2	1,02	1,08
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	14,5	18,4	18,9	1,27	1,30
BEBIDAS	27,3	38,0	46,7	1,39	1,71
TABACO	65,6	84,8	90,9	1,29	1,39
TEXTEIS	18,5	17,4	21,9	0,94	1,18
ROUPAS	11,6	6,8	5,8	0,59	0,50
PRODUTOS DE COURO	40,1	50,5	49,8	1,26	1,24
CALÇADO	8,0	8,5	3,3	1,06	0,41
PRODUTOS DE MADEIRA	22,7	33,6	29,2	1,48	1,29
MÓVEIS	11,9	17,4	15,5	1,46	1,30
PAPEL E CELULOSA	15,5	28,1	30,8	1,81	1,99
IMPRENSA E PUBLICAÇÕES	19,8	22,5	25,7	1,14	1,30
INDÚSTRIA QUÍMICA	18,1	22,6	27,9	1,25	1,54
OUTROS QÍMICOS	15,2	10,3	10,6	0,68	0,70
REFINARIAS DE PETRÓLEO	72,1	93,7	143,0	1,30	1,98
PETRÓLEO E PRODUTOS DE CARVÃO	8,9	24,5	37,1	2,77	4,19
PRODUTOS DE BORRACHA	10,6	8,5	5,4	0,81	0,51
PRODUTOS PLÁSTICOS	23,2	25,0	24,6	1,08	1,06
CERÂMICA	23,4	39,1	29,2	1,67	1,25
VIDRO	11,6	19,1	15,2	1,65	1,31
OUTROS MINERAIS NÃO METÁLICOS	10,6	11,8	12,7	1,11	1,21
FERRO E AÇO	14,5	9,3	10,2	0,64	0,70
METAIS NÃO FERROSOS	54,4	73,0	80,2	1,34	1,47
PRODUTOS DE METAL	12,9	10,4	9,2	0,80	0,71
MAQUINARIA NÃO ELÉTRICA	9,8	11,1	8,7	1,13	0,89
MAQUINARIA ELÉTRICA	13,9	10,4	17,8	0,75	1,28
EQUIPAMENTO DE TRANSPORTE	18,7	21,7	18,3	1,16	0,98
INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS E PROFISSIONAIS	10,3	11,8	8,7	1,15	0,85
OUTRAS MANUFATURAS	13,5	16,2	18,0	1,20	1,33

Fonte: dados primários do PADI

Tabela 23 - América do Sul, Produção física de alguns setores

	1995	%	2000	%	2005	%
CIMENTO (mil t)	62454	100,0%	63520	100,0%	78779	100,0%
Brasil	28256	45,2%	30559	48,1%	36674	46,6%
Colômbia	9295	14,9%	7135	11,2%	9959	12,6%
Argentina	5477	8,8%	6121	9,6%	7595	9,6%
Venezuela	7672	12,3%	7526	11,8%	10000	12,7%
Peru	3792	6,1%	3658	5,8%	5062	6,4%
Chile	3275	5,2%	3377	5,3%	3999	5,1%
Equador	2549	4,1%	2800	4,4%	3000	3,8%
Outros	2138	3,4%	2344	3,7%	2490	3,2%
FERTILIZANTES (mil t)	2990	100,0%	3430	100,0%	3734	100,0%
Brasil	2284	76,4%	2622	76,4%	2609	69,9%
Venezuela	529	17,7%	342	10,0%	576	15,4%
Colômbia	102	3,4%	316	9,2%	22	0,6%
Argentina	58	1,9%	147	4,3%	524	14,0%
Peru	17	0,6%	3	0,1%	3	0,1%
AÇO (mil t)	34498	100,0%	39051	100,0%	45305	100,0%
Brasil	25076	72,7%	27866	71,4%	31620	69,8%
Venezuela	3578	10,4%	3835	9,8%	4943	10,9%
Argentina	3575	10,4%	4472	11,5%	5391	11,9%
Chile	1015	2,9%	1351	3,5%	1534	3,4%
Colômbia	741	2,1%	663	1,7%	860	1,9%
Peru	513	1,5%	752	1,9%	790	1,7%
Outros			112	0,3%	167	0,4%
LAM. PLANOS (mil t)	14518	100,0%	15769	100,0%	19661	100,0%
Brasil	10625	73,2%	11213	71,1%	14136	71,9%
Argentina	1987	13,7%	2139	13,6%	2438	12,4%
Venezuela	1438	9,9%	1807	11,5%	2207	11,2%
Chile	335	2,3%	371	2,4%	457	2,3%
Colombia	42	0,3%	165	1,0%	385	2,0%
Peru	91	0,6%	74	0,5%	38	0,2%
LAM. N. PLANOS	8419	100,0%	9845	100,0%	12263	100,0%
Brasil	5163	61,3%	6576	66,8%	7929	64,7%
Argentina	1151	13,7%	1148	11,7%	1479	12,1%
Venezuela	1116	13,3%	1051	10,7%	1309	10,7%
Colombia	650	7,7%	530	5,4%	904	7,4%
Peru	302	3,6%	506	5,1%	642	5,2%
Uruguai	37	0,4%	34	0,3%		0,0%
AUT.PASSAGEIROS (mil u.)	1636	100,0%	1643	100,0%	2290	100,0%
Brasil	1298	79,3%	1362	82,9%	2010	87,8%
Argentina	227	13,9%	239	14,5%	183	8,0%
Colombia	66	4,0%	22	1,3%	52	2,3%
Venezuela	45	2,8%	20	1,2%	45	2,0%
PAPEL (mil t)	6819	100,0%	8414	100,0%	10188	100,0%
Brasil	5798	85,0%	7200	85,6%	8597	84,4%
Argentina	1021	15,0%	1214	14,4%	1591	15,6%
Outros países	...		...			

TV a CORES (mil unid.)	7249	100,0%	7601	100,0%	12319	100,0%
Brasil	6300	86,9%	6045	79,5%	10692	86,8%
Argentina	949	13,1%	1556	20,5%	1627	13,2%
outros países	...		...		...	

Fontes: Anuário Estatístico da Cepal; IDEC/Argentina; ELETROS/Brasil; SUFRAMA/Brasil

XTOTAL

Tabela 24 - América do Sul - Exportações Totais

US\$ milhões correntes

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	45 881,4	36,5%	54 006,9	34,2%	118 139,6	38,9%
Argentina	20 950,7	16,7%	25 834,4	16,4%	39 620,6	13,0%
Colômbia	10 200,0	8,1%	13 112,8	8,3%	21 024,4	6,9%
Venezuela	18 914,0	15,1%	30 947,1	19,6%	51 355,9	16,9%
Chile	15 688,9	12,5%	17 804,2	11,3%	37 755,9	12,4%
Peru	5 391,6	4,3%	6 609,8	4,2%	17 822,4	5,9%
Equador	4 361,1	3,5%	4 926,4	3,1%	10 099,8	3,3%
Uruguai	2 096,9	1,7%	2 290,1	1,5%	3 392,2	1,1%
Paraguai	919,3	0,7%	871,0	0,6%	1 792,5	0,6%
Bolívia	1 178,2	0,9%	1 472,2	0,9%	2 794,8	0,9%
Total	125 582,1	100,0%	157 874,9	100,0%	303 798,1	100,0%

elaborado com base na somatória das tabelas setoriais

Tabela 24.1 - América do Sul - Exportações
Agricultura, Caça, Silvicultura e Pesca
 US\$ milhões

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	4 479,2	23,8%	5 552,3	28,6%	11 775,6	36,2%
Argentina	5 105,1	27,1%	5 290,4	27,2%	7 481,1	23,0%
Colômbia	3 055,9	16,3%	2 403,4	12,4%	3 362,6	10,3%
Venezuela	165,6	0,9%	226,1	1,2%	107,1	0,3%
Chile	2 459,7	13,1%	3 086,9	15,9%	4 662,8	14,3%
Peru	533,4	2,8%	551,0	2,8%	1 225,3	3,8%
Equador	2 022,0	10,8%	1 531,3	7,9%	2 379,8	7,3%
Uruguai	363,2	1,9%	275,4	1,4%	543,6	1,7%
Paraguai	496,2	2,6%	418,5	2,2%	818,8	2,5%
Bolívia	123,1	0,7%	111,8	0,6%	172,0	0,5%
Total	18803,4	100,0%	19447,1	100,0%	32528,7	100,0%

Fonte: Anuário Estatístico da CEPAL, 2006

Tabela 24.2 - América do Sul - Exportações**Mineração**

US\$ milhões

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	2 933,3	13,8%	3 661,3	9,9%	12 740,6	16,0%
Argentina	1 697,1	8,0%	3 605,5	9,7%	4 882,8	6,1%
Colômbia	2 490,0	11,7%	4 877,1	13,2%	6 540,8	8,2%
Venezuela	8 718,4	41,1%	18 505,7	50,0%	34 460,3	43,4%
Chile	2 559,7	12,1%	2 868,8	7,8%	9 387,9	11,8%
Peru	1 011,7	4,8%	911,4	2,5%	4 427,6	5,6%
Equador	1 398,3	6,6%	2 144,6	5,8%	5 397,9	6,8%
Uruguai	4,5	0,0%	2,9	0,0%	4,8	0,0%
Paraguai	1,0	0,0%	0,6	0,0%	1,6	0,0%
Bolívia	384,0	1,8%	423,2	1,1%	1 640,3	2,1%
Total	21198,0	100,0%	37001,1	100,0%	79484,6	100,0%

Fonte: Anuário Estatístico da CEPAL, 2006

Tabela 24.3 - América do Sul - Exportações
Outras indústrias, principalmente bens não duráveis
 US\$ milhões

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	4 022,7	41,1%	4 345,8	47,4%	6 415,0	48,6%
Argentina	1 986,7	20,3%	1 605,6	17,5%	1 623,9	12,3%
Colômbia	1 718,1	17,6%	1 331,3	14,5%	2 057,3	15,6%
Venezuela	142,6	1,5%	87,4	1,0%	59,0	0,4%
Chile	416,2	4,3%	371,7	4,1%	350,0	2,7%
Peru	522,2	5,3%	522,2	5,7%	1 584,7	12,0%
Equador	73,2	0,7%	94,4	1,0%	138,8	1,1%
Uruguai	673,3	6,9%	560,5	6,1%	587,2	4,5%
Paraguai	98,7	1,0%	101,4	1,1%	197,1	1,5%
Bolívia	126,0	1,3%	140,3	1,5%	176,1	1,3%
Total	9779,7	100,0%	9160,6	100,0%	13189,1	100,0%

Fonte: Anuário Estatístico da CEPAL, 2006

Tabela 24.4 - América do Sul - Exportações
Indústrias de Bens Intermediários
 US\$ milhões

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	15 569,6	37,6%	16 493,0	33,0%	35 250,4	36,5%
Argentina	3 592,8	8,7%	5 356,8	10,7%	9 734,3	10,1%
Colômbia	1 938,3	4,7%	3 075,3	6,1%	6 286,4	6,5%
Venezuela	8 875,1	21,4%	11 375,5	22,7%	15 668,7	16,2%
Chile	8 023,2	19,4%	9 121,5	18,2%	19 290,3	20,0%
Peru	2 219,6	5,4%	3 298,0	6,6%	8 386,6	8,7%
Equador	409,6	1,0%	553,4	1,1%	899,7	0,9%
Uruguai	271,4	0,7%	374,5	0,7%	658,7	0,7%
Paraguai	135,1	0,3%	112,8	0,2%	153,5	0,2%
Bolívia	365,6	0,9%	258,0	0,5%	350,3	0,4%
Total	41400,3	100,0%	50018,8	100,0%	96678,9	100,0%

Fonte: Anuário Estatístico da CEPAL, 2006

Tabela 24.5 - América do Sul - Exportações
Alimentos, Bebidas e Fumo
 US\$ milhões

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	9 141,9	45,0%	7 533,6	38,2%	19 562,5	47,8%
Argentina	5 961,7	29,3%	6 372,3	32,3%	11 266,2	27,5%
Colômbia	609,0	3,0%	708,3	3,6%	1 225,1	3,0%
Venezuela	377,6	1,9%	258,8	1,3%	156,0	0,4%
Chile	1 868,0	9,2%	1 737,6	8,8%	3 249,8	7,9%
Peru	1 045,1	5,1%	1 231,1	6,2%	2 000,4	4,9%
Equador	346,6	1,7%	480,5	2,4%	955,3	2,3%
Uruguai	649,1	3,2%	870,6	4,4%	1 483,6	3,6%
Paraguai	178,4	0,9%	230,4	1,2%	607,9	1,5%
Bolívia	138,3	0,7%	319,0	1,6%	401,7	1,0%
Total	20315,7	100,0%	19742,2	100,0%	40908,5	100,0%

Fonte: Anuário Estatístico da CEPAL, 2006

Tabela 24.6 - América do Sul - Exportações**Indústrias Metal-Mecânicas**

US\$ milhões

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	9 734,7	69,1%	16 420,9	73,0%	32 395,5	79,0%
Argentina	2 607,3	18,5%	3 603,8	16,0%	4 632,3	11,3%
Colômbia	388,7	2,8%	717,4	3,2%	1 552,2	3,8%
Venezuela	634,7	4,5%	493,6	2,2%	904,8	2,2%
Chile	362,1	2,6%	617,7	2,7%	815,1	2,0%
Peru	59,6	0,4%	96,1	0,4%	197,8	0,5%
Equador	111,4	0,8%	122,2	0,5%	328,3	0,8%
Uruguai	135,4	1,0%	206,2	0,9%	114,3	0,3%
Paraguai	9,9	0,1%	7,3	0,0%	13,6	0,0%
Bolívia	41,2	0,3%	219,9	1,0%	54,4	0,1%
Total	14085,0	100,0%	22505,1	100,0%	41008,3	100,0%

Fonte: Anuário Estatístico da CEPAL, 2006

XESTRUTURA

Tabela 24.7 - América do Sul, Estrutura das Exportações, por país

Exportações Totais por País = 100%

País	Agricultura			Mineração			Indústrias de Bens Duráveis			Alimentos, Bebidas e Fumo			Bens Intemediários			Inds Metal-Mecânicas		
	1995	2000	2005	1995	2000	2005	1995	2000	2005	1995	2000	2005	1995	2000	2005	1995	2000	2005
Brasil	9,8%	10,3%	10,0%	6,4%	6,8%	10,8%	8,8%	8,0%	5,4%	19,9%	13,9%	16,6%	33,9%	30,5%	29,8%	21,2%	30,4%	27,4%
Argentina	24,4%	20,5%	18,9%	8,1%	14,0%	12,3%	9,5%	6,2%	4,1%	28,5%	24,7%	28,4%	17,1%	20,7%	24,6%	12,4%	13,9%	11,7%
Colômbia	30,0%	18,3%	16,0%	24,4%	37,2%	31,1%	16,8%	10,2%	9,8%	6,0%	5,4%	5,8%	19,0%	23,5%	29,9%	3,8%	5,5%	7,4%
Venezuela	0,9%	0,7%	0,2%	46,1%	59,8%	67,1%	0,8%	0,3%	0,1%	2,0%	0,8%	0,3%	46,9%	36,8%	30,5%	3,4%	1,6%	1,8%
Chile	15,7%	17,3%	12,3%	16,3%	16,1%	24,9%	2,7%	2,1%	0,9%	11,9%	9,8%	8,6%	51,1%	51,2%	51,1%	2,3%	3,5%	2,2%
Peru	9,9%	8,3%	6,9%	18,8%	13,8%	24,8%	9,7%	7,9%	8,9%	19,4%	18,6%	11,2%	41,2%	49,9%	47,1%	1,1%	1,5%	1,1%
Equador	46,4%	31,1%	23,6%	32,1%	43,5%	53,4%	1,7%	1,9%	1,4%	7,9%	9,8%	9,5%	9,4%	11,2%	8,9%	2,6%	2,5%	3,3%
Uruguai	17,3%	12,0%	16,0%	0,2%	0,1%	0,1%	32,1%	24,5%	17,3%	31,0%	38,0%	43,7%	12,9%	16,4%	19,4%	6,5%	9,0%	3,4%
Paraguai	54,0%	48,0%	45,7%	0,1%	0,1%	0,1%	10,7%	11,6%	11,0%	19,4%	26,5%	33,9%	14,7%	13,0%	8,6%	1,1%	0,8%	0,8%
Bolívia	10,4%	7,6%	6,2%	32,6%	28,7%	58,7%	10,7%	9,5%	6,3%	11,7%	21,7%	14,4%	31,0%	17,5%	12,5%	3,5%	14,9%	1,9%
Total	15,0%	12,3%	10,7%	16,9%	23,4%	26,2%	7,8%	5,8%	4,3%	16,2%	12,5%	13,5%	33,0%	31,7%	31,8%	11,2%	14,3%	13,5%

elaborado com base nas tabelas setoriais

Tabela 25 - América do Sul - Importações Totais

US\$ milhões

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	53 719,8	40,6%	60 745,1	41,1%	77 522,2	36,7%
Argentina	20 096,1	15,2%	25 089,1	17,0%	28 558,1	13,5%
Colômbia	13 820,6	10,4%	12 269,3	8,3%	21 007,5	9,9%
Venezuela	10 784,1	8,2%	14 278,0	9,7%	21 776,0	10,3%
Chile	14 709,9	11,1%	16 587,6	11,2%	29 707,8	14,1%
Peru	7 579,1	5,7%	7 564,0	5,1%	12 476,8	5,9%
Equador	4 192,2	3,2%	3 813,4	2,6%	10 412,2	4,9%
Uruguai	2 864,8	2,2%	3 586,7	2,4%	3 877,1	1,8%
Paraguai	3 125,1	2,4%	2 062,2	1,4%	3 739,6	1,8%
Bolívia	1 393,9	1,1%	1 880,8	1,3%	2 331,7	1,1%
Total	132 285,6	100,0%	147 876,2	100,0%	211 409,0	100,0%

Tabela 25.1 - América do Sul - Importações de Bens de Consumo
US\$ milhões

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	8 778,9	39,2%	5 711,8	25,4%	6 999,4	24,1%
Argentina	3 344,7	14,9%	4 746,3	21,1%	3 383,7	11,6%
Colômbia	1 619,3	7,2%	1 942,0	8,6%	2 989,5	10,3%
Venezuela	1 861,3	8,3%	3 199,5	14,2%	4 898,5	16,9%
Chile	2 517,4	11,2%	3 218,6	14,3%	4 759,9	16,4%
Peru	1 397,1	6,2%	1 272,4	5,7%	2 046,0	7,0%
Equador	631,4	2,8%	645,0	2,9%	2 032,8	7,0%
Uruguai	684,6	3,1%	862,8	3,8%	666,6	2,3%
Paraguai	1 355,1	6,1%	553,8	2,5%	910,1	3,1%
Bolívia	190,9	0,9%	364,4	1,6%	374,4	1,3%
Total	22 380,7	100,0%	22 516,6	100,0%	29 060,9	100,0%

Fonte: Boletim Estatístico da CEPAL – 2006

Tabela 25.2 - América do Sul - Importações Totais
Bens Intermediários
 US\$ milhões

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	29 327,6	43,30%	37 100,4	45,97%	52 394,9	43,22%
Argentina	10 114,9	14,93%	12 223,4	15,15%	15 263,1	12,59%
Colômbia	6 832,8	10,09%	6 607,8	8,19%	11 030,3	9,10%
Venezuela	5 813,3	8,58%	6 240,4	7,73%	8 318,1	6,86%
Chile	6 869,7	10,14%	8 406,3	10,42%	15 384,9	12,69%
Peru	3 815,7	5,63%	4 199,2	5,20%	7 638,1	6,30%
Equador	2 120,4	3,13%	2 152,4	2,67%	5 561,4	4,59%
Uruguai	1 360,7	2,01%	1 931,5	2,39%	2 516,5	2,08%
Paraguai	854,7	1,26%	961,0	1,19%	1 784,2	1,47%
Bolívia	617,3	0,91%	881,1	1,09%	1 324,7	1,09%
Total	67 727,1	100,00%	80 703,5	100,00%	121 216,2	100,00%

Fonte: Boletim Estatístico da CEPAL – 2006

Tabela 25.3- América do Sul - Importações de Bens de Capital
US\$ milhões

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	11 844,1	35,1%	14 005,6	38,7%	15 781,7	30,6%
Argentina	5 769,7	17,1%	7 319,7	20,2%	8 174,6	15,9%
Colômbia	4 268,4	12,6%	2 793,1	7,7%	6 124,9	11,9%
Venezuela	2 468,9	7,3%	3 975,0	11,0%	6 842,0	13,3%
Chile	4 559,2	13,5%	4 115,1	11,4%	7 968,2	15,5%
Peru	1 999,0	5,9%	1 720,0	4,8%	2 479,6	4,8%
Equador	1 120,6	3,3%	721,8	2,0%	2 268,4	4,4%
Uruguai	598,1	1,8%	586,9	1,6%	611,2	1,2%
Paraguai	675,2	2,0%	379,0	1,0%	778,1	1,5%
Bolívia	485,6	1,4%	535,2	1,5%	526,6	1,0%
Total	33 788,8	100,0%	36 151,4	100,0%	51 555,3	100,0%

Fonte: Boletim Estatístico da CEPAL – 2006

Tabela 25.4 - América do Sul - Importações de Combustíveis e Lubrificantes
Combustíveis e Lubrificantes
 US\$ milhões

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	626,6	54,6%	784,1	62,1%	1 506,7	68,6%
Argentina	93,6	8,2%	26,5	2,1%	134,7	6,1%
Colômbia	238,9	20,8%	64,9	5,1%	3,9	0,2%
Venezuela	3,2	0,3%	225,7	17,9%	15,3	0,7%
Chile	21,7	1,9%	105,7	8,4%	388,6	17,7%
Peru	15,2	1,3%	20,3	1,6%	56,9	2,6%
Equador	25,6	2,2%		0,0%	6,5	0,3%
Uruguai	17,7	1,5%	1,8	0,1%	5,3	0,2%
Paraguai	104,8	9,1%	33,1	2,6%	75,8	3,5%
Bolívia		0,0%		0,0%	1,5	0,1%
Total	1 147,3	100,0%	1 262,1	100,0%	2 195,2	100,0%

Fonte: Boletim Estatístico da CEPAL – 2006

Tabela 25.5 - América do Sul - Importações de Automóveis de Passageiros
US\$ milhões

Países	1995		2000		2005	
	Valor	part. %	Valor	part. %	Valor	part. %
Brasil	3 143,2	43,40%	1 248,5	27,70%	839,5	11,37%
Argentina	773,2	10,68%	797,8	17,70%	1 602,0	21,70%
Colômbia	861,5	11,89%	314,1	6,97%	858,9	11,64%
Venezuela	637,4	8,80%	893,0	19,82%	1 702,1	23,06%
Chile	741,9	10,24%	629,4	13,97%	1 206,2	16,34%
Peru	352,1	4,86%	196,2	4,35%	256,2	3,47%
Equador	294,2	4,06%	198,2	4,40%	543,1	7,36%
Uruguai	203,7	2,81%	81,5	1,81%	77,5	1,05%
Paraguai	135,3	1,87%	84,7	1,88%	191,4	2,59%
Bolívia	100,1	1,38%	63,2	1,40%	104,5	1,42%
Total	7 242,6	100,00%	4 506,6	100,00%	7 381,4	100,00%

Fonte: Boletim Estatístico da CEPAL – 2006

Tabela 25.6 América do Sul – Estrutura das Importações, por país

Exportações Totais por País = 100%

País	Bens de Consumo			Bens Intermediários			Bens de Capital	
	1995	2000	2005	1995	2000	2005	1995	2000
Brasil	16,3%	9,4%	9,0%	54,6%	61,1%	67,6%	22,0%	23,1%
Argentina	16,6%	18,9%	11,8%	50,3%	48,7%	53,4%	28,7%	29,2%
Colômbia	11,7%	15,8%	14,2%	49,4%	53,9%	52,5%	30,9%	22,8%
Venezuela	17,3%	22,4%	22,5%	53,9%	43,7%	38,2%	22,9%	27,8%
Chile	17,1%	19,4%	16,0%	46,7%	50,7%	51,8%	31,0%	24,8%
Peru	18,4%	16,8%	16,4%	50,3%	55,5%	61,2%	26,4%	22,7%
Equador	15,1%	16,9%	19,5%	50,6%	56,4%	53,4%	26,7%	18,9%
Uruguai	23,9%	24,1%	17,2%	47,5%	53,9%	64,9%	20,9%	16,4%
Paraguai	43,4%	26,9%	24,3%	27,3%	46,6%	47,7%	21,6%	18,4%
Bolívia	13,7%	19,4%	16,1%	44,3%	46,8%	56,8%	34,8%	28,5%
Total	16,9%	15,2%	13,7%	51,2%	54,6%	57,3%	25,5%	24,4%

elaborado com base nas tabelas setoriais

2005	Combust. e Lubrif.			Veíc. de Passageiros		
	1995	2000	2005	1995	2000	2005
20,4%	1,2%	1,3%	1,9%	5,9%	2,1%	1,1%
28,6%	0,5%	0,1%	0,5%	3,8%	3,2%	5,6%
29,2%	1,7%	0,5%	0,0%	6,2%	2,6%	4,1%
31,4%	0,0%	1,6%	0,1%	5,9%	6,3%	7,8%
26,8%	0,1%	0,6%	1,3%	5,0%	3,8%	4,1%
19,9%	0,2%	0,3%	0,5%	4,6%	2,6%	2,1%
21,8%	0,6%	0,0%	0,1%	7,0%	5,2%	5,2%
15,8%	0,6%	0,1%	0,1%	7,1%	2,3%	2,0%
20,8%	3,4%	1,6%	2,0%	4,3%	4,1%	5,1%
22,6%	0,0%	0,0%	0,1%	7,2%	3,4%	4,5%
24,4%	0,9%	0,9%	1,0%	5,5%	3,0%	3,5%

Tabela 26 - América do Sul: Composição do Comércio Exterior de Produtos Industrializados da Região, por País
Ano: 1995

US\$ milhões

	Tradicionais						Elevada economia de escala e int. recursos naturais						Bens duráveis e componentes						Difusores de Progresso Técnico						TOTAL INDUSTRIALIZADOS					
	X		M		X-M	X		M		X-M	X		M		X-M	X		M		X-M	X		M		X-M	X		M		X-M
Discr.	Valor	%	Valor	%	Valor	Valor	%	Valor	%	Valor	Valor	%	Valor	%	Valor	Valor	%	Valor	%	Valor	Valor	%	Valor	%	Valor	Valor	%	Valor	%	Valor
Brasil	14.510	38,2%	8.473	18,4%	6.038	14.062	37,0%	13.847	30,1%	215	3.451	9,08%	6.904	15,0%	-3.453	5.964	15,7%	16.708	36,4%	-10.745	37.986	100%	45.932	100%	-7.945					
Argentina	6.391	45,7%	3.574	18,9%	2.817	4.873	34,9%	5.246	27,7%	-373	1.401	10,03%	2.746	14,5%	-1.344	1.314	9,4%	7.376	38,9%	-6.061	13.980	100%	18.941	100%	-4.962					
Bolívia	308	57,3%	235	18,2%	73	189	35,1%	354	27,4%	-165	4	0,76%	244	18,9%	-240	37	6,9%	459	35,5%	-422	537	100%	1.292	100%	-754					
Chile	3.009	28,8%	2.799	21,7%	210	7.100	67,9%	3.211	24,9%	3.889	169	1,62%	2.420	18,8%	-2.251	184	1,8%	4.441	34,5%	-4.257	10.462	100%	12.871	100%	-2.409					
Colômbia	2.572	57,8%	1.977	15,4%	595	1.462	32,8%	4.284	33,3%	-2.822	131	2,95%	1.998	15,5%	-1.867	287	6,4%	4.605	35,8%	-4.318	4.453	100%	12.865	100%	-8.412					
Equador	522	62,1%	601	15,6%	-78	210	25,0%	1.324	34,4%	-1.114	66	7,81%	758	19,7%	-692	44	5,2%	1.168	30,3%	-1.124	842	100%	3.850	100%	-3.008					
Perú	1.608	47,8%	1.410	21,2%	199	1.702	50,6%	1.870	28,2%	-169	5	0,15%	1.176	17,7%	-1.171	47	1,4%	2.183	32,9%	-2.136	3.362	100%	6.639	100%	-3.277					
Paraguai	308	74,9%	973	32,6%	-666	89	21,7%	523	17,5%	-434	2	0,47%	774	25,9%	-772	12	2,9%	717	24,0%	-705	411	100%	2.987	100%	-2.577					
Uruguai	1.359	80,3%	674	27,2%	684	180	10,6%	661	26,6%	-481	102	6,00%	469	18,9%	-367	53	3,1%	678	27,3%	-625	1.693	100%	2.482	100%	-789					
Venezuela	784	8,0%	2.299	23,4%	-1.516	8.399	85,9%	2.993	30,4%	5.407	450	4,60%	1.389	14,1%	-939	141	1,4%	3.153	32,1%	-3.012	9.774	100%	9.834	100%	-60					
Total	31.371	37,6%	23.015	19,6%	8.356	38.266	45,8%	34.313	29,2%	3.953	5.781	6,92%	18.877	16,0%	-13.097	8.081	9,7%	41.487	35,3%	-33.406	83.499	100%	117.693	100%	-34.193					

Fonte: dados primários CEPAL. Classificação segundo utilizada em "El comércio de manufaturas na américa latina, evolução e estrutura 62-89 (Informe da CEPAL 88/92)

Tabela 27 - América do Sul: Composição do Comércio Exterior de Produtos Industrializados da Região, por País
Ano: 2000
Em US\$ milhões

Discr.	Tradicionalis					De elevada economia de escala e int. recursos naturais					Bens duráveis e componentes					Difusores de Progresso Técnico					TOTAL INDUSTRIALIZADOS				
	X		M		X-M	X		M		X-M	X		M		X-M	X		M		X-M	X		M		X-M
	Valor	%	Valor	%	Valor	Valor	%	Valor	%	Valor	Valor	%	Valor	%	Valor	Valor	%	Valor	%	Valor	Valor	%	Valor	%	Valor
Brasil	14.616	33,0%	5.464	10,9%	9.152	13.547	30,56%	16.688	33,2%	-3.141	4.982	11,24%	4.359	8,7%	623	11.178	25,22%	23.690	47,2%	-12.512	44.323	100%	50.201	100%	-5.879
Argentina	6.915	40,9%	4.541	19,2%	2.374	6.057	35,82%	6.217	26,2%	-161	2.045	12,09%	3.433	14,5%	-1.389	1.893	11,19%	9.503	40,1%	-7.610	16.909	100%	23.694	100%	-6.785
Bolivia	445	52,5%	445	25,9%	0	187	22,05%	502	29,2%	-315	12	1,43%	178	10,4%	-166	204	24,05%	593	34,5%	-389	848	100%	1.718	100%	-870
Chile	3.073	26,3%	3.517	26,3%	-445	8.021	68,60%	3.297	24,7%	4.725	281	2,41%	2.028	15,2%	-1.746	318	2,72%	4.519	33,8%	-4.201	11.693	100%	13.361	100%	-1.668
Colômbia	2.428	41,9%	2.074	19,2%	354	2.517	43,41%	3.903	36,1%	-1.386	305	5,27%	944	8,7%	-639	549	9,47%	3.878	35,9%	-3.329	5.800	100%	10.799	100%	-5.000
Equador	689	55,7%	608	18,2%	80	413	33,37%	1.267	37,9%	-854	72	5,79%	486	14,5%	-415	64	5,15%	983	29,4%	-919	1.237	100%	3.344	100%	-2.108
Perú	2.138	50,4%	1.354	21,7%	783	1.989	46,87%	2.036	32,6%	-47	15	0,35%	712	11,4%	-697	102	2,41%	2.138	34,3%	-2.036	4.244	100%	6.240	100%	-1.996
Paraguai	353	83,8%	663	32,1%	-310	59	13,93%	617	29,9%	-558	0.629	0,15%	245	11,9%	-245	9	2,16%	539	26,1%	-529	421	100%	2.063	100%	-1.642
Uruguai	1.519	77,4%	869	30,8%	650	220	11,22%	775	27,4%	-555	152	7,74%	383	13,5%	-231	72	3,68%	798	28,3%	-726	1.963	100%	2.825	100%	-862
Venezuela	325	19,9%	338	3,2%	-3.054	1.242	76,11%	3.252	30,6%	-2.009	0	0,00%	1.909	17,9%	-1.909	65	3,95%	5.140	48,3%	-5.076	1.632	100%	10.639	100%	-12.048
Total	32.500	36,5%	22.916	17,9%	9.584	34.252	38,46%	38.553	30,1%	-4.301	7.864	8,83%	14.678	11,5%	-6.814	14.453	16,23%	51.780	40,5%	-37.327	89.069	100%	127.927	100%	-38.858

Tabela 28 - América do Sul: Composição do Comércio Exterior de Produtos Industrializados da Região, por País
Ano: 2005

US\$ milhões

	Tradicionais					De elevada economia de escala e int. recursos naturais					Bens duráveis e componentes					Difusores de Progresso Técnico					TOTAL INDUSTRIALIZADOS				
	X		M		X-M	X		M		X-M	X		M		X-M	X		M		X-M	X		M		X-M
Discr.	Valor	%	Valor	%	Valor	Valor	%	Valor	%	Valor	Valor	%	Valor	%	Valor	Valor	%	Valor	%	Valor	Valor	%	Valor	%	Valor
Brasil	30.722	33,0%	6.721	10,7%	24.001	30.658	32,9%	21.985	35,0%	8.673	11.927	12,8%	5.295	8,4%	6.632	19.740	21,2%	28.855	45,9%	-9.114	93.047	100%	62.856	100%	30.191
Argentina	10.845	39,8%	3.512	13,1%	7.333	11.313	41,6%	8.349	31,2%	2.964	2.997	11,0%	4.866	18,2%	-1.868	2.059	7,6%	10.036	37,5%	-7.977	27.214	100%	26.762	100%	452
Bolívia	528	58,5%	467	21,1%	61	324	35,9%	899	40,5%	-575	5	0,6%	233	10,5%	-228	46	5,1%	620	28,0%	-575	903	100%	2.219	100%	-1.316
Chile	5.512	23,4%	5.247	22,4%	265	17.275	73,2%	6.341	27,1%	10.934	284	1,2%	4.170	17,8%	-3.887	516	2,2%	7.633	32,6%	-7.117	23.586	100%	23.391	100%	195
Colômbia	3.969	38,5%	3.062	15,5%	906	4.603	44,6%	6.717	33,9%	-2.115	801	7,8%	2.724	13,8%	-1.923	948	9,2%	7.288	36,8%	-6.340	10.320	100%	19.792	100%	-9.472
Equador	1.306	57,0%	1.709	17,9%	-403	682	29,8%	3.558	37,4%	-2.876	171	7,5%	1.576	16,5%	-1.405	132	5,8%	2.681	28,2%	-2.549	2.291	100%	9.524	100%	-7.233
Perú	3.890	42,9%	2.181	22,0%	1.709	4.903	54,1%	3.569	36,0%	1.334	19	0,2%	1.055	10,7%	-1.036	255	2,8%	3.096	31,3%	-2.842	9.067	100%	9.902	100%	-835
Paraguai	797	81,2%	696	19,6%	100	160	16,3%	1.212	34,1%	-1.052	2	0,2%	722	20,3%	-721	23	2,4%	920	25,9%	-897	982	100%	3.551	100%	-2.570
Uruguai	2.287	80,6%	748	26,4%	1.539	388	13,7%	1.023	36,1%	-635	75	2,7%	307	10,8%	-232	86	3,0%	757	26,7%	-672	2.836	100%	2.836	100%	1
Venezuela	540	8,7%	4.530	21,6%	-3.990	4.876	78,3%	4.084	19,5%	792	509	8,2%	4.333	20,7%	-3.824	305	4,9%	7.979	38,1%	-7.674	6.230	100%	20.926	100%	-14.696
Total	60.394	34,2%	28.874	15,9%	31.520	75.182	42,6%	57.737	31,8%	17.444	16.790	9,5%	25.281	13,9%	-8.491	24.109	13,7%	69.866	38,4%	-45.757	176.475	100%	181.759	100%	-5.283

Tabela 29 – América do Sul - Estrutura do Comércio Exterior de Produtos Industrializados, por categoria de produtos

Anos: 1995 e 2005

País	Tradicionais				elevada economia de escala/int. recursos naturais				Bens duráveis e componentes				Difusores de Progresso Técnico				TOTAL INDUSTRIALIZADOS			
	X		M		X		M		X		M		X		M		X		M	
	1995	2005	1995	2005	1995	2005	1995	2005	1995	2005	1995	2005	1995	2005	1995	2005	1995	2005	1995	2005
Brasil	46,3%	50,9%	36,8%	23,3%	36,7%	40,8%	40,4%	38,1%	59,7%	71,0%	36,6%	20,9%	73,8%	81,9%	40,3%	40,3%	45,5%	52,7%	39,4%	34,6%
Argentina	20,4%	18,0%	15,5%	12,2%	12,7%	15,0%	15,3%	14,5%	24,2%	17,9%	14,5%	19,2%	16,3%	8,5%	17,8%	17,8%	16,7%	15,4%	16,2%	14,7%
Bolívia	1,0%	0,9%	1,0%	1,6%	0,5%	0,4%	1,0%	1,6%	0,1%	0,0%	1,3%	0,9%	0,5%	0,2%	1,1%	1,1%	0,6%	0,5%	1,1%	1,2%
Chile	9,6%	9,1%	12,2%	18,2%	18,6%	23,0%	9,4%	11,0%	2,9%	1,7%	12,8%	16,5%	2,3%	2,1%	10,7%	10,7%	12,5%	13,4%	11,0%	12,9%
Colômbia	8,2%	6,6%	8,6%	10,6%	3,8%	6,1%	12,5%	11,6%	2,3%	4,8%	10,6%	10,8%	3,6%	3,9%	11,1%	11,1%	5,3%	5,8%	11,0%	10,9%
Equador	1,7%	2,2%	2,6%	5,9%	0,5%	0,9%	3,9%	6,2%	1,1%	1,0%	4,0%	6,2%	0,5%	0,5%	2,8%	2,8%	1,0%	1,3%	3,3%	5,2%
Perú	5,1%	6,4%	6,1%	7,6%	4,4%	6,5%	5,5%	6,2%	0,1%	0,1%	6,2%	4,2%	0,6%	1,1%	5,3%	5,3%	4,0%	5,1%	5,7%	5,4%
Paraguai	1,0%	1,3%	4,2%	2,4%	0,2%	0,2%	1,5%	2,1%	0,0%	0,0%	4,1%	2,9%	0,1%	0,1%	1,7%	1,7%	0,5%	0,6%	2,6%	2,0%
Uruguai	4,3%	3,8%	2,9%	2,6%	0,5%	0,5%	1,9%	1,8%	1,8%	0,4%	2,5%	1,2%	0,7%	0,4%	1,6%	1,6%	2,0%	1,6%	2,1%	1,6%
Venezuela	2,5%	0,9%	10,0%	15,7%	21,9%	6,5%	8,7%	7,1%	7,8%	3,0%	7,4%	17,1%	1,7%	1,3%	7,6%	7,6%	11,7%	3,5%	8,4%	11,5%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,9%	100,0%

elaborado com base nas tabelas 19 a 21

Tabela 30 - América do Sul - Grau de Abertura
Em porcentagem = $(X+M)/PIB$

País	1995	2000	2005	1995=100	
				2000	2005
Brasil	17,2	22,8	29,2	1,33	1,70
Argentina	19,7	22,4	44,3	1,14	2,25
Bolívia	49,7	49,4	69,2	0,99	1,39
Chile	55,8	61,3	75,4	1,10	1,35
Colômbia	35,5	40,9	43,0	1,15	1,21
Equador	54,0	68,1	63,3	1,26	1,17
Perú	30,7	34,9	43,6	1,14	1,42
Paraguai	130,7	86,9	99,0	0,66	0,76
Uruguai	38,1	40,3	57,3	1,06	1,50
Venezuela	49,9	47,9	62,3	0,96	1,25

Fonte: Anuário Estatístico da CEPAL - 2006
calculado com base em valores em dólares correntes

Tabela 31 - Brasil, Coeficientes de Exportação e Importação.

Exportações e Importações em relação ao valor bruto da produção (em %)

Setor	1995		2000		2002	
	Exp.	Imp.	Exp.	Imp.	Exp.	Imp.
Ind. De Transformação	13,5	16,3	15,0	16,9	18,3	15,9
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	19,7	7,8	16,5	3,3	23,3	2,7
BEBIDAS	1,2	6,4	0,8	3,7	0,5	4,3
TABACO	14,0	0,4	1,3	0,2	1,4	0,2
TEXTEIS	9,8	12,9	9,7	11,8	11,7	11,4
ROUPAS	4,5	5,4	6,1	4,0	5,4	3,7
PRODUTOS DE COURO	44,8	16,2	53,2	14,6	64,7	10,3
CALÇADO	24,5	3,0	32,0	0,8	32,0	0,9
PRODUTOS DE MADEIRA	38,0	2,5	45,5	1,9	46,2	1,5
MÓVEIS	9,0	2,8	12,1	3,9	15,1	3,3
PAPEL E CELULOSA	30,4	12,9	21,3	8,9	20,3	6,3
IMPRENSA E PUBLICAÇÕES	0,5	4,2	0,8	3,4	1,0	2,5
INDÚSTRIA QUÍMICA	18,4	47,3	13,9	35,5	16,7	40,6
OUTROS QÍMICOS	4,5	10,2	4,5	14,6	5,7	18,4
REFINARIAS DE PETRÓLEO	2,4	15,9	2,4	12,4	8,6	9,5
PETRÓLEO E PRODUTOS DE CARVÃO	0,1	1,5	0,0	0,0	0,4	3,8
PRODUTOS DE BORRACHA	16,8	23,4	19,0	18,9	22,6	22,6
PRODUTOS PLÁSTICOS	2,1	7,3	4,1	6,3	5,2	7,3
CERÂMICA	4,1	2,5	3,0	1,4	4,0	2,0
VIDRO	8,8	16,2	12,6	14,7	13,9	13,2
OUTROS MINERAIS NÃO METÁLICOS	9,3	4,5	10,1	3,7	12,4	3,6
FERRO E AÇO	33,6	4,0	24,6	5,0	27,7	4,8
METAIS NÃO FERROSOS	46,5	22,0	35,9	19,0	36,2	17,0
PRODUTOS DE METAL	7,6	9,7	8,0	10,2	7,6	10,5
MAQUINARIA NÃO ELÉTRICA	18,3	40,8	21,2	43,4	23,0	44,0
MAQUINARIA ELÉTRICA	8,4	34,5	14,8	49,6	22,0	52,9
EQUIPAMENTO DE TRANSPORTE	11,7	21,4	26,9	20,2	32,2	18,2
INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS E PROFISSIONAIS	10,1	71,3	19,2	91,3	20,6	100,3
OUTRAS MANUFATURAS	13,7	31,3	21,9	21,9	23,2	23,6

Fonte : PADI

Tabela 32 - Argentina , Coeficientes de Exportação e Importação.

Exportações e Importações em relação ao valor bruto da produção (em %)

Setor	1995		2000		2003	
	Exp.	Imp.	Exp.	Imp.	Exp.	Imp.
Ind. De Transformação	10,6	14,3	12,9	18,1	25,4	16,8
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	14,0	1,8	14,8	2,0	44,2	2,0
BEBIDAS	2,4	1,1	3,7	1,0	7,8	0,5
TABACO	2,2	0,2	2,2	0,6	2,1	2,5
TEXTEIS	6,3	6,7	9,5	18,9	13,7	22,8
ROUPAS	27,2	32,1	13,0	73,9	39,2	37,6
PRODUTOS DE COURO	152,0	7,2	108,1	14,0	122,3	7,0
CALÇADO	28,0	33,6	3,5	45,3	11,2	46,6
PRODUTOS DE MADEIRA	4,5	25,9	6,7	19,9	28,8	17,5
MÓVEIS	7,9	11,7	19,1	18,4	63,7	12,4
PAPEL E CELULOSA	5,8	13,7	7,2	17,9	12,6	13,7
IMPRENSA E PUBLICAÇÕES	10,1	13,8	7,6	18,7	10,6	9,6
INDÚSTRIA QUÍMICA	11,1	32,4	13,1	36,3	19,7	36,1
OUTROS QÍMICOS	6,5	14,7	9,9	19,8	16,5	25,4
REFINARIAS DE PETRÓLEO	9,8	10,4	15,4	4,4	39,4	4,6
PETRÓLEO E PRODUTOS DE CARVÃO	2,7	10,1	4,5	18,7	1,9	10,4
PRODUTOS DE BORRACHA	8,2	15,3	18,0	42,7	19,2	38,8
PRODUTOS PLÁSTICOS	15,6	80,7	18,7	69,4	28,6	56,4
CERÂMICA	3,0	19,4	3,7	35,9	5,2	26,8
VIDRO	9,5	16,2	6,8	26,3	10,4	16,1
OUTROS MINERAIS NÃO METÁLICOS	1,5	3,5	2,3	5,4	5,8	5,2
FERRO E AÇO	5,1	3,6	6,5	3,7	8,5	3,0
METAIS NÃO FERROSOS	6,8	5,3	8,0	4,7	11,4	3,4
PRODUTOS DE METAL	2,6	10,6	3,0	16,8	5,1	12,5
MAQUINARIA NÃO ELÉTRICA	20,6	123,0	30,1	172,7	42,9	161,7
MAQUINARIA ELÉTRICA	9,4	106,9	10,8	155,9	20,8	111,5
EQUIPAMENTO DE TRANSPORTE	13,6	25,7	23,6	32,8	39,3	40,1
INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS E PROFISSIONAIS	61,0	178,8	36,2	234,8	81,9	322,7
OUTRAS MANUFATURAS	114,7	270,3	52,7	557,6	114,5	536,9

Fonte: PADI

Tabela 33 - Chile , Coeficientes de Exportação e Importação.

Exportações e Importações em relação ao valor bruto da produção (em %)

Setor	1995		2000		2002	
	Exp.	Imp.	Export.	Import.	Export.	Import.
Ind. De Transformação	26,0	31,4	25,7	29,1	30,4	33,5
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	17,7	6,6	12,2	9,0	16,8	10,9
BEBIDAS	12,7	2,1	27,2	2,0	32,2	2,0
TABACO	0,1	0,8	1,1	0,3	1,5	0,5
TEXTEIS	8,1	42,4	17,2	62,6	20,5	82,3
ROUPAS	7,5	33,0	6,4	85,3	6,0	93,7
PRODUTOS DE COURO	9,2	32,4	34,5	75,9	24,0	54,5
CALÇADO	4,7	20,5	2,7	51,6	2,5	61,8
PRODUTOS DE MADEIRA	24,0	3,4	45,4	6,5	54,6	6,2
MÓVEIS	11,2	11,5	20,8	23,3	19,5	21,6
PAPEL E CELULOSA	51,2	13,6	60,8	17,2	49,4	14,6
IMPRENSA E PUBLICAÇÕES	12,9	8,2	9,7	8,2	10,4	13,6
INDÚSTRIA QUÍMICA	38,2	114,8	63,4	103,3	50,1	73,4
OUTROS QÍMICOS	3,3	21,1	5,2	30,9	8,3	39,7
REFINARIAS DE PETRÓLEO	1,2	9,9	4,0	10,1	6,9	15,3
PETRÓLEO E PRODUTOS DE CARVÃO	0,2	2,3	0,4	4,0	1,0	11,1
PRODUTOS DE BORRACHA	17,4	51,5	24,6	70,5	37,6	104,9
PRODUTOS PLÁSTICOS	3,1	14,8	5,0	26,7	7,1	34,7
CERÂMICA	14,7	32,3	18,6	49,4	20,6	42,4
VIDRO	4,1	52,2	10,0	39,0	10,5	32,7
OUTROS MINERAIS NÃO METÁLICOS	0,7	7,9	1,0	10,9	1,2	11,2
FERRO E AÇO	8,8	49,2	12,2	50,0	11,9	44,7
METAIS NÃO FERROSOS	89,5	2,4	47,7	1,1	55,6	1,3
PRODUTOS DE METAL	4,1	30,2	7,8	33,6	8,3	48,8
MAQUINARIA NÃO ELÉTRICA	10,1	294,4	18,6	321,5	26,9	453,8
MAQUINARIA ELÉTRICA	8,7	315,5	21,4	549,4	25,2	777,4
EQUIPAMENTO DE TRANSPORTE	14,3	191,5	34,2	197,4	52,3	339,3
INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS E PROFISSIONAIS	9,8	496,1	15,6	416,4	14,1	418,9
OUTRAS MANUFATURAS	45,0	287,1	41,2	380,6	48,9	214,5

Fonte: PADI

Tabela 34 - Colômbia , Coeficientes de Exportação e Importação.**Exportações e Importações em relação ao valor bruto da produção (em %)**

Setor	1995		2000		2002	
	Imp.	Exp.	Import.	Export	Import.	Export.
Ind. De Transformação	13,4	37,5	17,2	31,9	20,1	37,8
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	12,0	11,6	7,5	7,3	8,6	8,0
BEBIDAS	0,3	1,5	0,9	1,7	1,5	2,1
TABACO	0,1	2,4	8,8	18,5	19,4	16,5
TEXTEIS	9,8	13,4	16,0	34,6	15,4	40,8
ROUPAS	85,9	12,8	37,9	5,8	45,4	6,7
PRODUTOS DE COURO	110,7	22,0	91,4	20,0	93,0	25,2
CALÇADO	13,6	6,6	9,3	15,5	9,4	20,3
PRODUTOS DE MADEIRA	6,4	15,1	19,5	9,5	25,5	18,9
MÓVEIS	7,5	17,7	16,5	8,8	18,3	7,0
PAPEL E CELULOSA	7,6	27,3	9,4	23,5	14,9	27,1
IMPRENSA E PUBLICAÇÕES	15,1	10,5	15,7	7,3	18,6	8,9
INDÚSTRIA QUÍMICA	27,2	91,6	49,7	155,1	56,8	162,3
OUTROS QÍMICOS	6,7	18,1	18,7	22,7	19,6	29,2
REFINARIAS DE PETRÓLEO	39,6	53,4	27,4	7,1	29,3	7,1
PETRÓLEO E PRODUTOS DE CARVÃO	5,5	12,1	4,6	4,8	5,1	6,6
PRODUTOS DE BORRACHA	7,7	34,6	34,6	90,4	33,7	105,6
PRODUTOS PLÁSTICOS	4,7	7,6	6,1	11,2	7,5	12,9
CERÂMICA	7,0	5,8	6,4	4,1	12,8	5,7
VIDRO	8,3	20,0	20,8	20,8	30,8	21,9
OUTROS MINERAIS NÃO METÁLICOS	5,6	6,3	12,2	3,9	15,0	4,8
FERRO E AÇO	15,8	55,8	33,3	47,5	42,4	47,8
METAIS NÃO FERROSOS	105,2	125,1	31,0	84,1	63,0	72,4
PRODUTOS DE METAL	7,7	20,8	18,7	39,1	25,0	38,5
MAQUINARIA NÃO ELÉTRICA	11,7	312,5	22,8	279,0	25,3	318,1
MAQUINARIA ELÉTRICA	7,1	126,1	24,5	185,6	27,7	223,7
EQUIPAMENTO DE TRANSPORTE	3,9	94,7	26,2	110,4	28,5	140,5
INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS E PROFISSIONAIS	8,7	113,9	41,1	493,8	46,0	482,1
OUTRAS MANUFATURAS	165,3	57,3	42,8	40,7	52,9	47,2

Fonte: PADI

Tabela 35 - Uruguai , Coeficientes de Exportação e Importação.**Exportações e Importações em relação ao valor bruto da produção (em %)**

Setor	1995		2000		2005	
	Exp.	Imp.	Exp.	Imp.	Exp.	Imp.
Ind. De Transformação	17,7	25,6	22,8	32,2	20,9	30,8
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	18,9	5,9	25,7	8,2	19,1	7,8
BEBIDAS	8,9	3,4	7,0	3,4	11,0	4,9
TABACO	0,6	0,2	17,3	1,8	15,0	1,8
TEXTEIS	37,4	11,1	56,6	26,7	60,1	23,2
ROUPAS	39,9	13,4	45,9	25,3	41,2	33,1
PRODUTOS DE COURO	50,3	9,8	69,4	19,7	69,6	21,9
CALÇADO	25,3	34,2	44,6	116,9	22,9	117,2
PRODUTOS DE MADEIRA	20,1	86,2	49,9	133,2	37,7	137,8
MÓVEIS	26,9	43,4	37,8	103,7	57,3	99,1
PAPEL E CELULOSA	13,8	45,1	44,9	95,6	34,4	73,2
IMPRENSA E PUBLICAÇÕES	1,6	2,5	3,8	3,7	4,9	3,9
INDÚSTRIA QUÍMICA	38,6	169,0	52,3	224,8	56,4	262,8
OUTROS QÍMICOS	8,5	27,5	9,4	40,9	11,3	50,9
REFINARIAS DE PETRÓLEO	1,5	8,3	1,7	6,1	2,2	4,6
PETRÓLEO E PRODUTOS DE CARVÃO	0,0	67,7	0,0	112,7	0,1	112,8
PRODUTOS DE BORRACHA	41,4	37,3	125,5	108,7	117,1	102,8
PRODUTOS PLÁSTICOS	4,0	20,5	9,5	32,9	10,3	28,7
CERÂMICA	15,4	9,6	17,7	19,4	25,7	23,6
VIDRO	26,6	74,5	21,9	278,3	25,1	436,7
OUTROS MINERAIS NÃO METÁLICOS	5,9	13,9	9,2	10,2	10,7	10,8
FERRO E AÇO	7,5	43,2	14,4	59,3	13,7	51,7
METAIS NÃO FERROSOS	74,2	128,8	234,5	187,4	196,9	147,6
PRODUTOS DE METAL	2,3	27,5	3,7	60,3	4,2	59,0
MAQUINARIA NÃO ELÉTRICA	26,0	725,5	86,8	1292,0	65,2	1289,7
MAQUINARIA ELÉTRICA	12,2	180,0	13,3	415,5	12,9	385,2
EQUIPAMENTO DE TRANSPORTE	50,7	196,0	171,9	339,8	97,4	222,0
INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS E PROFISSIONAIS	9,2	122,8	12,5	123,0	11,6	105,7
OUTRAS MANUFATURAS	18,2	116,4	21,1	251,2	17,0	211,1

Fonte: PADI

Tabela 36- América do Sul e EUA, Gastos em Ciência e Tecnologia
Em US\$ milhões correntes

Países	1995		2000		2004		1995 = 100	
	Valor	Part. %	Valor	Part. %	Valor	Part.%	2000	2005
Brasil	9885,6	76,0%	7816,1	69,3%	7503,3	72,7%	0,79	0,76
Argentina	1252,7	9,6%	1430,0	12,7%	744,1	7,2%	1,14	0,59
Venezuela	474,5	3,6%	440,4	3,9%	278,8	2,7%	0,93	0,59
Chile	401,1	3,1%	394,9	3,5%	650,6	6,3%	0,98	1,62
Colômbia	441,9	3,4%	315,5	2,8%	252,2	2,4%	0,71	0,57
Equador	38,7	0,3%	31,2	0,3%	49,1	0,5%	0,81	1,27
Bolívia	...		47,2	0,4%	45,0	0,4%		
Paraguai	...		70,7	0,6%	58,8	0,6%		
Perú	469,5	3,6%	683,4	6,1%	700,6	6,8%	1,46	1,49
Uruguai	49,7	0,4%	47,8	0,4%	34,5	0,3%	0,96	0,69
				0,0%		0,0%		
América do Sul	13013,6	100,0%	11277,2	100,0%	10317,0	100,0%	0,87	0,79
EUA	183617,0	1411,0%	264634,0	2346,6%	312068,0	3228,4%	1,44	1,70

Fonte: dados primários da Rede de Indicadores de Ciência e Tecnologia Iberoamericana e Interamerica (RYCT)

Notas:

- . Chile, Uruguai e EUA, dispêndios em P&D
- . Equador, dados de 1995 referentes a 1996, 2000 referentes a 2001, e 2004, referentes a 2003
- . Bolívia e Uruguai, 2004 referem-se a dados de 2002
- . Paraguai dados de 2000, referentes a 2001
- . Peru, dados de 2004 referentes a 2003

Tabela 37 - América do Sul e EUA - Patentes Concedidas e Coeficiente de Invenção

Patentes Concedidas para Residentes (PC)

Coeficiente de Invenção (CI) = Patentes solicitadas por cada 100 mil habitantes

Países	1995			2000			
	CI	PC	Part.%	CI	PC	Part %	CI
Brasil	4,6	1445	72,3%	5,2	3025	91,6%	6,0
Argentina	2,0	198	9,9%	3,0	145	4,4%	2,1
Venezuela	1,2	180	9,0%	1,3	21	0,6%	0,9
Chile	2,2	22	1,1%	2,6	37	1,1%	3,7
Colômbia	0,4	87	4,4%	0,2	21	0,6%	0,2
Equador	0,6	15	0,8%	0,4	36	1,1%	0,4 ...
Bolívia	0,4 ...			0,4	1	0,0% ...	...
Paraguai	0,3	4	0,2%	0,2	3	0,1%	0,3
Perú	0,1	9	0,5%	0,2	9	0,3%	0,1
Uruguai	4,3	39	2,0%	1,0	3	0,1%	...
América do Sul		1999	100,0%		3301	100,0%	
EUA	47,2	55739	2788,3%	58,4	85068	2577,0%	64,5

Fonte: dados primários da RYCT

2004		1995 (PC) = 100	
PC	Part %	2000	2004
4066	93,6%	2,09	2,81
108	2,5%	0,73	0,55
92	2,1%	0,12	0,51
52	1,2%	1,68	2,36
11	0,3%	0,24	0,13
		2,40	
1	0,0%	0,75	0,25
13	0,3%	1,00	1,44
		0,08	
4343	100,0%	1,65	2,17
84271	1940,4%	1,53	1,51

**Tabela 38 - América do Sul e EUA, Gastos em Ciência e Tecnologia em relação ao PIB
(Em porcentagem)**

Países	1995		2000		2004		C&T/PIB (1995 = 100)	
	C&T/PIB (%)	EUA = 1,00	C&T/PIB (%)	EUA = 1,00	C&T/PIB (%)	EUA = 1,00	2000	2005
Brasil	1,40	0,56	1,30	0,48	1,28	0,48	0,93	0,91
Argentina	0,49	0,20	0,50	0,19	0,49	0,18	1,02	1,00
Venezuela	0,61	0,25	0,38	0,14	0,25	0,09	0,62	0,41
Chile	0,62	0,25	0,53	0,20	0,68	0,26	0,85	1,10
Colômbia	0,55	0,22	0,39	0,14	0,00	0,00	0,71	0,00
Equador	0,20	0,08	0,15	0,06	0,00	0,00	0,75	0,00
Bolívia	0,36	0,15	0,54	0,20	...		1,50	...
Paraguai	...		...		0,85	0,32		
Perú	0,88	0,35	1,30	0,48	1,16	0,44	1,48	1,32
Uruguai	0,28	0,11	0,24	0,09			0,86	...
EUA	2,48	1,00	2,70	1,00	2,66	1,00	1,09	1,07

Fonte: dados primários da RYCT

Notas:

- . Equador, dados de 1995 e 2000 referem-se a 1996 e 2001.
- . Bolívia, dado de 1995, refere-se a P&D.
- . Peru, dado de 2004, refere-se a 2003